



CARLA ROSANE DA COSTA ALVES

**MEMÓRIAS NA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO (CEU) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)**

CANOAS, 2020

CARLA ROSANE DA COSTA ALVES

**MEMÓRIAS NA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO (CEU) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS) - 1973 a 2019**

Relatório técnico apresentado para a defesa do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, na linha de pesquisa de Memória e Gestão Cultural, junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle.

Orientação: Prof.^a Dra. Maria de Lourdes Borges

CANOAS, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474m Alves, Carla Rosane da Costa.

Memórias na Casa do Estudante Universitário (CEU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) [manuscrito]: 1973 a 2019 / Carla Rosane da Costa Alves – 2020.

166 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2020.

“Orientação: Prof^a. Dra. Maria de Lourdes Borges”.

1. Memória social. 2. Casa de estudantes - UFRGS 3. Moradias estudantis - UFRGS. I. Borges, Maria de Lourdes. II. Título.

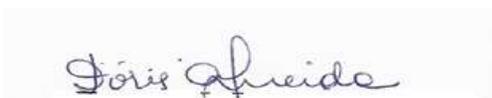
CDU: **316.7**

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

CARLA ROSANE DA COSTA ALVES

Trabalho Final aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Doris Bittencourt Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof. Dra. Cristina Vargas Cademartori
Universidade La Salle



Prof. Dr. Robson da Silva Constante
Universidade La Salle



Prof. Dra. Maria de Lourde Borges
Orientadora e Presidenta da Banca – Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 31 de agosto de 2020.

RESUMO

O presente relatório técnico tem por objetivo retratar as vivências de moradores(as) e ex-moradores(as) da Casa do Estudante Universitário da UFRGS (CEU), dando visibilidade ao processo de construção das memórias de representantes de diferentes décadas, desde sua inauguração. Resultou desta pesquisa o vídeo documentário “Há um passado no meu Presente – Memórias na Casa do Estudante da UFRGS”, produto final do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais. A metodologia empregada envolveu uma pesquisa qualitativa, a partir de dados de documentos e de nove entrevistas pautadas na história oral (ALBERTI, 2005). Os dados foram analisados segundo a Análise de Conteúdo Temática (MINAYO, 2004), onde foram elencadas as seguintes categorias: Memórias vergonhosas e preconceito; Sociabilidade, pertencimento e juventudes; Movimento Estudantil; e Memórias e vivências. Os resultados das análises mostram evidências de memórias vergonhosas e preconceito (POLLAK, 1989), bem como a presença de memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), pois percebiam-se como parte de culturas minoritárias e dominadas. Padrões referentes à situação econômica desprivilegiada, comportamento sexual e até mesmo ao gênero ajudaram a formar “comunidades afetivas” (POLLAK, 1989). Diferentes situações de contestação, do regime militar (1970) ao *impeachment* da presidenta (2010), passeatas por mais liberdades democráticas, ensino gratuito de qualidade, melhorias na qualidade e menor valor da alimentação servida no Restaurante Universitário, impactaram na sociabilidade e pertencimento (FEIXA; PORZIO, 2004), relações de apoio e solidariedade e na construção de uma subjetividade política (CASTRO, 2008). Foi evidenciado que as vivências na CEU foram significativas na constituição da identidade (LEÓN, 2005; POLLAK, 1992) dos entrevistados.

Palavras-chave: Casa de estudantes. Memórias social. Moradias estudantis.

ABSTRACT

This technical report aims to portray the experiences of residents and former residents of the UFRGS University Student House (CEU), as a living space, giving visibility to the process of building the memories of representatives of different decades since its inauguration. This research resulted in the documentary video “There is a past in my present – Memories at the UFRGS Student House”, the final product of the Professional Master's in Social Memory and Cultural Properties. The methodology used involved a qualitative research, based on data from documents and nine interviews based on oral history (ALBERTI, 2005). The data were analyzed according to the Thematic Content Analysis (MINAYO, 2004), where the following categories were listed: Shameful memories and prejudice; Sociability, belonging and youth; Student Movement; and Memories and experiences. The results of the analyzes show evidence of shameful memories and prejudice (POLLAK, 1989), as well as the presence of underground memories (POLLAK, 1989), as they perceived themselves as part of minority and dominated cultures. Patterns referring to underprivileged economic status, sexual behavior and even gender helped to form “affective communities.” (POLLAK, 1989). Different situations of contestation, from the military regime (1970) to the impeachment of the president (2010), marches for more democratic freedoms, free quality education, improvements in quality and lower value of the food served in the UK, impacted sociability and belonging (FEIXA; PORZIO, 2004), relationships of support and solidarity and in the construction of a political subjectivity (CASTRO, 2008). It was evidenced that the experiences in CEU were significant in the constitution of the identity (LEÓN, 2005; POLLAK, 1992) of the interviewees.

Keywords: Student house. Memoirs. Experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Publicações encontradas nas bases de dados sobre a CEU.....	16
Quadro 2 – Publicações encontradas nas bases de dados sobre casas de estudantes.....	18
Imagem 1 – Fachada da Casa do Estudante Universitário (CEU).....	39
Quadro 3 – Características dos respondentes do questionário exploratório.....	45
Quadro 4 – Entrevistados desta pesquisa.....	61
Quadro 5 - Análise dos resultados encontrados na plataforma <i>Youtube</i>	63
Quadro 6 – Roteiro do vídeo documentário “Há um passado no meu presente – Memórias na Casa do Estudante da UFRGS”	65
Quadro 7 – Compilação dos entrevistados por período de moradia na CEU.....	72
Quadro 8 – Representação gráfica da linha do tempo.....	123
Imagem 2 – Charge do jornal “O Cortiço”	125
Imagem 3 – Mulheres e homens se preparando, em frente à CEU, para a invasão feminina.....	127
Imagem 4 – Cartaz de Osmar Rodigheri elaborado para a “invasão” feminina em 29 de abril de 1980.....	127
Imagem 5 – Manifestantes refugiam-se na CEU, após sofrerem repressão pela polícia.....	128
Imagem 6 – Memória do registro do atentado.....	129

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema de pesquisa	14
1.2 Objetivos	15
1.3 Justificativa.....	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1 Memória Social	24
2.2 Memória, esquecimento e juventudes.....	26
3 A CEU COMO CONTEXTO EMPÍRICO.....	29
3.1 Assistência estudantil e as casas de estudantes.....	29
3.2 As Casas de Estudantes de Porto Alegre	32
3.2.1 <i>Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida - CEUACA</i>	<i>32</i>
3.2.2 <i>Associação Casa de Estudante Juventude Universitária Católica - Casa 7 - JUC7</i>	<i>34</i>
3.2.3 <i>Casa do Estudantil Universitária de Porto Alegre (CEUPA).....</i>	<i>34</i>
3.2 As casas de estudantes da UFRGS	35
3.2.1 <i>Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS).....</i>	<i>35</i>
3.2.2 <i>Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (CEFAV).....</i>	<i>37</i>
3.2.3 <i>Casa do Estudante Universitário (CEU)</i>	<i>38</i>
4 PERCURSO METODOLÓGICO	42
4.1 Percurso metodológico do relatório.....	42
4.1.1 <i>A escolha dos entrevistados.....</i>	<i>46</i>
4.1.2 <i>Aspectos práticos e teóricos das entrevistas.....</i>	<i>48</i>
4.1.3 <i>Considerações sobre a realização das entrevistas</i>	<i>49</i>
4.1.4 <i>Descrição do contexto de cada entrevista realizada</i>	<i>51</i>
4.1.5 <i>Sistematização das entrevistas realizadas.....</i>	<i>61</i>
4.2 Percurso metodológico do produto técnico	62
5 APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DOS DADOS	72
5.1 Percepções de morador da década de 1970 (morador 1974-1980): JF.....	73
5.1.1 <i>Sobre a Casa do Estudante Universitário.....</i>	<i>73</i>
5.1.2 <i>Sobre a atuação e participação no Movimento Estudantil.....</i>	<i>78</i>

5.1.3 Sobre as lutas por mudanças.....	81
5.1.4 Sobre o preconceito por ser morador da CEU	83
5.1.5 Sobre as memórias e vivências.....	84
5.2 Percepções de morador da década de 1970/80 (morador de 1979-1989): SN...	84
5.2.1 Sobre as transformações percebidas na CEU	85
5.2.2 Sobre a socialização na CEU.....	86
5.2.3 Sobre as trajetórias, percepções e vivências	86
5.2.4 Sobre as juventudes.....	87
5.3 Percepções de morador da década de 1980 (morador de 1980-1983): JM.....	89
5.3.1 Sobre o Movimento Estudantil e a efervescência da política nacional	90
5.3.1 Sobre as juventudes e a cultura	91
5.4 Percepções de morador da década de 1980 (moradora 1980-1982): TB	92
5.4.1 Sobre os processos de adaptação e sociabilidade	95
5.4.2 Sobre vivências, percepções e cultura	96
5.5 Percepções de morador da década de 1980 (moradora 1981-1982): AL	101
5.5.1 Sobre o comportamento das juventudes da época	102
5.6 Percepções de morador da década de 1990 (morador 1991-1996): MB	103
5.6.1 Sobre o cenário político da época e os atravessamentos na CEU.....	105
5.6.2 Sobre a adaptação na CEU.....	106
5.6.3 Sobre as vivências na CEU.....	107
5.7 Percepções de morador da década de 2000 (moradora 2002-2006): SB.....	108
5.7.1 Sobre os processos de integração e de socialização.....	110
5.8 Percepções de morador da década de 2010 (morador 2015-2019): CR.....	112
5.9 Percepções de moradora da década de 2010 (ingresso 2018/2): NT	117
6 APRESENTAÇÃO ANALÍTICA DOS DADOS	122
6.1 Linha do tempo dos momentos importantes identificados nos dados	123
6.1.1 Década de 1970	124
6.1.2 Década de 1980	126
6.1.3 Década de 1990	130
6.1.4 Década de 2000	131
6.1.5 Década de 2010	131

6.2 Discussão	132
6.2.1 <i>Memórias subterrâneas e preconceito</i>	132
6.2.2 <i>Sociabilidade, pertencimento e juventudes</i>	134
6.2.3 <i>Movimento Estudantil</i>	136
6.2.4 <i>Memórias e vivências</i>	137
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	152
APÊNDICE B – Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.....	153
APÊNDICE C – Roteiro de Questões Para Entrevistas	154
ANEXO A – Regimento Interno da CEU.....	155

1 INTRODUÇÃO

Iniciei¹ minha trajetória na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em abril de 1980, como bolsista da Pró-Reitoria de Assistência à Comunidade Universitária (PRUNI). Fui estudante da Escola Técnica de Comércio da UFRGS², e trabalhei no Departamento de Serviço Social (DSS), ao qual a Casa do Estudante Universitário (CEU) estava vinculada, já que este era o departamento responsável pela seleção dos moradores da CEU.

Em 30 de abril deste ano, logo que iniciei as atividades como bolsista, houve a invasão da CEU pelas mulheres. Naquele dia, como a Reitoria já estava ciente da mobilização dos estudantes e da realização do ato, as atividades do DSS foram encerradas antecipadamente, pois o confronto era uma possibilidade. Esse fato ficou marcado na minha memória, pois eu havia iniciado minhas atividades como bolsista na PRUNI no início do mês e logo aconteceu um fato tão marcante como esse, com grande repercussão na mídia: um marco na história da CEU.

Minha atuação como bolsista, entretanto, foi breve. Iniciei as atividades em abril e saí em agosto do mesmo ano devido ao fato de ter sido selecionada para uma vaga de emprego em uma metalúrgica e, por questões econômicas, deixei a vaga como bolsista. Fui selecionada para uma vaga no Zivi S/A³, onde trabalhei por dois anos no Setor de Exportação. Neste período, exerci atividades no setor de vendas, com listas de preços, e na Secretaria do Setor de Exportação.

No ano de 1982, ao sair do Zivi S/A, fui convidada a assumir como bolsista na PRUNI. Quando retornei à UFRGS, o DSS havia saído da CEU e estava no prédio da Engenharia Química⁴, o qual havia sido transferido para o Campus do Vale. Inicialmente, trabalhei com arquivos de documentos do DSS e, depois, fui assumindo novas funções, sempre relacionadas a atendimento aos alunos.

¹Ao apresentar a introdução deste relatório técnico, iniciarei contando minha inserção e interesse sobre o tema da Casa do Estudante Universitário (CEU). Por este motivo, tratando-se de vivências minhas, esta parte do presente relatório é escrita com o uso de verbos na primeira pessoa do singular.

²Atualmente, Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS.

³Empresa do setor metalúrgico.

⁴Atualmente, prédio do Centro Cultural da UFRGS.

Em 1984, para substituir uma colega que entrou em licença-maternidade, fui para o sétimo andar da Reitoria para trabalhar no setor financeiro da PRUNI. Permaneci lá por alguns meses, até ser convidada assumir como Secretária do Departamento de Assuntos Estudantis e fiquei responsável, dentre outras coisas, pelas Portarias de nomeação dos representantes discentes dos vários órgãos administrativos da UFRGS, diretórios e centros acadêmicos; pelo controle da distribuição das verbas a que os diretórios e centros acadêmicos tinham direito e pela averiguação da realização das eleições dos diretórios e centros acadêmicos. Ficavam, também, sob minha responsabilidade os encaminhamentos para liberação de verbas destinadas aos diretórios, centros acadêmicos, que eram liberadas em duas parcelas: no primeiro e no segundo semestre de cada ano, a exceção da Casa da Estudante da UFRGS (CEUFRGS⁵) e Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (CEFAV), liberadas mensalmente, desde que a prestação de contas da parcela anterior tivesse sido aprovada pelo Conselho de Curadores, um dos três conselhos superiores da UFRGS, responsável pela fiscalização econômico-financeira da Instituição. Essa atividade me oportunizou contatos com os estudantes que participavam ativamente da política estudantil da época.

Em 1990, ao retornar de minha licença-maternidade, assumi os estágios da UFRGS até o ano de 2013. Durante esse período, dentro de uma Pró-Reitoria responsável por programas aos alunos de baixa renda, incluindo o de casa de estudante, sempre estive envolvida com histórias de superação de jovens. Por diversas vezes, recebi convite para suas formaturas, às quais, sempre que podia, fazia questão de comparecer e parabenizar a eles e às suas famílias pela conquista. Assim, voltando um pouco no tempo, quando iniciei minhas atividades na PRUNI nos anos de 1980, a administração do DSS ficava à Av. João Pessoa, n.º 41, no 2º andar da CEU e, por essa proximidade, o contato com os moradores era maior. A administração da Casa ficava no mesmo andar e, em decorrência disso, podia observar a chegada dos novos moradores. Não posso negar a inveja sentida, pois, à época, pertencendo à mesma faixa etária que os moradores, e com o romantismo característico da idade, me identificava com a

⁵ A partir de 1988, tornou-se moradia mista e passou a chamar-se Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

situação e só conseguia ver o lado bom de sair de casa e conquistar o meu espaço. Este sentimento só aumentou com a conquista ao direito feminino de residir na CEU.

Externa à realidade, desconsidere as dificuldades enfrentadas pelos moradores, como o sentimento de exclusão e o estigma social de carência econômica. Conforme aponta um dos entrevistados da pesquisa, os moradores da CEU eram “[...] marcados como os pobres da universidade” (JF⁶). Percebe-se que ser morador da CEU era, e ainda é, um fato carregado de um preconceito vinculado à situação desprivilegiada desses jovens, que almejam melhores condições de vida através da conquista de uma graduação.

Quando retornei, em 1982, ainda que o atendimento não fosse mais realizado na CEU, esse contato com os moradores permaneceu, pois era no DSS que eles tinham que renovar, semestralmente, seus benefícios. Mais madura, aos 19 anos, eu não pensava mais em morar na CEU, mas continuavam a me chamar a atenção os jovens que vinham do interior, falavam baixo e nem olhavam nos olhos. Recém-chegados, sentiam-se deslocados. Alguns meses depois, porém, pouco restava do jovem tímido que havia atendido anteriormente.

Atuo como servidora nessa Instituição há 38 anos. Muitos dos alunos que atendi como moradores(as) e alunos(as), hoje são professores(as) na UFRGS. Outros, que atuaram na política estudantil e foram presidentes de centros e diretórios acadêmicos, membros de órgãos colegiados da Universidade, deixaram sua marca na Instituição e seguiram caminho na política. Espalharam-se pelo mundo e, hoje, são médicos(as), advogados(as), juízes(as), professores(as) e pesquisadores(as).

Depois, fui percebendo a importância da CEU na vida e no futuro de muitos jovens estudantes, o que me chamou a atenção para realizar este estudo. Neste viés, para Pais (2009), o período da juventude condiz com a saída da casa dos pais, principalmente no caso de pessoas oriundas de pequenos municípios, para darem início à vida adulta e conquistarem um diploma universitário e, também, com as implicações deste processo, como as conquistas e as decepções: são lembranças importantes para aqueles jovens.

⁶ JF, entrevistado em 06/09/2019.

Pollak (1992) afirma que há espaços ligados a uma memória, e que a marcam independentemente do período em que se deu a vivência. Para Halbwachs (2006), as pessoas são o resultado de um conjunto de memórias passadas, que provém de vivências coletivas, uma vez que não são exclusivas. Nesse sentido, a CEU proporcionou vivências coletivas que podem ter marcado os estudantes que por lá passaram.

A CEU foi uma das casas de estudantes de Porto Alegre, concebida para atender jovens estudantes vindos do interior do estado e do país. Conscientes dos problemas políticos pelos quais o país passava nos anos de 1970 e 1980, da saída de uma política mais “linha dura” para uma flexibilização e do regime civil militar para uma redemocratização, os moradores participavam dos movimentos de luta por direitos políticos e sociais. Organizaram-se politicamente quando criaram a Associação dos Moradores da CEU (AMCEU), eleita para representá-los junto à Reitoria, levando suas reivindicações por melhorias na Casa.

Desde o início, a trajetória da Casa foi marcada por reivindicações por parte dos estudantes. Silva (2004), em seus relatos, aponta que moradores lutavam por autonomia, pela flexibilização no rigorismo do Regimento Interno (Anexo A) imposto pela Reitoria, pela moradia mista e pela melhora na qualidade da comida do Restaurante Universitário, que resultou na invasão e no controle do restaurante por uma semana.

A despeito de sua importância, desde 1980 a CEU vem sofrendo com a deterioração por conta do tempo, ligada diretamente à falta de manutenção em sua infraestrutura. Isso ocorre, principalmente, devido à queda nos investimentos em educação, realidade comum às diversas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do país. Desde a fundação da CEU, o país passou por várias crises políticas e econômicas. O Brasil saiu de uma ditadura militar em que os investimentos na educação pública foram reduzidos, principalmente no ensino superior.

A partir da mudança na estrutura política, retomou-se a esperança de que a educação voltasse a ser prioridade no país. Entretanto, isso não se concretizou. Com as políticas neoliberais de privatizações, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) passaram por uma situação bastante difícil. Para Coggiola (1998), Fernando Henrique Cardoso só piorou a trágica situação em que se encontrava a educação do país com a emenda constitucional n.º 14 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que garantiam a

gratuidade somente ao ensino fundamental, desobrigando investimentos federais nos outros níveis de ensino. Tais medidas provocaram desmontes das IFES, como a falta de material básico, precarização de laboratórios, bibliotecas, restaurantes universitários e casas de estudantes.

Não é de hoje que um contingente significativo de jovens, vindos inicialmente do interior do estado a Porto Alegre, prepara-se para ingressar na UFRGS. Atualmente, com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a abertura da instituição é ainda maior, permitindo o ingresso de estudantes de todo o país. Se em anos passados o faziam por conta da inexistência de instituições de ensino superior próximas de suas residências, atualmente a escolha também é feita considerando o fato de que, em instituições federais ou estaduais, o ensino, além de ser de qualidade, é gratuito.

Salienta-se que a abordagem deste relatório técnico de pesquisa não está pautada em objetivos assistenciais, foco primordial da CEU, mas em sua importância como ambiente estudantil, compondo parte da memória das juventudes que frequentaram, ou que ainda frequentam o espaço. Esse contexto conduz ao problema de pesquisa, apresentado a seguir.

1.1 Problema de pesquisa

A percepção sobre as experiências dos jovens universitários na CEU conduz a uma abordagem sobre as vivências desses jovens e seu impacto na formação de suas memórias. Halbwachs (2006) discorre que as memórias se constroem em relação ao que foi vivenciado, elencando como a memória será construída e o que será rememorado por esses sujeitos. Com isso, torna-se interessante a discussão sobre a formação dos grupos desses moradores através de suas afinidades e o entendimento de como o conjunto dessas vivências estabeleceu vínculos que permitiram a esses moradores e ex-moradores a rememoração de sua passagem pela CEU.

Ao deixar a casa de seus pais, estes jovens vão à busca de uma inserção profissional que se dá pela socialização e que é importante na formação de novas memórias, individuais e coletivas (PAIS, 2009). Nessa nova etapa, ao precisarem assumir a responsabilidade por si próprios, se veem diante de um processo de amadurecimento

e de adaptação às novas rotinas. O afastamento do grupo familiar pode ser compreendido como um rito de passagem, a partir do qual os jovens objetivam a construção de suas vidas como adultos. (PAIS, 2009).

A partir destes pressupostos, e ao se traçar um paralelo sobre como a memória e as vivências na CEU foram importantes para moradores e ex-moradores, emergiu o seguinte problema de pesquisa: Como as vivências de moradores e ex-moradores, tendo a CEU como espaço de vivência, viabilizaram o processo da construção de suas memórias?

1.2 Objetivos

O objetivo geral do presente relatório técnico é o de produzir um registro audiovisual que retrate as vivências de moradores e ex-moradores, tendo a CEU como espaço de vivência, por meio da construção de um documentário que dê visibilidade ao processo na construção das memórias de representantes das diferentes décadas, desde a sua fundação.

Salienta-se que o produto final resultante deste relatório técnico foi um vídeo documentário, intitulado "Há um passado no meu Presente – Memórias na Casa do Estudante da UFRGS". O documentário tem duração de 13min26s e retrata as memórias e as vivências de moradores(as) e ex-moradores(as)

Os objetivos específicos deste relatório técnico são:

1. Fazer um levantamento da estrutura regulamentar da CEU, desde seu primeiro regulamento;
2. Examinar as vivências relatadas sobre residir na CEU, sob o ponto de vista de moradores e ex-moradores;
3. Buscar compreender e visibilizar as percepções e memórias de moradores e ex-moradores de diferentes décadas sobre sua passagem pela CEU.

1.3 Justificativa

O relatório técnico aqui apresentado está embasado em dois pontos principais: na importância da CEU da UFRGS como espaço para a efetivação do direito à igualdade de oportunidades acadêmicas, voltado a jovens oriundos de famílias de baixa renda, e na relevância dessa vivência para construção de suas memórias do período em que lá residem/residiam. Além disso, cabe destacar que a existência concreta da CEU, seus moradores e sua localização privilegiada – na região Central de Porto Alegre e perto de vários outros prédios da UFRGS – acabaram configurando-a como um dos principais lócus do movimento estudantil da UFRGS. Dessa forma, sua trajetória é permeada por histórias, lutas e reivindicações por melhorias nas condições da educação e mudanças políticas no país ao longo desses anos.

Para o levantamento inicial de dados, foram utilizadas as bases de dados *Google Acadêmico*, LUME – Repositório Digital UFRGS e Portal de Periódicos da CAPES. A pesquisa foi realizada com o uso dos descritores “casa de estudante”, “moradia estudantil” e “república estudantil”. Nesta pesquisa, foram encontradas apenas seis produções sobre memórias de casas de estudantes. Deste total, apenas dois trabalhos eram específicos sobre a CEU, embora as demais publicações encontradas sobre outras casas de estudantes também sejam de interesse desta pesquisa. Os resultados da busca, relacionados à CEU, foram sistematizados, separadamente, de forma a facilitar o entendimento acerca dos objetivos de cada estudo, bem como dos principais pontos abordados por eles (Quadro 1).

Quadro 1 – Publicações encontradas nas bases de dados sobre a CEU

PUBLICAÇÃO	AUTOR(A)/ANO	INSTITUIÇÃO/CURSO	OBJETIVO	METODOLOGIA
Os estudantes indígenas em cena: a memória coletiva sobre a inclusão na universidade.	Rosane Caminski Ferreira (2014).	Universidade La Salle (Dissertação de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais).	Revelar a memória coletiva dos estudantes indígenas no processo de inclusão no ensino superior quanto ao acesso e	Pesquisa-ação.

			permanência na CEU.	
Construindo uma Cultura de Acolhimento à Diversidade Sexual: Trajetórias e Vivências dentro da Casa do Estudante Universitário da UFRGS (1990-2010).	Maria Elisabete da Silva Martini (2011).	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero).	Descrever as vivências de ex-moradores homossexuais da CEU e, em especial, a luta de um grupo de moradores que originou a criação do movimento social “Nuances”.	Pesquisa bibliográfica, entrevistas semi estruturadas

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A seguir, serão apresentados os resultados das buscas nas bases de dados que têm por foco a CEU, de acordo com o Quadro 1, intituladas “Os estudantes indígenas em cena: a memória coletiva sobre a inclusão na universidade” e “Construindo uma cultura de acolhimento à diversidade sexual: trajetórias e vivências dentro da CEU (1990-2010)”.

A dissertação “Os estudantes indígenas em cena: a memória coletiva sobre a inclusão na universidade”, Ferreira (2014), teve como objetivos conhecer o perfil dos estudantes indígenas, saber de suas dificuldades quanto à adaptação à outra cultura e sensibilizar a comunidade estudantil a fim de participar do processo de investigação, propiciando uma reflexão quanto à inclusão desses estudantes e sua adaptação ao meio acadêmico e, com isso, elencar as mudanças necessárias para garantir-lhes o acesso e a permanência na UFRGS. Como resultado de sua pesquisa, Ferreira (2014) elaborou, como produto para seu Mestrado Profissional na Universidade La Salle, um vídeo em que foram evidenciadas, através das falas desses estudantes indígenas, suas memórias.

No trabalho de especialização, “Construindo uma cultura de acolhimento à diversidade sexual: trajetórias e vivências dentro da CEU (1990-2010)”, Martini (2011), através de sua vivência como Diretora da CEU, deu voz aos relatos sobre as dificuldades da aceitação da orientação sexual dos moradores e suas lutas pelo direito de se

expressarem. A partir dessa iniciativa, surgida dentro da Casa, esses ex-moradores organizaram um movimento social de luta pelos seus direitos, denominado de Nuances.

Nas pesquisas que enfocam a CEU, entretanto, a temática sobre memórias não ganha destaque, além de contemplarem assuntos diferentes dos propostos nesta investigação. Estes fatos justificam, na busca por referencial teórico, o acesso a estudos sobre outras casas do estudante que contemplassem esse conceito e pudessem embasar a discussão, além de instigar a realização da pesquisa descrita neste relatório técnico, considerando-se sua importância para a ampliação do corpo de conhecimentos na área. Foi realizado, assim, o levantamento de pesquisas similares, que tivessem as casas de estudantes como espaços de vivência e dessem destaque à memória (Quadro 2).

Quadro 2 – Publicações encontradas nas bases de dados sobre casas de estudantes

PUBLICAÇÃO	AUTOR(A)/ANO	INSTITUIÇÃO/CURSO	OBJETIVO	METODOLOGIA
O lugar onde a casa mora: memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida-CEUACA (1963-1981).	Marcos Luiz Hinterholz (2017).	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Dissertação de Mestrado em Educação).	Entender a Casa como uma instituição educativa, tendo como documentos privilegiados narrativas de memória de oito antigos moradores.	História oral e análise documental.
Em busca de um mesmo CEU: estudo antropológico sobre (ex)moradores da casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria.	Juciára Teixeira Machado (2012).	Universidade Federal de Santa Maria (Dissertação de Mestrado em Sociologia).	Analisar as vivências e socializações de (ex)moradores, sua adaptação como indivíduos dentro deste espaço coletivo, e a formação de suas memórias e identidade.	Etnografia histórica.
“Um Lar Em Terra Estranha”: A aventura da individualização	Ana Paula Vosne Martins (1992).	Universidade Federal do Paraná (Dissertação de Mestrado em História)	Através do cotidiano das moradoras, desvendar como	Etnografia histórica e análise documental.

feminina. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60”.		do Brasil).	elas lidaram com a experiência da individualização e, nos moldes da sociedade das décadas de 1950 e 1960, entender a construção de sua identidade feminina.	
O Desafio de vir a ser jovens universitários, moradias coletivas e identidades.	Manuela Vieira Blanc (2009).	Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais).	Compreender o processo de construção das identidades de jovens da Universidade Estadual do Norte Fluminense integrantes de moradias coletivas.	Observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A seguir, será feita a descrição dos quatro trabalhos encontrados a partir das buscas nas bases de dados, que atendem ao requisito de terem a temática das casas de estudantes e que, também, versam sobre o conceito de memória, de acordo com o Quadro 2.

A dissertação “O lugar onde a casa mora: memórias sobre a Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida – CEUACA (1963 – 1981)”, de Hinterholz (2017), discorre sobre a trajetória histórica da CEUACA e sobre a percepção da Casa como uma instituição educativa e transitória. Por meio de documentação e da narrativa de oito antigos moradores, remonta a história da instituição e pontua sua importância como suporte aos estudantes de baixa renda vindos do interior. É através desses depoimentos que o autor analisa as percepções e significação da CEUACA para cada um deles. Nas narrativas dos depoentes fica evidente a importância de sua passagem naquela moradia como experiência em sua formação e crescimento pessoal. Esse trabalho será de importância para a presente pesquisa, pois tem como tema casa de estudante e aborda os temas memória e identidade.

Na dissertação “Em busca de um mesmo CEU: estudo antropológico sobre (ex)moradores da casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria”, Machado (2012) abordou, em um primeiro momento, o processo de ingresso e adaptação dos sujeitos da pesquisa, em que foram evidenciadas suas memórias, socializações, identidades e relações firmadas no espaço de convivência por eles frequentado. Na continuação de sua pesquisa, são abordadas as memórias de ex-moradores do espaço, aliadas às percepções dos novos moradores das outras casas da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa buscou interpretar os processos de socialização e adaptação desses sujeitos na Casa, bem como, para os ex-moradores, sua desvinculação desse ambiente acadêmico e compreensão do significado deste período para eles.

O estudo “Um Lar Em Terra Estranha”: A aventura da individualização feminina. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60” (MARTINS, 1992) tem por tema a Casa da Estudante Universitária de Curitiba (CEUC), denominada pelas próprias moradoras como “um lar em terra estranha”. O objetivo foi problematizar como essas jovens mulheres, frente ao conservadorismo e à concepção de feminino no Brasil entre a década de 1950 e o início dos anos 1960, lidaram com a experiência da individualização e entenderam a construção de sua identidade feminina num período em que a sociedade ensaiava ares de modernidade. As fontes de pesquisa utilizadas foram atas, livros de plantão, Estatuto e Regimento Interno, jornais e revistas da época, além de entrevistas semi estruturadas com ex-moradoras do período do estudo. Das consultas realizadas sobre a temática “casa do estudante”, com o enfoque sobre memória, a presente pesquisa foi uma das mais antigas encontradas. Além de trazer farto material de interesse para a pesquisa em andamento, considerou-se de interesse o fato de a pesquisadora ter sido moradora da CEUC.

Por fim, na dissertação de Blanc (2009), intitulada “O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias e identidades”, desenvolveu-se uma investigação através da etnografia, que teve por objetivo compreender como se dá o processo de construção das identidades de jovens universitários residentes em moradias estudantis. A partir da formação de novas redes de sociabilidade, após o afastamento do grupo familiar, buscou-se compreender o que provoca uma nova postura frente às experiências e vivências que

surgem com a divisão de espaço com diferentes sujeitos, ao se viver em uma moradia coletiva.

Nos trabalhos encontrados, ainda que não tenham o tema das moradias estudantis como foco, emergiram elementos de interesse da pesquisa quanto à memória. Foram realizadas pesquisas em casas de estudantes onde, através de entrevistas com moradores, foram evidenciadas suas percepções sobre as vivências nestes espaços. Considera-se que os trabalhos sejam relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Os resultados das buscas realizadas evidenciam que não se logrou quantidade expressiva de literatura sobre a pesquisa proposta. Este fato reforça, do ponto de vista da pesquisadora, a importância de se abordar o tema proposto sob as percepções desses moradores e ex-moradores quanto às vivências em casas de estudantes, no que se refere à construção de memórias e tendo como base as sociabilidades desses jovens.

Considerando-se o tempo de existência, sua relevância enquanto espaço de acolhimento, a diversidade de fatos que perpassam sua história, bem como a escassez de produções acadêmicas sobre o tema, justifica-se a importância da realização da pesquisa no campo da memória e das juventudes através das histórias de moradores e ex-moradores da CEU.

Cabe destacar, quanto à acessibilidade, que a pesquisadora tem acesso facilitado aos dados e documentos necessários para a realização desta pesquisa. Após contato informal com o Vice-Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, órgão da UFRGS ao qual a CEU está vinculada, e tendo em vista que a pesquisadora foi servidora desta Pró-Reitoria, o material foi colocado à disposição. Segundo Silva (2004), a CEU foi espaço marcado por diversas lutas: pelos preços abusivos do bar, pelo direito feminino à moradia e até pela melhoria da qualidade da comida servida no Restaurante Universitário. Assim sendo, espera-se que este estudo contribua para os registros e acesso de dados, tanto para a comunidade da UFRGS como para novos moradores, devolvendo à CEU o seu lugar, não só como moradia estudantil, focado apenas no assistencialismo, mas como local de construção de memórias.

Nesta seção foram apresentados os motivos que conduziram à pesquisa, os quais envolveram laços afetivos da pesquisadora com a CEU, por ter sido seu primeiro local de trabalho na UFRGS. Além disso, por estar fisicamente dentro da CEU, presenciou a

chegada desses moradores, vindos de cidades do interior, perceber no decorrer do tempo suas mudanças e sua adaptação ao novo ambiente longe de casa.

Durante boa parte do tempo em que atuou na UFRGS, esteve vinculada a uma Pró-Reitoria que atende e trabalha com os programas de assistência aos estudantes de baixa renda, sendo um desses programas o de moradia estudantil⁷ - CEU. No decorrer de sua trajetória profissional, deparou-se com ex-moradores(as) que se tornaram professores, não só da UFRGS, mas de outras IFES do estado e do país. Alguns desses jovens se tornaram profissionais destacados em suas profissões (áreas de atuação), inclusive na política. Essas trajetórias se tornaram fundamentais para a pesquisa, considerando-se suas vivências na CEU e de que forma elas foram importantes na formação de suas memórias e constituição de sua identidade.

Diante dessas observações, surgiu o problema de pesquisa, exposto anteriormente, de como visibilizar as memórias desses moradores(as) e ex-moradores(as) através de sua passagem pela CEU, levando-se em consideração sua temporalidade, e de que forma as transformações políticas, sociais e culturais foram experienciadas enquanto moradores. Como forma de visibilizar essas memórias, foi proposto, como produto técnico do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, a realização de um vídeo documentário que expressasse as memórias, através de depoimentos de moradores(as) e ex-moradores(as).

A fim de buscar publicações sobre o tema moradia estudantil, casa de estudante, memórias, inicialmente tendo a CEU como tema, foram localizados apenas dois trabalhos, entretanto nenhum que tratasse especificamente sobre o tema proposto por esta pesquisa, já que as abordagens de ambas as pesquisas tratavam não profundamente sobre o tema memória e identidade. Assim, partiu-se para uma nova pesquisa, onde foram encontrados trabalhos que, de alguma forma, tratavam sobre o tema memória, vivências e identidade em casas de estudantes. A partir da pouca literatura encontrada sobre o tema, entendeu-se a relevância da pesquisa proposta e de que forma seria de importância a realização da pesquisa.

⁷ Das três casas de estudantes da UFRGS - na CEU a seleção para ingresso de novos moradores é feita, conforme critérios socioeconômicos e analisados por Assistentes Sociais, da Pró-Reitoria. Já a CEUFRGS e CEFVAV, por serem autônomas, realizam seu processo de seleção para novos moradores por comissão formada pelos próprios moradores tendo como critério a situação socioeconômica do candidato.

Assim, após estabelecido o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa, partiu-se para o referencial teórico que embasasse a pesquisa proposta e os aspectos a serem abordados: memória social, memória coletiva e juventudes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentam-se aspectos conceituais a respeito de memória social, da memória coletiva e das juventudes.

2.1 Memória Social

Para a abordagem da memória coletiva, este relatório técnico se apoiará nos estudos de Halbwachs (2006), que foi o primeiro autor a discutir o tema. Para ele, somos o resultado de um conjunto de memórias passadas e frutos de vivências coletivas. No seu entendimento, não somos donos de nossas memórias, pois essas não nos são exclusivas e as lembranças que fazemos dependem, também, de outras pessoas. Isso decorre do fato de não se viver em isolamento, já que é na socialização que acontecem as permeações dessas memórias, ou seja, somos alimentados de memórias que fazem parte de um grupo. Essas memórias serão importantes ou não, dependendo do grau de afinidades a que os sujeitos estão expostos e de que forma essas memórias se comunicam, e serão importantes para a lembrança de fatos compartilhados por determinado grupo. O fato de sermos permeados por memórias de eventos que não necessariamente presenciamos possibilita a formação de opiniões e sentimentos por algo que não foi diretamente vivenciado, mas compartilhado por compor parte da história de um grupo.

Para que as memórias sejam compartilhadas, deve existir uma conexão entre aqueles que lembrarão: pontos comuns, afinidades que se mantêm ao longo do tempo e que despertem essas memórias. Ainda que as memórias sejam compartilhadas, entretanto, a imagem que cada um tem delas é única, pois não se compartilha o sentimento ou a forma como determinado evento influenciou ou exerce efeito sobre as pessoas (HALBWACHS, 2006).

Candau (2018), na estruturação da memória, enfatiza a existência de distintas memórias. A memória de baixo nível, por ele nomeada de protomemória, comporta memórias imperceptíveis, constituídas por ações básicas que fazem parte da vida do sujeito sem que este as exerça conscientemente. A seguir, ele destaca a memória dita

de alto nível, onde estão as recordações dos saberes e das experiências e vivências. Por fim, tem-se a metamemória, que seria a interpretação que o sujeito faz de suas memórias. Esta, segundo o autor, é uma memória seletiva, a partir da qual o sujeito evidenciará as memórias que sejam convenientes de serem acessadas, e é parte constitutiva da formação da identidade.

Ciampa (2004) descreve as identidades como parte integrante das memórias, constituídas a partir de diferenças e igualdades adquiridas, em primeira instância, no núcleo familiar. A partir de suas vivências, o indivíduo constrói sua identidade, pois durante essa trajetória vai acumulando elementos responsáveis pela modificação de sua essência, resultantes do convívio social. Segundo Hall (2006), na sua concepção de sujeito pós-moderno, os indivíduos, diante de suas vivências ao decorrer da vida, assumem diferentes identidades, a fim de se adequarem às situações que se apresentem. “Os sujeitos são formados por identidades contraditórias e não unificadas, sendo definidas historicamente e não biologicamente” (HALL, 2006, p. 13).

Para Halbwachs (2006), a memória se constrói em relação ao que o grupo alimenta e ao que ele permite recordar. Assim, entende-se que as lembranças não são essencialmente individuais, ainda que se acredite que determinado fato possa ter ocorrido sem quaisquer testemunhas. Quando estamos em um grupo, por exemplo, ofertamos a ele nossas memórias e somos, na mesma proporção, imersos nas memórias do grupo. “Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Destaca-se, também, que há certa seletividade no que se recorda. Memórias coletivas devem estar conectadas às memórias individuais, para que de fato sejam lembranças. Mais ainda, é necessário que o fato seja relevante para que haja rememoração. Dessa forma, mesmo que se tenha convivido e compartilhado lembranças, “a rememoração não será possível para todos os indivíduos que compõem determinado grupo se não forem identificados pontos em comum que façam parte da memória coletiva daquele grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 39-40).

A seguir, tendo por base as características da construção das memórias individuais e coletivas, bem como sobre a rememoração, discorreremos sobre os temas da memória, esquecimento e juventudes.

2.2 Memória, esquecimento e juventudes

Pollak (1992), em seus estudos, constatou que a memória é seletiva e que o sujeito pode decidir lembrar-se de um fato a partir de um processo organizado. O autor menciona, também, que a construção de memórias, individuais e coletivas, pode acontecer através de referenciais, como fatos e lugares, e que existem memórias que foram de fato vividas e as memórias por tabela, que são lembranças que foram assimiladas pelo grupo do qual se faz parte. Pollak (1992) refere que a memória é, em parte, herdada, não sendo exclusiva do indivíduo e que, por conta das constantes mudanças a que se expõe, ela será atualizada e adaptada. Nesse entendimento, podemos citar a CEU como local de rememoração de fatos vivenciados no passado pelos jovens que residem ou residiram no espaço.

O tema das juventudes é aqui abordado levando-se em conta que a CEU é, caracteristicamente, um espaço predominante jovem, considerando-se a delimitação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a faixa etária dos 15 aos 24 anos e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para faixa etária dos 19 aos 24 anos. O emprego do termo juventudes, no plural, justifica-se a partir da multiplicidade de formas de expressão de identidades e sociabilidades dentro de uma construção social, considerando-se aspectos culturais, históricos e econômicos, que atuam de forma a compor distintas juventudes, de acordo com o contexto cultural e o grupo social no qual estão inseridas (RAUPP; BORGES, 2018).

Feixa e Porzio (2004) conceitua a cultura juvenil como a forma que os jovens utilizam para expressar suas experiências/vivências, construindo sua identidade e sua diferenciação do mundo adulto dentro de espaços e tempos específicos. As culturas juvenis provêm do meio à que originalmente pertencem e, com isso, carregam características das identidades geracionais, étnicas, de classe e territorial. Para León (2005) é dentro desses grupos, entre seus parceiros/iguais, que esses jovens desenvolvem a figura identitária que lhe dá a noção de pertencimento.

Ao utilizar-se o termo juventudes, é preciso diferenciá-lo do conceito de adolescência, pois ambos comumente são empregados como sinônimos. A adolescência caracteriza-se como o período de transição no desenvolvimento humano entre a infância

e a adultez. Além das grandes transformações típicas desta fase, como as transformações físicas, emocionais e sexuais, o adolescente é, também, submetido às pressões e expectativas da família (EISENSTEIN, 2005).

Para Pais (2003), além do reconhecimento de si mesmos, os jovens buscam a sua identificação com características desejáveis do grupo a que pertencem e que represente sua identidade geracional. Em Pollak (1992), a identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros. Assim, os jovens se identificam e sofrem influência do ambiente em que estão inseridos e, neste processo de interação, têm o grande desafio da busca pela constituição da sua identidade (LÉON, 2005).

Neste período da vida, pode ocorrer o desenvolvimento do que Castro (2008) denomina de subjetividade política. A subjetividade política refere-se às experiências de adesão e comparecimento "dos jovens a um espaço de disputas em torno do que vai mal no seu entorno e na sociedade em geral, que os leva, conseqüentemente, a assumir ações junto com outros em prol da igualdade, da justiça e da emancipação" (CASTRO, 2008, p. 254). São momentos de luta e de negociação que ocorrem em espaços comuns onde jovens buscam posicionar-se frente aos outros membros em prol de transformações sociais que vão construindo sua subjetividade política (CASTRO, 2008).

De acordo com Berlatto e Sallas (2008), na divisão de um espaço coletivo, como é o caso da CEU, o público se sobrepõe ao privado, e é esta vivência que resulta em um aprendizado diário de convivência e de respeito. Pelo período que compartilharam o mesmo espaço, ainda que não mantivessem laços estreitos, por algum tempo fizeram parte de uma comunidade que, durante sua permanência, dividiu um objetivo comum: a possibilidade de melhores oportunidades de vida.

Nesta seção, apresentou-se o referencial teórico que embasou esta pesquisa, expondo os principais aspectos conceituais a respeito de memória social, memória coletiva e juventude.

A pesquisa apoiou-se nos estudos de autores que discutem as temáticas da memória social, em que as lembranças dependem de outras pessoas e dos frutos de vivências coletivas. Há, ainda, os aspectos sobre a estruturação da memória quanto a sua organização e seletividade, ao que o sujeito decide lembrar, e à forma como esse processo leva à marca de sua identidade. Segundo os estudos apresentados neste

referencial teórico, a pesquisadora percebe que a memória está ligada à identidade. Também, percebeu-se que o sujeito assume identidades ao longo da vida, frente às situações que se apresentem, indicando sua interação com situações e com os grupos a que pertence e/ou pertenceu.

Entre os autores apresentados aqui, Pollak (1992) faz compreender as questões de que a nossa memória é seletiva e de que escolhemos os fatos a serem lembrados baseado num processo organizado. Além disso, a construção de memórias coletivas ocorre através de referenciais (fatos e lugares), por isso, entende-se a CEU como um lugar de recordação de fatos vivenciados pelos jovens que ali residiam.

Tendo exposto o referencial teórico que deu base a esta pesquisa, passa-se para apresentação do contexto da assistência estudantil e das políticas públicas, a importância das mesmas e um breve histórico sobre a moradia estudantil.

3 A CEU COMO CONTEXTO EMPÍRICO

Nesta seção será apresentado o contexto da assistência estudantil e das políticas públicas, sua importância e implementação para o ingresso e para permanência dos jovens de baixa renda nas IFES. Um breve histórico sobre a moradia estudantil será relatado, com a criação das repúblicas, as casas de estudantes de Porto Alegre e a apresentação das Casas de Estudantes da UFRGS.

3.1 Assistência estudantil e as casas de estudantes

Estudar na UFRGS foi uma meta a ser alcançada por muitos jovens que sonhavam com o diploma universitário, desde sua criação, como Universidade Porto Alegre, em 1934, até a federalização em 1950 e, em 1968, quando passou a se chamar Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O ingresso no ensino superior, porém, sempre foi de difícil acesso.

A Universidade, em sua fase inicial, destinava-se a uma classe privilegiada de jovens que não precisavam trabalhar para custear suas necessidades básicas, já que a grade curricular dos cursos tornava impraticável conciliar o trabalho aos estudos. Por isso, para os jovens oriundos de famílias de baixa renda, em grande parte vindos do interior do estado, era muito laboriosa a tarefa de cursar o ensino superior. Os cursos exclusivamente noturnos eram quase inexistentes e as necessidades básicas dos jovens eram predominantemente supridas por suas famílias. Muitas vezes, as famílias, como não tinham como mandar recursos financeiros, quando possível enviavam mantimentos e roupas. A moradia, desta forma, só era possível pelas políticas assistenciais oferecidas na época.

Nas décadas iniciais do século XX, nas famílias de baixa renda, por vezes bastante numerosas, os jovens iniciavam suas atividades laborais em tenra idade. Bomeny (2003) destaca que no censo de 1940 o analfabetismo atingia 56,17% da população com idade superior a 15 anos, o que demonstra que os investimentos em educação não eram prioridade dos governos daquela época no país.

Com o crescimento do país, há uma valorização da educação e, mesmo as famílias mais humildes, percebem a importância de que seus filhos ingressem no ensino superior, já que as oportunidades de melhores empregos e a garantia de posição social menos vulnerável somente são obtidas através do conhecimento (MARTINS, 1992). Em contrapartida, para Cardoso (2016), considerando-se as dificuldades no ingresso, permanência e conclusão, acabava sendo excluída das universidades a parcela mais necessitada da população que, em virtude do contexto social e político da época, sequer cogitava cursar o ensino superior.

Para Fausto (2018), a precariedade do ensino na rede pública diminuiu consideravelmente as oportunidades dos jovens de camadas pobres e da baixa classe média a concorrer com jovens que cursaram escolas de ensino médio de bom nível e tiveram a oportunidade de aprimorarem conhecimento, a fim de acessarem as universidades públicas e seus prestigiados cursos. Esses jovens, muitas vezes, não conseguem acesso às instituições públicas e/ou precisam trabalhar para poder custear seus estudos, o que não lhes permite tornarem-se alunos de instituições privadas de nível superior.

O crescimento do ensino superior, na rede privada, pode ser avaliado conforme dados de que em 1960, 44% dos estudantes de nível superior estavam matriculados em instituições privadas. O percentual aumentou para 50% em 1970 e 65% em 1980 (FAUSTO, 2018, p. 302).

No ano de 1996, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) realizou uma pesquisa, aplicada nas cinco regiões do Brasil, cuja amostra representou 327.660 estudantes de 44 IFES participantes das 52 existentes na época (CARDOSO, 2016). O resultado, publicado no ano seguinte, demonstrou que 44,29% dos estudantes universitários tinham perfil para assistência estudantil.

Com a divulgação da pesquisa realizada pelo FONAPRACE, é instituído, pela Portaria Normativa nº 39 de 12 de dezembro de 2007, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), vinculado à Secretaria de Educação Superior (SESu), do Ministério da Educação. Em seu parágrafo primeiro, o PNAES garante que:

§ 1º As ações de assistência estudantil devem considerar a necessidade de viabilizar a igualdade de oportunidades, contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico e agir, preventivamente, nas situações de repetência e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras. As ações de assistência estudantil a serem desenvolvidas foram: moradia estudantil, alimentação, transporte, assistência à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico (BRASIL, 2007).

Com a criação dos Programas de Políticas Públicas, abriram-se espaços para que indivíduos jovens, antes com dificuldade de acesso ao ensino público superior, conquistassem espaço. Seu ingresso passou a dar-se através da garantia de cotas sociais e raciais para as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Dentre os benefícios oferecidos pelo PNAES, existe também o auxílio-moradia, recebido depois de análise e comprovação das condições socioeconômicas. Neste caso, como o valor do auxílio, o estudante terá de procurar um lugar para alugar, caso não haja disponibilidade de moradias estudantis.

As Repúblicas Estudantis Universitárias em funcionamento no país são influência dos padrões dos tempos coloniais (MACHADO, 2012). Segundo a autora, o governo português promoveu a construção de casas no zoneamento urbano de Almedina, em Coimbra, a fim de servirem de residência a estudantes, selecionados por uma comissão, que residiriam mediante pagamento de uma taxa, precedendo o que conhecemos hoje como moradias estudantis.

O desenvolvimento da moradia estudantil está essencialmente ligado ao ensino superior, relacionando a criação das Casas de Estudantes brasileiras à fundação da Faculdade de Medicina na Bahia em 1808, que foi propiciada com a chegada da família real ao Brasil. Somente a partir de 1930, na Era Vargas, o Ensino Superior recebe atenção, tanto na reestruturação quanto na acessibilidade, com a criação das universidades federais. A moradia estudantil passa, então, a ser entendida como uma política de assistência estudantil a estudantes de baixa renda (HINTERHOLZ, 2017).

A adoção de políticas públicas, através das cotas sociais, propiciou o aumento do ingresso nas IES de jovens desprovidos de recursos econômicos e com trajetórias educacionais desfavoráveis. Entretanto, a fim de evitar a evasão, é necessária a implementação de ações que efetivem sua permanência e a conclusão do curso.

Para os estudantes que vêm de outras localidades, a moradia estudantil é uma necessidade básica, assim como a alimentação e o transporte, embora nem todas as IES disponibilizam estes espaços. No caso da UFRGS, o número de vagas solicitadas semestralmente é maior do que a disponibilidade de vagas abertas no mesmo período, por conta da baixa rotatividade dos moradores.

3.2 As Casas de Estudantes de Porto Alegre

Este relatório técnico foi pensado tendo como objeto de estudo a CEU. Entretanto, não se trata, no contexto de casas de estudantes, de assistência estudantil, e do movimento estudantil, sem citar outras casas de estudantes de Porto Alegre que participaram de todo processo como resistência aos períodos políticos da história desse país. A seguir é apresentado um breve relato sobre essas casas, que são autogeridas e não estão, atualmente, vinculadas a nenhuma instituição mantenedora, nem recebendo auxílio de órgão público, o que tem dificultado a sua manutenção.

3.2.1 Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida - CEUACA

Para Hinterhoz (2017), a CEUACA é a casa de estudante mais antiga de Porto Alegre, fundada em 1 de agosto de 1934, então denominada Casa do Estudante, cujo primeiro endereço foi à rua Demétrio Ribeiro nº 1145, em imóvel cedido pela prefeitura de Porto Alegre.

Desde a sua fundação, caracterizou-se por ser uma casa autônoma e, por isso, sempre se mobilizou a fim de recolher os recursos necessários à sua manutenção. Para isso, contou com a colaboração de iniciativas individuais e subvenções públicas. Entretanto, apenas esses movimentos não eram suficientes para manter a estrutura de uma casa em funcionamento, fazendo-se necessária uma mobilização do poder público e da imprensa (HINTERHOLZ, 2017).

Após alguns infortúnios que ocorreram com a Casa desde a sua inauguração, finalmente, em 1944, ela foi transferida para sede própria no Edifício Almeida, na Rua Riachuelo nº 1355, em Porto Alegre. O prédio foi doado pelo casal Israel Almeida e

Antonia Cora de Almeida, em homenagem ao filho Aparício Cora de Almeida, morto em circunstâncias não esclarecidas. Aparício, quando estudante da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre nos anos de 1931, foi presidente do Centro de Estudantes de Direito onde teria surgido o movimento, que no decorrer tempo deu origem à CEUACA. Posteriormente, no ano de 1962, a Casa do Estudante do Rio Grande do Sul passou a chamar-se Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida (CEUACA) (HINTERHOLZ, 2017; SILVA, 2004).

Segundo Silva (2004), como residentes de uma casa autônoma, os moradores utilizaram-se de estratégias para angariar recursos para sua manutenção. Dentre essas estratégias, destacam-se as reuniões dançantes, realizadas nos finais de semana, nas quais vendiam bebidas e promoviam a abertura do restaurante ao público. Contavam, também, com alguns auxílios e o pagamento feito pelos cooperados⁸. Ainda assim, os recursos arrecadados com essas ações não eram suficientes para manter a estrutura e o pagamento das despesas da Casa.

As referências mais antigas do prédio são de 1927, quando teria sediado uma espécie de pensionato. Desde que foi recebido pelos estudantes, o prédio sofreu consideráveis avarias com danos estruturais, por se tratar de um imóvel grande e antigo. Como havia poucos recursos para a manutenção básica da Casa, a administração não tinha condições de financiar grandes reformas.

A partir do ano 2000, com a deterioração do prédio, sucessivos processos judiciais para desocupação foram encaminhados. Em 2014, em mediação com o Governo do Estado e do Ministério Público, foi negociada a reforma do prédio e, com isso, a realocação dos moradores com promessa de pagamento de aluguel social (HINTERHOLZ, 2017). Ainda que longe de sua sede, na Rua Riachuelo nº 1355, a CEUACA segue seu propósito assistencial e de organização estudantil, ideais que tiveram origem nos anos de 1930, quando iniciou o movimento que viria a ser a CEUACA.

⁸ Pessoas que usufruíam de todos os benefícios da casa, exceto a moradia em si.

3.2.2 Associação Casa de Estudante Juventude Universitária Católica - Casa 7 - JUC7⁹

Em 1949 é criada, em Porto Alegre, a Associação da Juventude Católica (AJUC) a partir da qual foram fundadas casas para moradia de estudantes universitários, com a participação direta da igreja católica. Em 1974, a JUC-7, que abrigava 53 moradores, foi despejada do castelinho na Rua Mostardeiro. Um grupo de moradores assume a direção da casa, desvinculando-se da igreja, e vende o telefone para pagar a caução do aluguel de uma nova sede na Rua da República, no bairro Cidade Baixa. Tempos depois, foram transferidos da Rua da República para o Bairro Partenon, na Vila Intercap, onde ficaram sediados, por alguns anos, em uma construção de madeira. Nesse período, intensificaram-se as manifestações pela sede própria.

Em setembro de 1986, os juquianos¹⁰ finalmente recebem parte do auxílio solicitado ao Estado: uma parcela no valor de Cz\$ 1 milhão. Com parte da verba, mas sem um local para construir a nova sede, os moradores, em dezembro de 1986, são ameaçados de despejo pela Prefeitura de Porto Alegre, da sede provisória que lhes havia sido cedida. Através de uma lei municipal, no ano de 1987, entretanto, a Prefeitura de Porto Alegre doou um terreno, na Vila Intercap, na Rua Rivadávia Correia, 08, onde atualmente está a sede da JUC-7.

3.2.3 Casa do Estudantil Universitária de Porto Alegre (CEUPA¹¹)

A CEUPA foi criada quando um grupo da associação de Ex-Alunos do Colégio Sinodal (AEACS), de São Leopoldo, em 1950, alugou um prédio em Porto Alegre, a antiga “Casa do Ex-Aluno do Colégio Sinodal”, destinada a abrigar ex-alunos oriundos daquela instituição de ensino. Em 1954, após uma grande campanha, onde foi rifado um automóvel “Plymouth”, adquiriu-se o prédio da rua Sarmiento Leite, nº 1053, sede atual da CEUPA.

⁹ juc7.com.br/v2/ consulta em 15/09/2020.

¹⁰ Forma como são denominados os moradores da JUC.

¹¹ ceupa.com.br/blog/historia/ consulta em 15/09/2020.

Anos mais tarde, com o objetivo de atender um número maior de estudantes, não só do Colégio Sinodal, mas de outras instituições, a Casa passou a chamar-se Casa do Estudante Evangélico do RGS (CEERGS). Em 1960, com a ampliação do atendimento, a entidade passa a se chamar Centro Evangélico Universitário do Rio Grande do Sul (CEURGS). Em 1961 havia três casas, mantidas e administradas pelos próprios moradores, contando com um total de 68 moradores. O registro oficial da CEUPA como entidade civil de personalidade jurídica foi efetivado em 14 de maio de 1969.

3.2 As casas de estudantes da UFRGS

Atualmente, a UFRGS tem sob sua responsabilidade administrativa três casas de estudantes. Além da CEU, há a Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS) e a Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (CEFAV). A CEUFRGS e a CEFAV têm autonomia administrativa, sendo a seleção de novos moradores realizada, semestralmente, por Comissão eleita em assembleia geral dos moradores das casas conforme os critérios estabelecidos nos respectivos editais. A CEU, que está vinculada à PRAE, não conta com a mesma autonomia das outras casas e a seleção dos novos moradores é realizada por assistentes sociais, conforme critérios estabelecidos no respectivo edital e conforme normativas da PRAE. Nesta subseção serão apresentadas as três casas do estudante da UFRGS: a CEUFRGS, a CEFAV e mais profundamente a CEU, que é o contexto empírico deste estudo.

3.2.1 Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS)

A CEUFRGS foi iniciada como um movimento que objetivava a criação de uma casa que acolhesse jovens, vindas do interior do estado, sem condições financeiras para se manterem durante o período do curso em Porto Alegre (SILVA, 2004). A primeira sede da CEURGS foi um imóvel alugado na Rua Riachuelo, nº 1263, onde viviam 22 moradoras. Segundo o autor, em 1965, por questões de divergências no aluguel, o

proprietário entrou com uma ação de despejo, o que motivou as moradoras a tentarem, em negociação com a Reitoria, a construção de uma casa que as acomodasse.

Após várias tentativas, e com auxílio de anúncios publicados em jornais, é alugado um prédio na Avenida Getúlio Vargas, nº 1526, e a mudança para o novo endereço acontece em dezembro de 1966. No ano de 1969, apesar de as moradoras manifestarem sua intenção de mudarem para um imóvel maior, Jorge Honorio de Brito, então Diretor da Divisão de Educação e Cultura da UFRGS, informa que a Instituição não teria como arcar com as despesas de um aluguel maior.

Em 1974, o prédio encontrava-se em condições precárias e, em decorrência disto, o proprietário solicitou o imóvel para construir um prédio no terreno (SILVA, 2004). A Administração da Universidade, então, cedeu o prédio da Rua São Manoel, nº 573, que havia servido de moradia às estudantes da Escola de Enfermagem. A inauguração do novo e definitivo espaço aconteceu no dia 1º de agosto de 1977, data em que a Casa da Estudante comemorava seu 21º aniversário.

Conforme aponta Silva (2004), quando o local passa a ter a denominação de Casa da Estudante Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS), torna-se um órgão da Universidade e a Administração Central assumiu a manutenção do prédio e passou a destinar verba mensal para alimentação e outras necessidades básicas.

Das três casas de estudantes da UFRGS, a CEUFRGS foi a última a tornar-se mista (SILVA, 2004). Isso só foi possível em decorrência de muitas reuniões e Assembleias para a discussão do assunto e do apoio da União Nacional dos Estudantes e das outras Casas. A efetivação de moradores do sexo masculino foi oficializada em 16 de março de 1988, quando a CEUFRGS passou a denominar-se Casa do Estudante Universitário da UFRGS.

A CEUFRGS é um órgão da Universidade, autônomo administrativamente, ainda que dependente financeiramente da UFRGS. Em sua estrutura política, a Assembleia Geral é soberana. A Diretoria é composta por seis membros: presidente, vice-presidente, dois tesoureiros e dois secretários. Além da Diretoria, existem departamentos nos quais os moradores têm o dever de se engajar.

3.2.2 Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (CEFAV)

Na década de 1950 foi inaugurada uma sede social para os estudantes da Faculdade de Agronomia e Veterinária, assim denominada à época, que funcionava em uma cantina recentemente demolida (SILVA, 2004). Essa sede possuía um restaurante, uma cozinha e o Centro Acadêmico Leopoldo Cortez. Contudo, havia problemas de moradia para estudantes que ocupavam ambientes inadequados, sob o ponto de vista de higiene e conforto. Conforme Silva (2004), para solucionar o problema, foi construído, ao lado da sede social, um prédio destinado a abrigar os estudantes dos cursos de Agronomia e Veterinária. Assim, em 1960, foi inaugurado o Centro Residencial de Agronomia e Veterinária, também chamado de Núcleo Residencial. Como o Núcleo estava vinculado ao Centro Acadêmico, o presidente era nomeado pelo presidente do Centro Acadêmico.

Em 1971, os estudantes propuseram um novo projeto de regimento, em substituição ao anterior, elaborado por um professor da Faculdade de Agronomia e Veterinária. Após algumas negociações, o novo regimento interno da Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (CEFAV) foi aprovado pelo Conselho Universitário, e nele já constava o novo nome da casa de estudantes (SILVA, 2004).

Em 1978, a CEFAV iniciou discussões sobre a moradia mista (SILVA, 2004). Naquele ano, em Assembleia Geral Extraordinária, foi permitido ingresso de estudantes do sexo feminino como moradoras. Katia Salvi foi oficialmente, a primeira moradora da CEFAV. Entretanto, a Pró-Reitoria de Assistência à Comunidade Universitária não concorda com a decisão da Assembleia e, sob a alegação de condição irregular da estudante, decide intervir na CEFAV e punir os responsáveis. No ano seguinte, houve nova Assembleia e, com isso, o início da luta pela moradia mista na CEFAV e nas outras casas de estudantes. Somente no ano de 1982, tanto na CEFAV quanto na CEU, foi oficialmente permitido admitir, como moradoras, estudantes do sexo feminino.

A CEFAV está localizada na Av. Bento Gonçalves, nº 7712, e abriga até 106 moradores. Como órgão da UFRGS, tem regime de cooperação, o que lhe permite autonomia administrativa. A Assembleia Geral é soberana nas decisões, a diretoria é

formada por uma coordenação composta por três membros, além de uma secretaria, uma tesouraria e alguns departamentos, que garantem a manutenção da Casa.

3.2.3 Casa do Estudante Universitário (CEU)

O contexto empírico deste estudo tem por foco a CEU (Imagem 1). Nos anos de 1950, sob a administração do então Reitor Elyseu Paglioli, ficou acordada a construção de um prédio que atendesse a demanda por moradia estudantil. O projeto previa a construção da Casa de Estudante Universitário (CEU), com alojamento para receber quinhentos alunos e um restaurante universitário com capacidade para servir duas mil refeições diárias. O local escolhido para a construção do projeto seria em área central, em um dos dois quarteirões então ocupados pela Universidade. A proposta da localização foi rejeitada pela maioria dos diretores das unidades envolvidas e, em decorrência disso, iniciaram-se as buscas por terrenos próximos ao campus, que comportassem as dimensões necessárias para a construção (SILVA, 2004).

Segundo o autor, em reunião do Conselho Deliberativo da Santa Casa de Misericórdia, do qual era membro, o Reitor Paglioli foi informado que a referida Instituição estava colocando à venda dois imóveis localizados na Avenida João Pessoa, em frente à Faculdade de Ciências Econômicas. Ainda que com área inferior à necessária para construção do projeto do prédio da CEU, a compra foi efetuada. A fim de aumentar a área de construção, foi desapropriado um imóvel contíguo e, através de uma permuta com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, houve a incorporação de um terreno localizado na Avenida André da Rocha. As obras da Casa iniciaram em 1959.

O projeto, além da moradia estudantil, tinha por meta o atendimento de quinhentos moradores e previa a construção de um restaurante com a capacidade de oferecimento de duas mil refeições por dia. O restaurante foi concluído na década 1960 e iniciou atividades com uma demanda de 1.800 refeições ao dia.

Com tantos problemas orçamentários, a Casa só seria concluída treze anos mais tarde. No dia 27 de julho de 1971 aconteceu a cerimônia de inauguração, que contou com a presença do então presidente General Emílio Garrastazu Médici (SILVA, 2004). Mesmo desfrutando de uma casa nova, conforto e bens materiais disponíveis, alguns

moradores entendiam que isso era uma forma que a Administração tinha para desviar sua atenção de assuntos mais importantes como a questão da autonomia da Casa, da moradia mista e da integração entre os moradores (SILVA, 2004).

A CEU foi concebida como um órgão da Universidade e, portanto, não tinha autonomia administrativa, ao contrário da CEFVAV, que mesmo sendo um órgão administrativo da Universidade, manteve um regime de cooperação. Em decorrência disto, a seleção dos moradores para a CEU feita pela PRAE.

A Casa, localizada na Avenida João Pessoa, nº 41, no Centro Histórico de Porto Alegre, possui nove andares, sendo que no segundo andar localiza-se a administração da CEU, o DCE e uma sala de atividades múltiplas. Os duzentos e quatro dormitórios estão distribuídos do terceiro ao oitavo andar, sendo que em cada andar encontram-se trinta e quatro dormitórios duplos e dois individuais, totalizando trezentas e noventa e seis vagas, totalmente preenchidas. As vagas dos quartos individuais são sorteadas entre os moradores já residentes há mais de um ano. No nono andar, há uma cozinha e uma lavanderia coletiva, bem como um dormitório masculino e outro feminino para hospedagem temporária de jovens que vêm prestar vestibular ou para os alunos selecionados que aguardam por uma vaga na Casa. Há ainda o terraço, espaço ao ar livre onde os moradores se reúnem para realização de confraternizações.

Imagem 1 – Fachada da Casa do Estudante Universitário (CEU)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

A partir dos relatos apresentados pelos entrevistados, com o decorrer dos anos percebe-se que as casas de estudantes passaram a ser mal vistas pela sociedade, como se os jovens moradores de casas de estudantes não fossem bons rapazes ou boas moças. Percebe-se essa diferenciação no histórico da CEUACA, que em seu início, mobilizou a sociedade, a imprensa e os políticos como forma de arrecadar simpatia e angariar fundos à sua causa. A JUC teve, inicialmente, o apoio da Igreja Católica, assim como a CEUPA que contou com subsídios da Associação dos ex-alunos do Colégio Sinodal e posteriormente com doação da “Brot für die Welt”¹².

A Casa da Estudante da UFRGS inicialmente teve, de certa forma, auxílio da imprensa e da sociedade, o que pressionou a Universidade a se posicionar sobre a situação da moradia dos estudantes. No caso da CEFVAV, na década de 1950, a Universidade construiu uma sede social para a Faculdade de Agronomia e Veterinária e parece não ter percebido a carência/dificuldade de moradia de estudantes de baixa renda.

A CEU foi uma reivindicação antiga dos estudantes por mais alojamentos que atendessem à demanda de estudantes de baixa renda vindos do interior. Entretanto, sua construção teve início em 1959 e somente foi inaugurada em 1971, depois de muitas manifestações, contatos com a imprensa e políticos.

A partir do histórico das seis casas de estudantes ainda existentes em Porto Alegre, destaca-se que cinco são autogeridas e duas, a CEFVAV e a CEUFRGS recebem verba da UFRGS. Além disso, a CEU que está vinculada à Administração Central da Universidade. Se a CEU, vinculada a Administração Central da Universidade, não está em suas melhores condições de manutenção, a CEFVAV e a CEUFRGS estão em condições bem piores. O que dizer das casas que precisam buscar recursos para sua manutenção?

Com o governo atual, que continuou com as práticas de seu antecessor, os cortes de verbas na área da educação estão cada vez maiores, com instabilidade nas verbas para as instituições de ensino público superior e, conseqüentemente, colocando em risco a manutenção das casas de estudantes e restaurantes universitários mantidos por essas

¹² Pão para o Mundo é uma organização de ajuda, das Igrejas protestantes regionais livres, na Alemanha. brot-fuer-die-welt.de/pt/pao-para-o-mundo/. Acesso em: 15 set. 2020.

universidades. O fim desses programas pode inviabilizar a permanência do jovem de baixa renda nas instituições que permanecerem em funcionamento e torna cada vez mais difícil o acesso ao diploma universitário e, com isso, a possibilidade de melhoria de sucesso profissional.

Após essa explanação sobre as casas de estudantes de Porto Alegre e sua situação atual, o próximo tópico trata do percurso metodológico para realização do relatório técnico e do desenvolvimento do produto técnico.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente seção apresenta o percurso metodológico do relatório técnico e do produto final desenvolvido.

4.1 Percurso metodológico do relatório

Para este relatório técnico foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, que se preocupa com a realidade que não pode ser quantificado e com as relações indissociáveis entre causa e efeito, a partir de uma complexa reflexão, por parte dos pesquisadores, acerca do espaço, do grupo e dos instrumentos de pesquisa mais adequados para cada contexto (MINAYO, 2004). Segundo a autora, as pesquisas qualitativas trabalham com o universo dos significados que não podem ficar restritos somente a dados matemáticos.

Como estratégia metodológica, esta pesquisa utilizou-se de estudos de caso. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é um processo de investigação que conserva elementos holísticos e significativos de eventos que acontecem no dia-a-dia de organizações. É um recurso adequado para pesquisas que estudam os motivos e as explicações de situações distintas. Além disso, refere-se a uma investigação empírica sobre um fenômeno que ocorre em um contexto específico e, portanto, vários tipos de evidências precisam ser coletados, sistematizados e convergidos (YIN, 2001).

Para esta pesquisa, foram coletados os seguintes tipos de evidências: entrevistas e documentos, como regimento, artigos de jornais e fotos. De início, em relação às dificuldades inerentes à construção do relatório técnico, iniciou-se o embasamento desta pesquisa identificando a ausência de fontes documentais a respeito da CEU, tais como as fichas de registro de moradores, onde pudesse constar a trajetória do morador e de fontes bibliográficas sobre o tema.

Ainda em 2018, em entrevista com a Direção da CEU, foi informado que havia uma sala onde existiam caixas com documentos diversos. Foi permitida uma visita, onde se constatou que se tratava de uma sala com várias caixas onde foram guardados,

aleatoriamente, vários documentos sem o cuidado do uso de técnicas para que fosse possível a localização dos documentos arquivados.

Ainda que os documentos não estivessem devidamente ordenados, a pesquisadora entendeu ser importante a consulta dessas fontes documentais para compreender a trajetória do espaço, desde sua fundação, bem como suas principais características. Salienta-se que durante a realização do relatório técnico, não foi permitido o livre acesso aos documentos, apesar de já havido a autorização inicial, pois o arquivo estava sendo organizado por pessoal especializado e a negativa foi por entender que, como os documentos poderiam estar guardados de forma equivocada, a pesquisadora teria acesso a documentos considerados sigilosos, além de atrapalhar o processo de organização que estava sendo realizado. Ainda assim, permitiu-se o acesso a documentos essenciais para esta pesquisa, como o Regimento Interno da CEU (Anexo A).

Para responder ao objetivo específico de compreender as percepções dos moradores e ex-moradores, foram realizadas nove entrevistas. As entrevistas seguiram o método da história oral, a fim de que fosse possível perceber os papéis de jovens, moradores e ex-moradores de diferentes décadas, e investigar as suas percepções sobre suas memórias e vivências na CEU. Ao optar-se por esse enfoque, a história oral foi o método de pesquisa privilegiado que mais se adequava aos propósitos abordados para os resultados pretendidos.

Para Alberti (2005), a história oral propicia aos pesquisadores das áreas humanas e sociais a produção de fontes de consulta obtidas através de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam fatos e acontecimentos como forma de aproximá-los de seu objeto de pesquisa. Através da história oral, possibilita-se ouvir fatos não oficializados e/ou não documentados, que pertencem e fazem parte das lembranças de determinado grupo. Nessas narrativas, “tem-se a oportunidade de compreender fatos, até então pouco esclarecidos ou propositalmente silenciados, bem como as impressões e experiências pessoais dos sujeitos envolvidos nos acontecimentos” (ALBERTI, 2005, p. 22).

Uma das particularidades da história oral está na importância de entender como, do ponto de vista do sujeito, as experiências foram vivenciadas e como elas serão

relatadas, considerando-se os contextos histórico e sociocultural. O processo de recordação é individual e dele depende a forma como foi percebido e a importância deste sob cada indivíduo. Sob esse aspecto, faz-se necessário pensar em memória e biografia como integrantes da história oral (ALBERTI, 2005).

No método de pesquisa de história oral há dois tipos de entrevistas: a entrevista temática e a entrevista de história de vida, sendo que a escolha por uma delas dependerá do objetivo da pesquisa e da forma como os temas serão abordados. Enquanto a entrevista temática aborda apenas determinado assunto, concentrando-se em um específico período de tempo, “na entrevista de história de vida são abordados vários temas que abrangem toda a trajetória de vida do entrevistado e, durante esse processo, surgem temas de interesse para a pesquisa” (ALBERTI, 2005, p. 38).

Para fins deste relatório técnico, a história oral temática foi privilegiada. Foram realizadas entrevistas temáticas com nove pessoas, com base em um roteiro (Apêndice C). Sete entrevistas foram filmadas, considerando-se os aspectos éticos que regulamentam as pesquisas com seres humanos¹³, e outras duas foram apenas gravadas, respeitando-se a manifestação dos entrevistados.

Inicialmente, para a seleção dos entrevistados, partiu-se, como critério de inclusão, do fato de que deveriam ser identificados dois moradores ou ex-moradores por década de existência da Casa. Como a CEU foi inaugurada no ano de 1971, realizou-se uma busca por respondentes que contemplasse, além do tempo de permanência na Casa, questões referentes à diversidade de gênero e à proveniência, a fim de enriquecer a amostra.

A coleta de dados iniciou com a disciplina ministrada pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC) em 2018/2, intitulada “Construção e Comunicação da Cultura na Era Digital”, para a qual uma das atividades propostas era a elaboração de um questionário, via *Google Forms*, que possibilitasse a captação de entrevistados para a pesquisa de cada mestrando. Com auxílio da professora orientadora¹⁴, foi então elaborado um questionário simples e com poucas

¹³ A todos os participantes foi entregue e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos (Apêndice B), com as devidas especificações da pesquisa, bem como os riscos e benefícios aos respondentes.

¹⁴ Na época, a orientadora era a Prof.^a Dra. Luciane Raupp.

perguntas, cujo objetivo era identificar as décadas em que os respondentes haviam residido na CEU. O objetivo era que fosse conseguido dois entrevistados residentes por década, desde 1971, ano de inauguração, até os dias atuais. Para a década atual, optou-se por um morador que já estivesse por sair da Casa e outro com ingresso há no mínimo dois semestres, tempo que se considerou importante para a adaptação e formação de vínculos com a CEU.

O questionário, que foi construído de forma breve e pouco aprofundada, trazia em seu enunciado a informação de que o objeto da pesquisa do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais eram as memórias e as vivências dos moradores(as) e ex-moradores(as) da CEU, através de entrevistas. Partiu-se da ideia de que um questionário longo ou denso em informações pudesse deixar os respondentes pouco à vontade, em especial por se tratar de um recurso *online* que coleta dados pessoais. Portanto, o objetivo deste questionário inicial era exploratório, ou seja, viabilizar um levantamento inicial sobre possíveis entrevistados, a partir dos critérios já explicados anteriormente.

Por orientação da regente da disciplina, o questionário demorou a ser divulgado. Na ocasião, o país passava por um processo eleitoral, bastante disputado e que se decidiu no segundo turno. Como nesse período a mídia digital foi exaustivamente utilizada, o questionário foi veiculado a partir da segunda semana de novembro. O questionário foi disparado no *Facebook* da pesquisadora, entre sua rede de conhecidos, e também através do auxílio de ex-bolsistas que trabalharam com a pesquisadora, que possibilitou a divulgação do questionário/formulário na página da CEU no *Facebook*.

Como resultado deste processo exploratório, obteve-se retorno de trinta e três questionários, com características explicitadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Características dos respondentes do questionário exploratório

RESPONDENTES	QUANTIDADE	CARACTERÍSTICAS
Respondentes não moradores	5	-
Respondentes que solicitaram mais informações	4	2 respondentes informaram <i>e-mail</i> errado, 1 respondente estava fora do período desejado e 1 respondente foi selecionado para pesquisa
Respondentes da década de 1970	1	Selecionado para a pesquisa

Respondentes da década de 1980 a 1989	7	1 foi moradora de outra Casa da UFRGS, 2 do curso da Unidade de Ensino em que trabalha a pesquisadora, 1 respondeu, mas não teve interesse em participar da pesquisa, 1 informou <i>e-mail</i> errado, 1 não respondeu ao <i>e-mail</i> , 1 respondeu e mostrou-se interessado, mas como a proposta era um vídeo e o respondente não mora no estado, colocou-se à disposição - posteriormente, foram contatados moradores dessa década moradores de Porto Alegre.
Respondentes da década de 1990 a 1999	3	2 respondentes não responderam <i>e-mail</i> e 1 respondente informou <i>e-mail</i> errado
Respondentes da década de 2000 a 2009	3	1 respondente não respondeu e 2 respondentes com <i>e-mail</i> errado
Respondentes da década de 2010 a 2019	8	3 respondentes fora do período interesse, 2 dos respondentes do curso da Unidade de Ensino em que trabalha a pesquisadora, 1 respondente não respondeu <i>e-mail</i> e 2 dos respondentes atendiam o critério e foram selecionados para entrevista.
TOTAL DE RESPONDENTES		31

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Do total de 31 respondentes, cinco não foram moradores da CEU, três respondentes solicitaram mais informações, dois informaram *e-mail* errado e um não respondeu. Deste total, quatro deles foram entrevistados pela pesquisadora. Os outros cinco entrevistados foram indicados por colegas de trabalho da pesquisadora e pelos próprios entrevistados. A seguir, será explicado como ocorreu a inclusão de cada um destes oito respondentes na pesquisa. Na apresentação de cada um dos entrevistados, será explicado como ocorreu sua seleção para a pesquisa.

4.1.1 A escolha dos entrevistados

O objetivo dessa pesquisa foi o de visibilizar as memórias e vivências de moradores(as) e ex-moradores(as) da CEU, de diferentes décadas, a fim de compor um videodocumentário, produto técnico para o Mestrado em Memória Social e Bens Culturais.

Ao propor esse recorte temporal, a pesquisadora teve por interesse evidenciar os períodos dos quais esses sujeitos participaram e de que forma essas vivências foram importantes na formação de suas memórias durante o momento em que residiram ou residem na CEU. Cada uma dessas décadas representou momentos marcantes de mudanças sociais, culturais e políticas no país. Esses sujeitos, em sua contemporaneidade, vivenciaram, tanto dentro quanto fora da CEU, no ambiente da Universidade, essas mudanças.

A preferência inicial por dois moradores de cada década teve o objetivo de ter acesso a uma amostra dessas diferenças temporais. Entretanto, a meta inicial de dois entrevistados por década não foi totalmente atingida, pois na década de 1990 e 2000 conseguiu-se apenas um entrevistado disposto a fazer as entrevistas para cada um desses períodos.

No planejamento da pesquisa, havia a intenção de eleger sujeitos de localidades o mais distintas possíveis, a fim de trazer maior diversidade quanto a sexo, curso e cidade de origem. Por meio dessa diversidade, buscava-se compreender o processo de socialização e a importância da criação de laços na CEU, considerando-se a adaptação às novas rotinas da vida acadêmica e comunitária, distanciamento familiar, convivência com estranhos e choque cultural, assim como seu ingresso na vida adulta.

Com a amostra de dois entrevistados por década, desde 1971, ano de inauguração da CEU, até 2019, ter-se-ia o material para compor o vídeo documentário que permitisse visibilizar, através das narrativas desses moradores(as) e ex-moradores(as), as percepções dos acontecimentos que contribuíram para formação das memórias. Com isso, emergiriam, também, um pouco do contexto político, social e cultural de sua época, tais como sua vivência como morador(a), como universitário(a) e como sujeito.

Entretanto, mesmo após várias indicações de possíveis participantes e tentativas de contato com os mesmos, não se obteve número suficiente de entrevistados por década para a amostra proposta de dois ex-moradores(as), especialmente nas décadas de 1990 e 2000, fato que pode ser considerado uma limitação da pesquisa.

4.1.2 Aspectos práticos e teóricos das entrevistas

Para Alberti (2019), de acordo com o método de história oral, que baseia esse estudo, o sujeito torna-se o elemento mais importante da narrativa, pois ele é quem seleciona os acontecimentos vivenciados e, com suas palavras, expressões, emoções e sua singularidade, remete o ouvinte ao passado de forma tão presente. A narrativa, na medida que é contada ou que se pergunta sobre o tema, vai se encaixando e é através disso que se tem a “sensação de que o passado está presente” (ALBERTI, 2019, p. 15).

A partir de documentos gravados, são produzidos documentos, narrativas escritas ou audiovisuais (EVANGELISTA, 2011). Como o produto final, objetivo dessa pesquisa, foi a produção de um vídeo documentário, grande parte dos documentos (dados) analisados foram produto das entrevistas de áudio e entrevistas audiovisuais com ex-moradores(as) moradores(as) da CEU.

Quando se propõe uma pesquisa em que a metodologia é a história oral, no caso a história oral temática, pode acontecer de o pesquisador ter dificuldade de recrutar entrevistados, considerando-se que falar sobre si, para maioria das pessoas, não seja fácil. Destaca-se o fato de que o produto desta pesquisa é um vídeo documentário, que aumentar esta dificuldade.

A história oral promove, ainda, uma interação entre pesquisador e narrador, na qual aquele que produz conhecimento, primeiramente escuta e, depois, assume a narrativa. De outro lado, o narrador experiencia sua participação como alguém que, dentro do que foi proposto pelo pesquisador, elabora sua fala, suas vivências e memórias, tornando-se o condutor (dono) de sua narrativa, de sua história (SOUZA; RIBEIRO, 2018, p. 265-266). O processo de interação entre pesquisador e entrevistado, entrelaçando-se a como são colhidos os dados para a pesquisa e como os entrevistados podem se comportar frente a esses recursos será abordado na próxima seção.

Dessa coleta de dados, que totalizou 8h28min33s, entre gravação de áudio e audiovisual, gerou-se um texto para análise das memórias desses sujeitos, moradores(as) e ex-moradores(as), no período em que residiam/residem na Casa. A partir das gravações do audiovisual, foram utilizados trechos para realização do vídeo

documentário intitulado “Há um passado no meu presente - Memórias na Casa do Estudante Universitário (CEU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Salienta-se que o áudio é a materialização do som, apesar das expressões, pausas, olhares vagos que compõem a narrativa não estarem presentes. Mesmo que o audiovisual possibilite ampliar a visualização de elementos não visualizados no áudio, não é possível captar todos os aspectos. Ainda assim, durante a narrativa pode ocorrer momentos em que o narrador solicite uma pausa ou mesmo a inibição frente à câmera, o que reforça a importância das anotações do pesquisador (EVANGELISTA, 2011).

4.1.3 Considerações sobre a realização das entrevistas

Em todas as entrevistas de audiovisual os entrevistados perguntavam: Para onde eu olho? O que eu faço? Estes questionamentos podem denotar certa insegurança ou estranheza inicial diante da presença de uma câmera. Dois dos entrevistados foram resistentes com a questão da filmagem: MB, que informou que não gostava de sua imagem em filmagens, e NT, que inicialmente manifestou certo desconforto ao ser informada da possibilidade, mas, logo concordou com a filmagem. Desde o início, ficou acordado que, caso não se sentisse confortável a filmagem, a mesma poderia ser cancelada e seria gravado apenas o áudio. Dentre os entrevistados, apenas SN optou pelo anonimato e só permitiu a gravação do áudio, o que foi respeitado. A entrevista foi realizada somente em áudio também com o entrevistado MB, pois ele disse não se sentir bem com filmagens.

Assim, não houve maiores preocupações entre os outros participantes. As entrevistas se iniciaram com a identificação do entrevistado, dia e local da entrevista e imediatamente se iniciaram as narrativas. Não se pode dizer se as entrevistas ocorreram de maneira mais ou menos espontâneas, considerando-se o perfil distinto dos entrevistados. MB, por exemplo, é mais descontraído e falante e, SN, aparentemente mais reservado. Inclusive, um dos entrevistados, depois do início da entrevista, sentindo-se mais à vontade, mostrou-se bastante expansivo. Já SN, algumas vezes, solicitou auxílio do roteiro da entrevista para prosseguir em sua narrativa, manifestava gestos,

expressões e por vezes, entonava o que parecia evidenciar ironia, saudosismo, indignação.

O comportamento dos entrevistados frente à câmera inicialmente foi o mesmo. Entretanto, durante a entrevista, perceberam-se características comportamentais, como uma maior ou menor espontaneidade de cada um dos entrevistados frente à câmera. JF, político, acostumado com as câmeras, mostrou-se bastante à vontade em suas narrativas e poucas vezes foi necessária sua consulta ao roteiro da entrevista. JM, AL, TB e CR somente perguntaram sobre o posicionamento frente à câmera e iniciaram suas narrativas. NT, por sua vez, inicialmente mostrou-se constrangida por ser uma entrevista filmada. Apesar de sua concordância com a filmagem, foi a que se mostrou menos à vontade sob a presença da câmera, o que se percebeu em suas narrativas, entonação de voz, pausas e postura, que se manteve sempre formal. Com SB, a entrevista foi concedida depois que o vídeo documentário já estava pronto. A entrevista com SB foi realizada em junho de 2020, durante o período do distanciamento social por conta da pandemia de COVID-19, via sala de conferência (join.me), o que a tornou diferente das demais. Além de estar em sua casa, não haviam elementos concretos estranhos à sua rotina, como a pesquisadora, a câmera e o encarregado pela filmagem. Porém, esse tipo de entrevista, ainda que forneça ao pesquisador a imagem e o som, em decorrência da pesquisadora não estar fisicamente presente e o entrevistado estar frente a um monitor, seu olhar, seus gestos e expressões não ficaram tão perceptíveis quanto em uma entrevista presencial.

Assim, verifica-se que tanto nas entrevistas audiovisuais quanto nas entrevistas realizadas somente em formato de áudio, estabelece-se um contato entre entrevistado/entrevistador, em um momento único, em que suas diferenças se evidenciam basicamente na forma como esse documento poderá ser acessado. Em relação à performance do entrevistado, a interpretação dessa linguagem corporal é de todos que têm acesso à imagem, além do pesquisador (SOUZA; RIBEIRO, 2018).

Na entrevista oral, ainda que a entrevista tenha sido realizada sem a participação das outras pessoas que posteriormente irão assistir ao documento audiovisual, elas podem interpretar o que se mostra pelo narrador, mesmo que durante a filmagem se percam elementos importantes, que somente farão parte do caderno de campo do

pesquisador. Durante as entrevistas, muitos detalhes foram anotados em caderno de campo pela pesquisadora. Já na gravação de áudio, a menos que a pessoa seja muito explícita nas palavras, na entonação de voz e na expressão de suas emoções, somente o pesquisador pode ter acesso a essas nuances (EVANGELISTA, 2011; SOUZA, RIBEIRO, 2018).

Após as considerações sobre como foram abordados os entrevistados, as diferentes formas de realização das entrevistas e de que forma cada uma delas se apresenta, a seguir será relatado como se procederam as entrevistas.

4.1.4 Descrição do contexto de cada entrevista realizada

a) Entrevistado MB

O entrevistado MB foi um dos respondentes do questionário que solicitaram mais informações sobre o estudo. Assim que foi contatado, respondeu ao *e-mail* e se mostrou interessado em participar da pesquisa. Do primeiro contato com MB até a realização da entrevista se passaram alguns meses, tendo em vista que a pesquisadora só poderia iniciar a fase de entrevistas após a qualificação de seu projeto no mês de maio. Ao retomar-se o contato com MB, no início do mês de junho, por compromissos profissionais, a entrevista foi agendada para o dia 02 de julho de 2019, no Café Colher de Pau, localizado no Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS), às 17h30min.

MB chegou ao local combinado às 17h40min. Após a apresentação, ele novamente pediu mais informações sobre a pesquisa. Prontamente, informou-se sobre o Mestrado Profissional no PPGMSB da Universidade La Salle, o objetivo da pesquisa de dar voz às vivências e às memórias dos moradores e ex-moradores da CEU e o interesse pessoal da pesquisadora em relação à CEU, por ser servidora da UFRGS e ter trabalhado alguns anos vinculada ao órgão da Administração Central, responsável pela CEU. Foi informado, também, que a partir das entrevistas seria construído um produto técnico do Mestrado, em forma de documentário com depoimento dos entrevistados. Ele, então, diz não haver entendido e achou estranho, segundo suas palavras, o fato de alguém se interessar em pesquisar sobre a CEU.

Desde o contato inicial com MB, foi informado que, por se tratar de um Mestrado Profissional, faz-se necessária a apresentação de um produto, e que as entrevistas seriam filmadas e, posteriormente, seria construído um vídeo com trechos das mesmas. MB informou que concederia a entrevista, mas não gostaria de ser filmado. Como MB, até aquele momento, havia sido o único respondente da década de 1990, consultou-se a orientadora sobre a possibilidade de que a entrevista fosse captada somente no formato de áudio. Assim, por esse motivo, ressalta-se que no documentário não constam relatos de ex-moradores da década de 1990, considerando que MB foi o único respondente deste período.

Com essa conversa inicial, MB mostra-se mais à vontade, pede um café e, então, inicia-se a entrevista. Como proposta de história oral, a pesquisadora pede que o entrevistado, tendo por base um roteiro, fale um pouco sobre sua vida antes da chegada à CEU, bem como sobre sua adaptação, vivência e memórias durante o período em que lá permaneceu. O equipamento utilizado para a gravação da entrevista foi um celular *iPhone*, modelo SE. Como a entrevista foi realizada ao final da tarde, não havia muitas pessoas no local, aspecto positivo para a posterior transcrição da entrevista, que teve duração de 49min32s.

A entrevista transcorreu de maneira tranquila e foi bastante interessante se perceber as lembranças e as reminiscências feitas por MB durante sua passagem pela CEU. Observou-se que as lembranças surgiram e foram transmitidas, por suas expressões, como se tudo tivesse se passado há pouco tempo. Ainda que no início MB tivesse informado que a entrevista deveria ser muito rápida, pois já tinha assumido um compromisso posterior, não se mostrou preocupado com horário. Ao terminar a gravação, o participante ficou conversando com a pesquisadora e a acompanhou até parte de seu trajeto, quando informou que estava indo para casa.

b) Entrevistada NT

NT foi respondente do questionário pela página CEU/UFRGS do *Facebook*. Todo o contato, antes da entrevista, foi feito por *e-mail*. NT respondeu ao *e-mail* de contato e pediu mais informações sobre a pesquisa. Ao ser informada sobre a filmagem da

entrevista para realização de um vídeo, inicialmente negou, mas depois retornou *e-mail* para agendar o horário. O critério para entrevistar NT, dentre os respondentes do questionário, foi o fato de ser moradora com ingresso há mais de seis meses na CEU.

A entrevista foi marcada para o dia 30 de agosto de 2019, às 14h30min, na CEU. Inicialmente, verificou-se a possibilidade de que a entrevista fosse realizada no quarto de NT. Entretanto, como ela divide o quarto com um colega, que ao ser consultado sobre a possibilidade não concordou com a filmagem, a entrevista foi gravada no *hall* do sexto andar da CEU.

A entrevista transcorreu de forma fluida e a entrevistada mostrou-se bem articulada em sua narrativa. A filmagem, que durou mais de 25 minutos, foi conduzida pela proposta de história oral, tendo como base um roteiro, pautado nas vivências antes da chegada à CEU e nos processos de adaptação e de socialização desse período na Casa. Ao término da entrevista NT, conduziu a pesquisadora para conhecer os demais andares compartilhados da CEU, como a cozinha coletiva no nono andar e o terraço. Posteriormente, solicitou-se à NT fotos de seu quarto, prontamente enviadas, a fim de identificar como é atualmente a disposição de um quarto na CEU.

c) Entrevistado JF

JF é uma figura pública. Foi prefeito de Porto Alegre, deputado estadual e federal, e já havia sido entrevistado como ex-morador da CEU para uma publicação sobre as Casas de Estudantes da UFRGS, comemorativa aos 70 anos da Universidade. A sugestão do nome de JF para entrevista foi encaminhada pela orientadora, que havia assistido a uma entrevista em que ele menciona ter sido morador da CEU. No primeiro contato, para a apresentação da pesquisadora, foi feito pelo aplicativo *Messenger*. Logo, há retorno com o número de *WhatsApp* onde ele solicitou o link para o questionário da pesquisa e, a partir daí, o contato e marcação da entrevista foram realizados através desta ferramenta.

A entrevista foi marcada para o dia 06 de setembro de 2019, na Cafeteria Piatti, localizada na Avenida Duque de Caxias, nº 1187, às 15h30min. A pesquisadora chegou às 15h e JF já estava no local tomando café e lendo o jornal. O entrevistado, de início,

explicou que, por morar bem próximo à cafeteria e saber que é um ambiente tranquilo, havia escolhido o local para conceder a entrevista, já que o frequenta diariamente e seria, também, de fácil acesso.

No dia da entrevista, entretanto, véspera de feriado e chuvoso, o local estava ocupado por estudantes do ensino fundamental que visitavam o Palácio Piratini, o que tornou o lugar bastante barulhento e tumultuado. Com o bom humor do entrevistado para lidar com a situação, prosseguiu-se a filmagem, até porque não haveria outra oportunidade, conforme nos informou JF que, na semana seguinte, embarcou para realização de um Mestrado fora do país com retorno somente para as festas de final de ano.

A entrevista teve por base um roteiro previamente estruturado, utilizando-se a história oral como recurso para que fossem pontuadas as lembranças sobre a vida do entrevistado antes da chegada à CEU e, após passar a residir no espaço, sobre as adaptações e vivências no local. Morador da década de 1970, JF ingressou na CEU em 1973 e fez uma narrativa muito rica sobre um período conturbado da história recente do país, em que, como jovem universitário, lutou por liberdades democráticas.

d) Entrevistado CR

A participação CR foi indicação de uma colega da pesquisadora, que entrou em contato com ele e falou sobre a pesquisa, motivando o preenchimento do questionário do *Google Forms* que estava disponível na página da CEU/UFRGS no *Facebook*. Antes de qualquer contato acerca da passagem pela CEU, fui apresentada a CR, que, informando ter respondido o questionário, passou-me o endereço de *e-mail* para que fossem encaminhadas mais informações sobre a pesquisa, enviadas em seguida.

Em resposta ao *e-mail*, CR informou que estava finalizando o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para entrega e, falando sobre a necessidade de um período de descanso, combinamos que a entrevista seria agendada no retorno das férias. A escolha pela participação de CR, na pesquisa, se deu pelo fato de ele ser morador na década de 2010. Seu ingresso na CEU deu-se no segundo semestre do ano de 2015 e a previsão de saída era em março de 2020, logo após sua formatura, em janeiro de 2020.

A entrevista foi marcada para o dia 27 de setembro de 2019, às 10h30min, no *hall* do oitavo andar da CEU. Combinou-se que, ao chegar à Portaria, a pesquisadora deveria ligar para CR. Foram feitas duas tentativas de contato até que ele atendesse à ligação, solicitando que a pesquisadora aguardasse mais alguns minutos antes de subir ao *hall*. Em seguida, CR pessoalmente recebeu a pesquisadora na Portaria, se desculpando pelo atraso, que ocorreu em função de ter trabalhado até muito tarde em seu TCC.

A pessoa contratada para fazer a filmagem, por motivos de saúde, também estava atrasada e, enquanto esperávamos sua chegada, CR comentou sobre seu TCC e sobre a expectativa de estar finalizando a graduação em Teatro/Direção Teatral. Mostrando-se apreensivo, comentou sobre a necessidade de deixar a CEU e não saber exatamente o que fazer a partir de então.

A entrevista, que iniciou às 11h35min, começou por CR narrando uma parte mais recente de sua história de vida, seu amor pela CEU e o grande aprendizado que é viver em uma moradia estudantil. Suas falas foram bastante fortes, reflexivas e cheias de pausas. Uma narrativa densa, para tão pouco tempo. Em alguns momentos, CR se perdeu na narrativa, trocando de assunto e, a seu pedido, a pesquisadora teve de fazer algumas perguntas para que ele voltasse ao tema que estava sendo focado.

e) Entrevistado JM

JM foi indicação de uma colega da Unidade da UFRGS em que trabalha a pesquisadora. Essa colega já foi moradora de outra casa de estudantes da UFRGS e indicou seu marido, que foi morador da CEU. Entretanto, por se considerar uma pessoa muito tímida e não gostar de se expor, não tem *Facebook* nem outra rede social. Concordou apenas em responder ao questionário. A colega, então, lembrou-se do irmão de uma amiga que havia sido morador da CEU e, por *e-mail*, entrou em contato com JM.

O participante respondeu o *e-mail* solicitando o número de *WhatsApp* da pesquisadora, pois queria mais detalhes sobre a pesquisa. JM se interessou pelo objeto da pesquisa e indicou dois dos entrevistados, que foram seus colegas na CEU e com os quais ele mantém contato até hoje. Além disso, JM contribuiu com fotos de seu arquivo pessoal sobre o período em que residiu na CEU.

A entrevista foi realizada no dia 29 de outubro de 2019, às 17h30min, na Biblioteca da Faculdade de Educação, no Campus Central da UFRGS, em uma sala mais reservada, onde foi possível proceder à filmagem sem atrapalhar o ambiente de estudos. JM iniciou a entrevista um pouco preocupado, pois, de última hora, havia sido marcada uma reunião na escola da filha e, por isso, a entrevista não poderia ser muito longa, já que deveria estar na reunião às 19h e a escola não era próxima à UFRGS. Ainda assim, a entrevista transcorreu tranquilamente.

O entrevistado explica que participou de um período bastante efervescente na CEU, na década de 1980, ingressando como morador no ano de 1980. Logo em seguida houve a invasão feminina, em 29 de abril daquele ano, que seria uma das grandes mudanças na CEU. Engajado no Movimento Estudantil, seu relato é repleto de entusiasmo e de detalhes, como se os fatos fossem recentes e não ocorridos há quarenta anos.

f) Entrevistado SN

SN foi indicado por JM. Ambos foram colegas da CEU na década de 1980, ainda que SN tenha ingressado na CEU no ano de 1979. Após contato e concordância de SN para a participação na pesquisa, recebemos *e-mail* para contato. Entretanto, desde o início, manifestou sua intenção de permanecer anônimo.

A escolha por sua entrevista foi de interesse da pesquisadora devido ao fato de SN ter ingressado na CEU em 1979, saído durante um ano para prestar serviço militar e retornado em 1981, quando a CEU já tinha deixado de ser uma casa de estudantes exclusivamente masculina. Além disso, o participante residiu no espaço por um longo período de tempo: durante a graduação, considerando a troca de curso, e também durante o mestrado. Estes fatos trazem à pesquisa uma ampla visão das mudanças ocorridas na CEU.

A entrevista foi realizada no Café Pes.to, do Centro Cultural da UFRGS, no Campus Central, no dia 12 de novembro de 2019, às 15h30min. O entrevistado SN chegou no horário marcado, nos apresentamos, conversamos e quando foi assinado o

TCLE, iniciou-se a entrevista. A gravação da entrevista de áudio foi realizada com um *iPhone SE* e teve duração de aproximadamente 41min18s.

Ao ouvi-lo narrar as memórias da CEU, tem-se a impressão que SN morou em duas CEU distintas. No início, havia mais entrosamento, como ele se refere “ao caldo de cultura” surgido no início dos anos de 1980 e, de acordo com ele, isso foi se perdendo no passar dos anos. O próprio participante explica sua percepção: os amigos foram saindo e a CEU foi perdendo seu encanto inicial; ele, mais maduro, tinha um pensamento diferente dos novos moradores e foi percebendo que era chegado o momento de sair da Casa.

g) Entrevistada AL

AL foi indicada por JM. Ambos foram colegas no tempo em que residiam na CEU e mantêm vínculos de amizade até os dias de hoje. JM conversou com AL e falou sobre a pesquisa, encaminhando o contato do *WhatsApp*. Após trocas de mensagem com a participante, a entrevista foi marcada para o dia 13 de novembro de 2019, em seu local de trabalho situado na Avenida Ipiranga, próximo à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

AL se propôs a conceder a entrevista em seu horário de almoço, às 12h. Entretanto, como estava em uma reunião fora do local de trabalho, a entrevista iniciou às 13h em uma sala de treinamento. A entrevista ocorreu de forma tranquila, mas foi breve devido às restrições de horário de AL e por conta do atraso que já havia ocorrido em sua reunião anterior.

h) Entrevistada TB

A entrevistada TB foi indicada pelo entrevistado CR, que a conhecia e sabia que ela havia sido moradora da CEU. Encaminhou-se *e-mail* para TB e houve demora na resposta. Ao responder, a entrevistada pediu desculpas e informou que estava fora do estado em atividade profissional. Pediu mais informações sobre o trabalho e ficou surpresa sobre o interesse em uma pesquisa de Mestrado com foco na CEU, ao passo

em que foram explicados maiores detalhes sobre os objetivos e justificativas deste estudo.

Entre o primeiro contato, em setembro, e a entrevista, no final de novembro, houve alguns contratemplos e chegou-se a pensar que TB não estivesse interessada em conceder a entrevista. TB, então, solicitou uma entrevista prévia, a fim de se conversar sobre detalhes da pesquisa, o produto e a filmagem. Marcou-se um encontro em um café, próximo a seu local de trabalho.

Ao chegar ao local, TB estava com um colega de trabalho, que também foi morador da CEU, na mesma década de 1980, logo após a saída de TB da Casa, que pediu para participar da discussão. Como já se havia feito contato com outros moradores da mesma década de 1980, em conversa com a orientadora, entendeu-se que não havia necessidade de mais uma entrevista do mesmo período. TB sentiu-se satisfeita no esclarecimento de suas dúvidas e confirmou que seus compromissos profissionais dificultaram a resposta aos *e-mails* encaminhados.

Por pelo menos duas vezes, as entrevistas foram desmarcadas por compromissos profissionais agendados em cima da hora, após o comprometimento com a entrevista. A entrevista, novamente marcada para o dia 29 de novembro, às 9h, no Instituto de Artes, foi desmarcada no dia anterior, pois havia previsão de uma manhã com mais de uma reunião. Como a reunião terminou antes do previsto e a reunião subsequente foi cancelada, TB ligou e perguntou se a entrevista poderia se realizar naquele mesmo dia às 11h, em seu apartamento, avisando que não poderia haver atraso, pois às 13h30min teria outro compromisso. Como ela mesma disse, depois de tantos contratemplos e uma agenda imprevista, seria melhor aproveitar as horas que ela sabia que teria disponível e realizar logo a entrevista. Com essa nova situação, a pesquisadora, diante da possibilidade de perder a entrevista, concordou principalmente pelo fato de TB ter sido a primeira moradora oficial da CEU.

A possibilidade de realização da entrevista foi comunicada às 9h30min. A pesquisadora, então, entrou novamente em contato com a pessoa responsável pela filmagem, que informou que, em virtude do cancelamento anterior, já havia assumido outro compromisso. A solução encontrada pela pesquisadora foi utilizar sua própria câmera fotográfica. Felizmente, como TB mora próximo ao local de trabalho da

pesquisadora, tudo pode ser organizado a tempo do horário combinado. Devido aos imprevistos, entretanto, parte da entrevista foi filmada e o restante foi gravado em áudio, totalizando 1h33min23s de narrativas de TB.

A entrevista transcorreu de forma tranquila. No decurso da gravação, quando TB se lembrou dos amigos que perdeu para a AIDS, sentiu-se bastante emocionada, solicitou a interrupção da entrevista, pediu licença e ausentou-se da sala. Chegou-se a pensar que, por conta da emoção, não seria possível prosseguir com a entrevista. Porém, passados alguns minutos, TB retornou à sala e retomou sua narrativa.

Em seu discurso, a entrevistada deixou evidentes as dificuldades de aceitação enfrentadas dentro da CEU, por parte de alguns dos moradores. Como TB explica, se não fosse sua persistência e aos “meninos”, como ela se refere aos grandes amigos que a apoiaram e a protegeram durante os maus momentos, tem certeza que não teria resistido à pressão e teria deixado a CEU.

i) Entrevista SB

Antes de explicar como foi o contato com a entrevistada SB, moradora da década de 2000, cabe esclarecer que, até pouco tempo antes de encerrar o relatório técnico, não havia nenhuma narrativa desse período (2000-2009). O período de 2000 a 2009 foi estimado pela pesquisadora como o que haveria mais respondentes, pois já haviam sido feitos contatos prévios com ex-moradores que haviam trabalhado com a pesquisadora, sendo que um deles ofereceu-se para divulgar em sua rede social o formulário da pesquisa.

Algumas pessoas, que ao saberem da realização da pesquisa se manifestaram favoráveis, quando contatados para participar, sequer preencheram o formulário exploratório da pesquisa, disponibilizado por mídia digital. As mensagens encaminhadas pelo *Messenger* também não foram retornadas e, em pouco tempo, estas pessoas também deixaram de comentar e curtir as postagens feitas pela pesquisadora em seu perfil.

Houve casos de colegas de trabalho que informaram conhecer pessoas de suas relações que sabiam serem ex-moradores da CEU, mas, antes de passarem à

pesquisadora esses contatos, primeiramente entrariam em contato com essas pessoas. Entretanto, não fizeram mais contato e não deram retorno, o que ficou entendido como uma negativa por parte dos possíveis candidatos às entrevistas.

Diante de tal atitude, entende-se e respeita-se a posição dos sujeitos, ainda mais diante do fato de que as entrevistas tinham por foco as memórias e vivências na CEU. Para autores estudados no decorrer do Mestrado, como Pollak (1989), há memórias, que de alguma forma, podem evocar lembranças tão dolorosas e traumatizantes, ou mesmo vergonhosas, que são postas no esquecimento e, como forma de proteção, as pessoas se mantêm longe de grupos, pessoas ou até mesmo lugares que possam trazer à superfície tais memórias.

O questionário veiculado na página de ex-moradores do *Facebook* contou com três respondentes. Apesar disso, um deles não retornou o *e-mail* enviado pela pesquisadora e os demais informaram endereços de *e-mail* incorretos, fato que foi interpretado como falta de interesse em participar da pesquisa, ainda que tivessem se proposto a responder ao questionário. Assim, quando a pesquisadora e a orientadora já consideravam um *gap* de dados desta década (2000-2009), surgiu a possibilidade, através de um contato pessoal da pesquisadora, de uma ex-moradora que sinalizou interesse em participar da pesquisa.

O primeiro contato com SB foi realizado através da ferramenta *WhatsApp*, no dia 23 de junho de 2020. A entrevista, marcada para o dia 24 de junho às 17h30min, foi realizada pelo aplicativo *Jitsi.org* e teve duração de 1h12min15s. SB contribuiu positivamente com a realização deste estudo, pois apresentou duas visões acerca da instituição: a do passado, como ex-moradora da CEU, e a do presente, como atual servidora da UFRGS. Nesse sentido, a entrevista com SB, através de sua visão particular de dois polos opostos da universidade em dois períodos distintos de tempo, contemplou mais de uma década, possibilitando a melhor compreensão dos impactos da implementação de políticas públicas e dos investimentos na educação.

Nessa seção, abordou-se como foram realizadas as entrevistas e como os entrevistados se comportaram frente ao roteiro. A seguir, será apresentado um quadro com a sistematização das entrevistas realizadas.

4.1.5 Sistematização das entrevistas realizadas

O quadro a seguir (Quadro 4) apresenta a sistematização das entrevistas realizadas, por participante, de acordo com o tempo de duração e a década em que residiram ou residem na CEU. Ainda que oito dos nove entrevistados tenham autorizado sua identificação, para fins deste relatório, de forma a apresentar todos os participantes de mesma forma, optou-se por preservar a sua identidade. Optou-se por identificar cada entrevistado pelas iniciais de seus nomes e sobrenomes, com exceção de SN (Sem Nome), que solicitou que não fosse identificado de maneira nenhuma.

Quadro 4 – Entrevistados desta pesquisa

Nº	ENTREVISTADO/A	PERÍODO DE RESIDÊNCIA NA CEU	TEMPO DE ENTREVISTA
1	JF	1974-1980	1h23min17s
2	SN	1979-1989	41min18s
3	JM	1980-1983	55min23s
4	TB	1980-1982	1h33min23s
5	AL	1981-1982	26min57s
6	MB	1991-1996	49min32s
7	SB	2002-2006	1h12min15s
8	CR	2016-2019	58min43s
9	NT	2018-atual	27min45s

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Os dados obtidos mediante a seleção de documentos e entrevistas realizadas serão analisados segundo o método de Análise de Conteúdo Temática (MINAYO, 2004). Conforme Minayo (2004), pode-se optar por vários tipos de unidades de registro para análise de conteúdo de uma determinada fonte. A Análise de Conteúdo Temática é uma técnica de análise de dados em que se podem encontrar respostas às questões

formuladas, confirmando ou não o que se imaginava encontrar. A Análise de conteúdo também pode ajudar na identificação de questões não manifestas nos conteúdos dos dados coletados (MINAYO, 2004). As análises temáticas dos elementos que emergiram da apresentação descritiva dos dados serão apresentadas, posteriormente, a partir das seguintes categorias: 1) Memórias subterrâneas e preconceito; 2) Sociabilidade, pertencimento e juventudes; 3) Movimento Estudantil; e 4) Memórias e vivências.

4.2 Percorso metodológico do produto técnico

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle tem por requisito a elaboração de produto final para o Mestrado, que deve ser construído com base em uma função social. No caso desta pesquisa, o produto construído foi um vídeo documentário que retrata, através de narrativas, as vivências de moradores e ex-moradores da CEU, como espaço de vivência, no processo da construção de suas memórias, desde 1971, ano de sua fundação, até os dias atuais.

O propósito deste documentário é o alcance de um público interno composto pela comunidade universitária em geral e também externa à UFRGS, considerando-se a importância de que se conheçam os processos de socialização na CEU. Neste documentário, propõe-se uma abordagem que inclua a importância da CEU como ambiente estudantil e como parte da memória e da identidade das juventudes que frequentaram ou que ainda frequentam o espaço. Considera-se ainda, a CEU como locus do movimento estudantil da UFRGS, permeado por histórias, lutas e reivindicações por melhorias nas condições da educação e mudanças políticas e educacionais no país ao longo dos anos. Considerando que um dos entrevistados não concordou em participar do vídeo e outro preferiu manter o anonimato, por uma questão de equidade, optou-se por utilizar, neste relatório técnico, apenas as iniciais dos entrevistados.

Na disciplina “Oficina de Produção e Gestão Cultural” do Mestrado, foi realizado o planejamento do produto final deste estudo. Para embasamento da construção do produto, utilizou-se a plataforma de vídeos *Youtube* para a realização de uma pesquisa com os descritores “casas de estudante”, “república de estudantes” e “moradia de estudantes”, a fim de que fosse possível identificar as produções já feitas sobre o tema

foco desta investigação. Especificamente sobre a CEU, objeto da pesquisa, foram encontrados somente três vídeos e, em apenas um deles, há entrevistas em que moradores relatam de forma breve suas vivências e relacionamentos na Casa. Nos demais, são apresentadas somente imagens relacionadas à CEU.

Para avaliação de outros vídeos similares, ampliou-se a pesquisa, onde foram localizados dois vídeos sobre a Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida – CEUACA, de Porto Alegre. Nestes vídeos sobre a CEUACA, as entrevistas narram as dificuldades pelas quais a Casa passa devido à falta manutenção do espaço e à apreensão dos moradores pela incerteza sobre seu futuro.

Esgotadas as pesquisas sobre vídeos acerca de casas de estudantes na cidade de Porto Alegre, iniciou-se a busca por casas de estudantes no interior do RS e em outros estados, que pudessem ser considerados concorrentes ao produto. Encontrou-se, então, um vídeo da Casa do Estudante da Universidade Federal do Paraná e outro da Universidade Federal de Ouro Preto, ambos construídos pelas emissoras de televisão das respectivas Universidades. Estes vídeos são institucionais e neles são apresentadas aos interessados as possibilidades de moradias e as formas de acesso.

No Quadro 5 é apresentado o demonstrativo dos vídeos localizados:

Quadro 5 – Análise dos resultados encontrados na plataforma *Youtube*

Nº	Produto	Qualidade	Alcance	Serviços ao Cliente
1	Eu moro na Casa do Estudante da UFRGS (publicação em 13/12/2012 – duração 16min00seg).	Vídeo de boa qualidade (não profissional).	13.697 visualizações, 129 avaliações positivas, 4 avaliações negativas e 32 comentários.	Entrevistas com moradores que narram suas vivências e percepções sobre a CEU. Conforme informação na publicação as imagens foram feitas em 2004, mas somente publicadas em 2012.
2	A Casa do Estudante da UFRGS (publicação em 24/04/2012 – duração 4min00seg).	Vídeo de boa qualidade (não profissional).	7.083 visualizações, 48 avaliações positivas, 3 avaliações negativas e 4 comentários.	Mostra, através de imagens aleatórias, a rotina dos moradores da CEU. Vídeo sem entrevistas.

3	Vida na Casa do Estudante da UFRGS (publicação em 02/07/2011 – 2min40seg).	Vídeo de boa qualidade (não profissional).	4.253 visualizações, 41 avaliações positivas, 1 avaliação negativa e 5 comentários.	Mostra de imagens de moradores em uma confraternização realizada na Casa. Vídeo sem entrevistas.
4	CEUACA – Casa do Estudante – Parte 1/2 (publicação em 28/12/2008 – duração 6min29seg).	Vídeo de boa qualidade (não profissional).	1.269 visualizações, 6 avaliações positivas, 0 avaliações negativas e 1 comentário.	Entrevistas com moradores da CEUACA, onde estes relatam a situação precária da casa e dos riscos à sua segurança dos que lá vivem.
5	CEUACA – Casa do Estudante – Parte 2/2 (publicação em 10/05/2009 – duração 7min38seg).	Vídeo de boa qualidade (não profissional).	617 visualizações, 4 avaliações positivas, 0 avaliações negativas e 1 comentário.	Continuação das entrevistas com moradores da CEUACA, onde estes relatam a situação precária da casa e dos riscos à sua segurança.
6	Casa do Estudantes da Universidade Federal do Paraná (publicação em 21/03/2017 – duração 14min44seg).	Realização da TV da UFPR (profissional).	7.676 visualizações, 282 avaliações positivas, 2 avaliações negativas e 14 comentários.	O vídeo, apresenta a história, a forma de ingresso, e composição administrativa da Casa do Estudante da Universidade Federal do Paraná.
7	Vida de Estudante na UFOP – Moradia – Episódio 1 (publicação em 31/09/2013 – duração 12min50seg).	Realização da TV da UFOP (profissional).	19.130 visualizações, 220 avaliações positivas, 4 avaliações negativas e 11 comentários.	Série da TV UFOP, realizado em vídeo sobre moradia estudantil. No primeiro episódio são informados os tipos de moradia estudantil oferecidas pela UFOP e suas formas de ingresso.
8	Vida de Estudante na UFOP – Moradia – Episódio 2 (publicação em 31/09/2013 – duração 11min23seg).	Realização da TV da UFOP (profissional).	7.954 visualizações, 81 avaliações positivas, 1 avaliação negativa e 2 comentários.	Continuação da Série da TV UFOP, onde foi realizado em vídeo sobre moradia estudantil. No episódio 2 são apresentadas as outras modalidades de moradia estudantil.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018).

Procedendo-se à análise dos resultados encontrados, quanto à forma, conteúdo e alcance dos vídeos na plataforma, entendeu-se a viabilidade de veiculação do produto desenvolvido. Ainda que a temática dos vídeos fosse sobre casas de estudantes, a

pesquisa evidenciou a pouca produção audiovisual que aborda os temas memória e juventudes, objetos da pesquisa em desenvolvimento.

O vídeo produzido tem como título "Há um passado no meu presente – Memórias na Casa do Estudante Universitário da UFRGS". A seguir, apresenta-se o roteiro para a produção do documentário, produto final do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais desta pesquisadora (Quadro 6).

Quadro 6 – Roteiro do vídeo documentário “Há um passado no meu presente – Memórias na Casa do Estudante da UFRGS”

Cena	Nome do Entrevistado(a)	Imagem	Som/Fala do entrevistado
1		Logo Universidade La Salle.	Música de fundo.
2		Apresenta vídeo como produto técnico do Mestrado Profissional do PPGMMSBC.	Música de fundo.
3		Nome da Orientadora Dra. Maria de Lourdes Borges. No plano de fundo, imagens dos corredores do 8º andar da CEU e do terraço do nono andar.	Música de fundo.
4		Direção do vídeo e ao fundo terraço do nono andar da CEU e corredor do 6º andar.	Música de fundo.
5		Nome do vídeo documentário “Há um passado no meu futuro – Memórias na Casa do Estudante da UFRGS”.	Música de fundo.
6		Frase “A CEU vem de uma história que se transforma muito rápido” de Carlos Rasch, morador de 2015 a 2019.	Música de fundo.
7		Frase: “E foi dessa geração que ia pra rua, que brigava por liberdade, entendeu? Mas muito desse companheirismo, pra mim, vem da Casa. Não é da Faculdade. [...] a Casa era um reduto, assim, de acolhimento”. Tetê Barachini, moradora de 1980 a 1982.	Música de fundo.
8		O verso “Há um passado no meu presente” é de uma composição de Milton	Música de fundo.

		Nascimento “Bola de Meia, Bola de Gude”.	
9	José Alberto Fortunati ¹⁵ , morador de 1974 a 1980.	Cafeteria Piatti – Av. Duque de Caxias.	Explica que sua compreensão mais ampla e geral sobre política se deu dentro da CEU.
10	Carlos Rasch, morador de 2015 a 2019.	<i>Hall</i> do 8º andar da CEU.	Narra suas impressões sob sua participação descreve a passeata em 2016, relativa ao <i>impeachment</i> de Dilma Roussef, quando passava em frente ao prédio da CEU.
11		Imagens cedida do Acervo do Museu da UFRGS da AMCEU e DCE	José Fortunati narra sobre as primeiras reuniões para criação da AMCEU.
12	José Alberto Fortunati, morador de 1974 a 1980.	Cafeteria Piatti – Av. Duque de Caxias.	As reuniões, que por uma questão de segurança e o controle que existia sobre as atividades políticas dos moradores eram proibidas pelo Regimento Interno da CEU, eram realizadas sempre em um quarto diferente para não chamar a atenção.
13		Foto fachada da CEU década de 1980. Acervo do Museu da UFRGS.	Ao fundo, continuação da entrevista de José Fortunati.
14	José Mário D’Ávila Neves, morador de 1980 a 1983.	Sala de estudos na Biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS, Campus Central.	Narra, sob sua perspectiva, que a ditadura que se instalou em 1964 barrou a discussão cultural e sobre os modos de vida

¹⁵ Os entrevistados que aparecem com identificação neste relatório e no vídeo autorizam a pesquisadora a fazer esta divulgação.

			<p>da juventude que foi iniciado em Maio de 68, e que as manifestações de 1980 foram promovidas por essas duas correntes que se uniram a contestação política à ditadura e aos modos de vida conservadores promovidos durante a ditadura.</p>
15	Tetê Barachini, moradora de 1980 a 1982.	Residência da entrevistada.	<p>Pela localização do DCE, no 2º andar da CEU a atividade política era muito grande dentro da Casa. Eles estavam dentro da discussão política estudantil. Período de construção do PT.</p>
16	José Mário D'Ávila Neves, morador de 1980 a 1983.	Sala de estudos na Biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS, Campus Central.	<p>A ditadura, inclusive, teria barrado o processo de ingresso feminino na CEU.</p>
17	Ana Luiza de Moraes Vieira, moradora de 1981 a 1982.	Sala de aula Escola de Saúde Pública do RS.	<p>Conta sobre sua participação no Movimento estudantil da época.</p>
18	José Alberto Fortunati, morador de 1974 a 1980.	Cafeteria Piatti – Av. Duque de Caxias.	<p>Uma das formas de socialização eram os torneios de futebol por times inter-andares.</p>
19		Interior de um quarto na CEU década de 1970. Foto do Acervo Museu da UFRGS.	<p>Tetê fala da importância da CEU como local de socialização. Quando se inicia um curso, o envolvimento com aulas e trabalhos só sobre o curso fazem com que os estudantes permaneçam em uma bolha, e a CEU com essa convivência,</p>

			contribui com a diversificação de conhecimento a todos.
20		Interior de um quarto na CEU década de 1970. Foto do Acervo Museu da UFRGS.	Tetê fala da importância da CEU como local de socialização. Quando se inicia um curso, o envolvimento com aulas e trabalhos só sobre o curso fazem com que os estudantes permaneçam em uma bolha, e a CEU com essa convivência, contribui com a diversificação de conhecimento a todos.
21		Foto do DCE década de 1980. Foto do Acervo Museu da UFRGS.	Narrativa de Tetê Barachini.
22	Tetê Barachini, moradora de 1980 a 1982.	Residência da entrevistada.	A CEU propicia que haja uma interação com as outras áreas de formação e essa convivência promove uma formação mais diversificada.
23	José Alberto Fortunati, morador de 1974 a 1980.	Cafeteria Piatti – Av. Duque de Caxias.	As interações eram as rodas de chimarrão e de viola no <i>hall</i> dos andares da CEU.
24	Natália Bastian, moradora de 2018/2 até os dias atuais.	<i>Hall</i> do 6º andar da CEU.	Sobre a divisão do espaço com o colega de quarto, deve haver tolerância para uma boa convivência.
25		Foto da esquerda do acervo pessoal José Mário e da direita do acervo da UFRGS.	Narra sobre o choque cultural ao chegar a Porto Alegre.
26	Tetê Barachini, moradora de 1980 a 1982.	Residência da entrevistada.	Do privilégio de ter estudado na UFRGS e morado na CEU, moradia gratuita que lhe foi de grande auxílio.

27	Natália Bastian, moradora de 2018/2 até os dias atuais.	Hall do 6º andar da CEU.	Integração entre andares não é muito grande. Desde que entrou na CEU, só lembra de uma reunião geral.
28		Foto do dormitório em 2019, do acervo pessoal Natália Bastian.	Entrevistada Natália Bastian dizendo que o mais comum são as reuniões com os representantes de andares.
29		Foto do dormitório em 2019, do acervo pessoal Natália Bastian.	
30		Foto de confraternização do terraço do 9º andar – Foto de Antônio Furquim.	
31	José Alberto Fortunati, morador de 1974 a 1980.	Cafeteria Piatti – Av. Duque de Caxias.	Relembra que o Fortunati de hoje, por sua trajetória e formação cultural e educacional, é quem é porque encontrou abrigo na CEU.
32	Natália Bastian, moradora de 2018/2 até os dias atuais.	Hall do 6º andar da CEU.	Desde que saiu de casa sente-se mais madura. Fala sobre a forma como passa a enxergar o mundo e toda a diversidade ao entrar na Universidade.
31	José Alberto Fortunati, morador de 1974 a 1980.	Cafeteria Piatti – Av. Duque de Caxias.	Criação de vínculos de cumplicidade por estarem na mesma situação, por se reconhecerem como iguais.
32	Carlos Rasch, morador de 2015 a 2019.	Hall do 8º andar da CEU.	Entende que a CEU é um grande espaço de aprendizado.
33	José Alberto Fortunati, morador de 1974 a 1980.	Cafeteria Piatti – Av. Duque de Caxias.	Identidade criada entre os moradores, baseada em uma identidade

			socioeconômica e por serem do interior do estado.
34	José Mário D'Ávila Neves, morador de 1980 a 1983.	Sala de estudos na Biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS, Campus Central.	Morar Na CEU foi um processo de ruptura com conceitos de um jovem do interior formado no período da ditadura.
35	Carlos Rasch, morador de 2015 a 2019.	<i>Hall</i> do 8º andar da CEU.	Passar pela CEU transformou seu caminho e completa: só quem passou pela CEU para entender esse significado.
36	Natália Bastian, moradora de 2018/2 até os dias atuais.	<i>Hall</i> do 6º andar da CEU.	Sobre as amizades feitas na CEU, que vão durar por um bom tempo na sua vida.
37		Imagem em movimento dos depoimentos por ordem de entrada na CEU, créditos e agradecimentos.	Música de fundo.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

O percurso metodológico deste relatório técnico e do produto final desenvolvido foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório (MINAYO, 2004).

A estratégia metodológica partiu da realização de um estudo de caso, caminho mais adequado às pesquisas que explicam causas e narrativas diferentes (YIN, 2001), a exemplo de estudos empíricos sobre uma situação ocorrida em um contexto específico, dando oportunidade de coletar diversas evidências. No caso do produto técnico, foram coletados documentos (regimentos, artigos de jornais e fotos) e entrevistas, notando-se uma ausência de fontes documentais em relação a CEU, fichas de registro e fontes bibliográficas sobre o tema.

Como salientado, buscando entender as percepções dos(as) moradores(as) e ex-moradores(as) da CEU, privilegiou-se o método de história oral, onde a narrativa de cada entrevistado é importante e única, uma vez que aquele momento não se repete. Através

dessas narrativas, buscou-se compreender as memórias desses jovens durante sua passagem pela CEU.

A fim de proporcionar diversidade, a pesquisadora optou por selecionar dois entrevistados por década e de localidades distintas, com o objetivo de trazer duas perspectivas de um mesmo período.

As gravações foram concluídas com sucesso, apesar de alguns imprevistos. Produziu-se, a partir de então, um quadro para sistematizar as entrevistas. Os dados obtidos foram analisados pelo método de análise de conteúdo temática, útil para encontrar respostas às questões formuladas que confirmam ou não as hipóteses de pesquisa (MINAYO, 2004).

O produto final do mestrado profissional do PPGMSBC deve ser uma construção que tenha alguma função social. O documentário, cumprindo o requisito, tratou de narrativas e vivências de moradores e ex-moradores de 1973 até os dias atuais, com o propósito de mostrar o processo de socialização da CEU. O público-alvo para o documentário é interno, da comunidade universitária e externo, de fora da UFRGS, constituindo-se de ex-moradores(as), familiares de moradores(as) e ex-moradores(as), futuros moradores(as) e a todos que tenham interesse pelo assunto, tanto de moradia estudantil quanto da memória. Além disso, o público-alvo envolve o público docente e discente do PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle onde a autora fez seu mestrado profissional, bem como o público externo interessado no tema.

A pesquisadora realizou um levantamento inicial, utilizando a plataforma *YouTube*, para buscar e identificar outras produções semelhantes realizadas, pesquisando outras casas de estudantes para verificar uma possível concorrência com o produto. Com os resultados das pesquisas, viu-se a viabilidade da construção e veiculação do produto.

Tendo exposto a metodologia do relatório técnico e do produto final, na próxima seção será abordada a apresentação descritiva dos dados.

5 APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DOS DADOS

Este capítulo apresenta cada uma das nove entrevistas de forma descritiva, a partir das memórias de cada morador/a entrevistado/a. Serão apresentados, também, excertos das narrativas, escolhidos pela pesquisadora, que foram mais significativos para os objetivos desta pesquisa. Nesta primeira parte da apresentação descritiva dos dados, serão sinalizadas algumas indicações sobre os temas que cada entrevistado enfatizou, para fins de organização da leitura. Salieta-se que no capítulo seguinte será apresentada uma discussão mais voltada para aspectos analíticos.

O quadro a seguir foi formulado a partir da compilação das entrevistas realizadas, por década de residência, bem como do tamanho do arquivo da entrevista transcrita, para fins de visualização geral (Quadro 7).

Quadro 7 – Compilação dos entrevistados por período de moradia na CEU

Nº	DÉCADA	PERÍODO	ENTREVISTADO/A	CIDADE DE ORIGEM	QUANT. PÁGINAS
1	1970	1974-1980	JF	FLORES DA CUNHA/RS	23
2	1970/80	1979-1989	SN	CAXIAS DO SUL/RS	12
3	1980	1980-1983	JM	CANELA/RS	13
4	1980	1980-1982	TB	PORTO ALEGRE/RS	28
5	1980	1981-1982	AL	PORTO ALEGRE/RS	9
6	1990	1991-1996	MB	VERANÓPOLIS/RS	16
7	2000	2002-2006	SB	SÃO MIGUEL DO OESTE/SC	14
8	2010	2016-2019	CR	CAMPO BOM/RS	13
9	2020	2018-ATUAL	NT	FELIZ/RS	8
TOTAL DE PÁGINAS TRANSCRITAS					136

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

A seguir, serão apresentadas as percepções dos moradores, de acordo com a década em que moraram/moram na CEU. As informações foram organizadas de forma cronológica, para facilitar a compreensão dos dados trazidos pelos participantes.

5.1 Percepções de morador da década de 1970 (morador 1974-1980): JF

5.1.1 Sobre a Casa do Estudante Universitário

A Casa do Estudante Universitário (CEU) foi concebida para atender exclusivamente acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do sexo masculino, vindos do interior do estado e do restante do Brasil. O início das obras teria iniciado no ano de 1959 e, conforme a prioridade estabelecida pela Administração Central, o Restaurante Universitário (RU) foi finalizado na década de 1960. Com capacidade para oferecer 1.800 refeições diárias, foi a primeira parte do projeto da CEU, que previa a construção RU no térreo e nove andares de moradia estudantil (SILVA, 2004).

Crises financeiras e prioridades por outros projetos da Universidade, dentre eles a finalização do Hospital de Clínicas e a Faculdade de Odontologia, colocaram o término da construção da CEU em segundo plano e frustraram o atendimento à demanda por moradia, já naquela época. Como a havia previsão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) ocupar uma sala do prédio e, conseqüentemente, o interesse na agilidade na conclusão do projeto, o então presidente Joaquim de Oliveira Borges (1967-1968) manifestou, em reportagem veiculada na Folha da Tarde do dia 05 de janeiro de 1968, sua descrença na possibilidade da inauguração da CEU antes do início letivo de 1968 (SILVA, 2004).

Após entrevista concedida pelo Presidente do DCE, passaram-se mais três anos até a conclusão da CEU, que foi finalmente entregue para ocupação em 1971. A cerimônia de inauguração se realizou em 27 de julho daquele ano pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici. A entrega da obra foi divulgada pela edição do jornal Correio do Povo de 27 de julho de 1971:

Programa: Hoje às 10h o Presidente, cumprindo programa de dois dias em Porto Alegre, visitará a Casa do Estudante da UFRGS, que abriga cerca de 400 universitários, sendo considerada a maior em funcionamento no País. Na oportunidade será recebido pelo reitor Eduardo Faraco, integrantes do Conselho Universitário e presidentes dos Diretórios Acadêmicos (PRESIDENTE da República em Pôrto Alegre, 1971, p. 32).

Destacava-se, conforme depoimento do entrevistado JF, a existência de uma grande placa de bronze na entrada da CEU, que marcou a inauguração da Casa em 1971, em plena ditadura militar, na presença do então presidente. A pesquisadora fez contato com antigos servidores da CEU, mas, infelizmente, aqueles que poderiam lembrar-se do destino da placa já estavam aposentados, e os que ingressaram após o ano de 1985 sequer tinham conhecimento sobre ela. Desta forma, não foi possível estabelecer com precisão a retirada da placa de inauguração da CEU. Pode-se supor que sua retirada, assim como de qualquer outra lembrança ao período da ditadura em toda a Universidade, tenha ocorrido quando efetivamente houve a redemocratização do país.

JF, ao narrar os fatos ocorridos a partir de sua chegada à CEU, em 1974, pontua que o país vivia um dos momentos mais duros da ditadura militar, marcado por repressão às manifestações, prisões, torturas e perseguições. A percepção do entrevistado foi que se encontrava em um local planejado, estruturado e controlado por um rígido Regimento Interno (Anexo A) e, para confirmar isso, constava um aviso na entrada:

De acordo com a própria placa – não sei se ainda existe hoje na entrada do prédio – era uma casa modelo do regime militar, do governo militar, casa padrão, que iria servir de modelo para as demais casas de estudantes no país. Isso que constava na placa. [...] me lembro perfeitamente dela, estava ali pra mostrar que a Casa do Estudante da UFRGS era realmente uma referência. Ela era realmente diferenciada (JF, em 06/09/2019).

O entrevistado viveu em um período político conturbado da história da Casa, em que presenciou embates e lutou pela democracia e por melhorias, na CEU, no RU e na UFRGS como um todo. Das memórias dos tempos em que lá viveu, pontua: “[...] nós sentimos muito o peso da ditadura [...]” (JF, em 06/09/2019). Para esse ex-morador, a placa de bronze foi o "símbolo" de uma época, que talvez, para outros ex-moradores do mesmo período, não provoque a mesma lembrança.

Outros entrevistados, de décadas subsequentes, apresentam outras características, como uma flexibilização na forma de viver na CEU, principalmente com o ingresso feminino na Casa, a partir de 1980. Esses relatos mostram a evolução política do país em alguns anos, o processo de redemocratização e a atuação do Movimento Estudantil (ME) nesse processo. Sobre esta articulação, evidencia-se que ela possa ter ocorrido dentro da Casa, pois parte dos representantes do ME eram moradores da CEU.

Outro fato importante a destacar é que o Diretório Central de Estudantes (DCE) tem, até os dias de hoje, sua sede no segundo andar da CEU. Para Della Vechia (2011), ainda que houvesse um controle dos atos do ME, por parte do regime militar na década de 1970, Geisel¹⁶, percebendo o aumento da impopularidade do regime, promove a flexibilização e a chama de “reabertura política lenta, gradual e segura”, que seria passada a Figueiredo¹⁷, seu sucessor. Porém, durante esse período, ainda houve duras represálias às manifestações, prisões e torturas.

A CEU foi estruturada para ser um modelo durante a ditadura militar. Por essa concepção, ainda que bem instalados em quartos compactos, equipados e acolhedores, os entrevistados estavam sujeitos às regras do sistema militar: organização, higiene, rotinas e hierarquia. A Casa, impecavelmente limpa e organizada, para o entrevistado, também contava com uma equipe de trabalhadoras terceirizadas responsáveis pela limpeza geral, arrumadeiras e um serviço de lavanderia.

O primeiro andar era o Restaurante Universitário, o segundo andar era a recepção, assistente social, administração, DCE, onde até hoje fica DCE. Então, se uma pessoa do sexo feminino fosse procurar um morador, ela tinha uma pequena sala, que ficava mais ou menos no meio do prédio, uma sala de visita, ela ficava aguardando até que o guarda – era um guarda – fosse até o quarto, chamasse o morador, o morador descesse e fizesse o contato com essa visita. (JF, em 06/09/2019).

Os reflexos do regime militar também transparecem no Regimento da CEU, aprovado pelo reitor da universidade em 25 de fevereiro de 1971 que, até onde se tem conhecimento, não contou com a participação dos moradores da Casa e dos alunos. Este Regimento deixava claro o fato de que a CEU, ainda que dirigida por um Conselho

¹⁶ Governo de Ernesto Geisel de 1974-1979

¹⁷ Governo de João Batista Figueiredo de 1979-1985

Administrativo constituído por sete representantes¹⁸, era um órgão da Administração Central da UFRGS. Trata-se da narrativa de uma sociedade dos anos de 1970, que vivia em uma ditadura civil militar. Contava-se com rígidas estruturas para criar e controlar regras. Padrões morais eram fortes, evidenciados pelas falas que deixam claro que esse Regimento expressava os preceitos políticos e morais vigentes na época.

Naquele período, importante lembrar, as mulheres não podiam acessar a Casa do Estudante. Na verdade, as mulheres só podiam chegar ao segundo andar. É importante destacar, as únicas mulheres autorizadas a entrar na Casa eram as mulheres encarregadas da limpeza da Casa, porque quem fazia a limpeza, naquele momento, eram mulheres de uma empresa terceirizada que limpavam e arrumavam todos os quartos, faziam a faxina dos andares. (JF, em 06/09/2019).

Concluído o processo de saída da Casa dos pais e conseqüente ingresso da CEU, os jovens se deparavam com a vivência coletiva em um prédio de nove andares. Sendo os quartos do terceiro ao oitavo andar, no segundo andar a parte administrativa da CEU, o DCE, a sala de televisão e a biblioteca. No nono andar ficava a lavanderia. De acordo com o entrevistado, na época o terceiro andar era destinado aos alunos de pós-graduação e os demais aos alunos de graduação. Na CEU havia uma biblioteca e uma sala de recreação com televisão colorida, o que para época era um diferencial impressionante para uma casa de estudantes de universidade pública. O time mais forte da CEU era o do quinto andar, basicamente composto por alunos das engenharias, denominado “Quintão”. O time do entrevistado, do oitavo andar, formado por vários cursos, por ser um time de iniciantes, foi chamado de “Zebrinha”.

[...] nós tínhamos um campeonato de futebol de salão. Obviamente a CEU não tinha uma quadra de esportes então nós conseguimos uma quadra emprestada que ficava atrás da faculdade de Medicina – Antiga Faculdade Católica de Medicina, hoje UFCSPA – atrás da Santa Casa, e realizamos nossos torneios, inter-andares, nesta quadra. Então, cada andar organizava seu time, primeiro por andar, depois foi se aglutinando. Depois nós formamos, ainda me lembro, o time “Zebrinha”, porque nós éramos... Surgimos como um time surpresa, começamos a ganhar de todo mundo, éramos uma zebra [...]. (JF, em 06/09/2019).

¹⁸ Um representante administrativo, três representantes indicados pela reitoria e três moradores da CEU, representantes dos andares da casa: um representante do andar dos cursos de pós-graduação e dois dos andares dos cursos de graduação, eleitos pelos próprios moradores dos respectivos andares. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1971, p. 6).

Em Silva (2004), há relatos de que os luxos encontrados na Casa, como a televisão em cores, a lavanderia e as arrumadeiras, serviam apenas para desviar a atenção dos moradores para situações mais pontuais por eles reivindicadas, tais como participação efetiva na administração da CEU, a abertura ao ingresso feminino e a liberdade para realização de atividades culturais, a fim de promover um maior entrosamento entre os moradores, sem intervenção da administração da Casa. Em continuidade das contestações, entrava a questão do futebol. De acordo com um grupo de moradores, a administração da CEU, através do departamento de recreação, promovia como forma de lazer, com verbas da Casa, apenas o futebol, em uma quadra cedida pela Santa Casa, antiga Universidade Católica de Medicina, para os campeonatos realizados. JF relembra outras formas de socialização entre os moradores:

[...] roda de chimarrão e de viola em todos os andares, bem na frente dos elevadores, onde havia uns pequenos sofás. Acredito que isso até hoje exista. Então o pessoal se reunia pra bater papo, tomar chimarrão, trocar ideia, pegar um violão. Eram as nossas diversões. Como era todo mundo de uma situação financeira diminuta, nós não tínhamos grana pra outras atividades [...]. (JF, em 06/09/2019).

A roda de chimarrão, normalmente realizada ao fim da tarde, é bem comum no interior do estado. Com ela, as famílias se aproximam, através de pautas cotidianas, motivadas principalmente pelos membros mais velhos. Em geral, os jovens não participam por não ser uma atividade de seu interesse. Preferem estar com os seus amigos e tratar de assuntos entre pares. Assim acontecia na CEU, pois esses jovens participavam de uma comunidade cujos interesses eram semelhantes, mas o hábito da roda de chimarrão fazia parte das lembranças vividas nas casas de seus pais.

Pensando-se nas famílias de origem, também, em geral residentes no interior do estado, destaca-se a escassez de dinheiro e o fato dos jovens, por vezes, não poderem contar com a ajuda financeira das famílias para gastos extras, ao mesmo tempo em que se encontram em uma universidade, na capital, cercados por novidades. Para lidar com isso, era preciso usar a criatividade. JF conta que buscavam por alternativas acessíveis ao bolso dos moradores, principalmente no espaço que era conhecido como as catacumbas do CEUE (Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia), porão do

prédio centenário da Escola de Engenharia, famoso por suas festas e também outras alternativas, como as que descreve:

[...] cada um de nós procurava o seu diretório acadêmico e nós também frequentávamos os outros locais pra buscarmos essas fontes alternativas de entretenimento, caso da cultura, música, etc. Enfim, para passarmos tempo. [...] eu me lembro que, de vez em quando, nós íamos ao cinema Capitólio que era nosso preferido, porque o cinema Capitólio tinha, na época, uma seleção fantástica de filmes, realmente uma mostra sempre muito interessantes. Era nosso cinema preferido, mas nós só podíamos ir de vez em quando [...]. (JF, em 06/09/2019).

Na entrevista, JF falou brevemente sobre a questão dos recursos financeiros, mas, ainda assim, trouxe à tona reflexões marcantes sobre o assunto. Em relação a isso, pontua o senso de pertencimento por perceber que os outros moradores estavam todos na mesma condição que ele, e reflete sobre essa questão ter facilitado a convivência diária: “[...] era muito fácil conviver com os outros moradores porque nós nos olhávamos e nos víamos espelhados.” (JF, em 06/09/2019). Ressalta, ainda, a solidariedade dos veteranos, que eram o suporte da Casa e compreendiam todas as angústias dos que estavam chegando na CEU.

5.1.2 Sobre a atuação e participação no Movimento Estudantil

Conforme seu relato, JF orgulha-se de sua origem humilde. Sua mãe era professora e costureira e, seu pai, funcionário do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER). Pontua que, desde cedo, recebeu dos pais, principalmente da mãe, orientação política e consciência de classe, que pautaram sua atuação futura e o engajamento no movimento estudantil.

Bom, em 1974 nós estávamos em plena ditadura militar. Eu já vinha com uma consciência de casa. Minha mãe era muito politizada, mas uma politização não exacerbada. Na verdade, eu tinha consciência, eu tinha consciência de classe, ponto. (JF, em 06/09/2019).

Em 1975, o entrevistado foi convidado a concorrer em uma chapa única pelo Diretório Acadêmico de Estatística e Matemática (DAEMA). Ele seria o vice-presidente,

entretanto, o candidato à presidência, irmão de um servidor da UFRGS, por conta do momento político vivido, foi aconselhado a inverter os cargos. JF, que na época já era militante, não viu problema na inversão dos cargos e foi eleito presidente do DAEMA naquele ano. Em sua narrativa, conta um episódio violação de correspondência cometido pelo Diretor do Instituto de Matemática:

As correspondências que chegavam para o Diretório Acadêmico dos Estudantes de Matemática, na época, passavam pelo diretor da faculdade que abria, lia e depois entregava no diretório. Eu rompi com isso depois de uma grande polêmica. Não aceitei que isso continuasse. Criou-se um conflito e uma crise muito grande. Nós ameaçamos com a OAB e com Movimento de Justiça e dos Direitos Humanos e ele recuou. E com isso nós terminamos com a falta de sigilo da correspondência do Diretório Acadêmico em 1975. (JF, em 06/09/2019).

De acordo com o Regimento Interno (Anexo A), era proibida qualquer atividade política¹⁹ na CEU. O entrevistado relembra que, após alguns avanços, no ano de 1977, foi editado por ele o jornal “O Cortiço”, com textos escritos pelos próprios moradores e excelentes charges. Segundo JF, não havia uma pré-censura quanto às publicações, mas antes que o jornal entrasse em circulação, um exemplar era encaminhado à Administração para a avaliação de possíveis conteúdos impróprios ou ofensivos. Somente após essa aprovação o jornal podia ser distribuído.

Como havia essa censura, nós tomávamos os cuidados. Nós sabíamos o momento que estávamos vivendo, sabíamos da nossa fragilidade, da nossa vulnerabilidade, tínhamos consciência disso. Então a gente sabia que podia avançar até determinado ponto. [...] Porque uma charge ofensiva, um texto mais agressivo, certamente poderia resultar na expulsão de um morador da CEU, o que seria um desastre pra vida desse estudante. (JF, em 06/09/2019).

A edição e publicação do jornal foi uma forma criativa encontrada pelos jovens para que pudessem expor seus posicionamentos políticos de forma crítica, dentro dos limites impostos pelo controle da Casa. A intenção do jornal era a de que todos os moradores pudessem se envolver com as pautas elencadas, objetivando melhorias que beneficiariam a CEU. Pensando-se no contexto de repressão instituído pela ditadura militar, muitos foram os enfrentamentos com a polícia durante as várias manifestações

¹⁹ Art. 51 do Regimento da CEU, aprovado conforme Proc. nº 2906/71, em 25/02/1971, p. 19.

em que JF participou, principalmente as manifestações que ganharam as ruas nos anos de 1978 e 1979.

Tivemos vários enfrentamentos na época com elevação do preço do RU, que pro público em geral, demais estudantes, era um preço pequeno, mas pra nós moradores, não tínhamos diferença no atendimento, acabava pesando. Então nós fizemos vários movimentos para evitar o aumento da refeição no RU [...]. Éramos moradores bem-intencionados que lutávamos por algumas coisas básicas, dentre elas a questão da educação pública de qualidade, um RU que oferecesse uma comida boa por um preço justo. Nós não avançamos muito mais do que isso, nós levantávamos as bandeiras básicas que o movimento estudantil defendia, liberdades democráticas, essa era grande bandeira, liberdade de expressão, liberdade de opinião. (JF, em 06/09/2019).

A manifestação narrada a seguir teria acontecido no ano de 1978. Dentre outras pautas, organizou-se contra o aumento do valor do RU. A partir do ano de 1977, o Movimento Estudantil, já reorganizado, saiu novamente às ruas em passeatas e atos públicos pedindo por liberdades democráticas, ensino gratuito de qualidade, melhorias na qualidade da alimentação servida no RU e contra o aumento das refeições.

Quando o pelotão de choque foi avançando e chegou na altura da CEU, muitos dos estudantes saíram às sacadas jogando cadeiras, enfim, o que tinham nas mãos, sobre o pelotão de choque. O pelotão de choque invadiu a CEU com bombas de gás lacrimogêneo, foi realmente um fuzuê. Bem, o episódio passou e, em seguida, vários dos moradores, entre eles eu, fomos notificados pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Famoso DOPS. Fomos convocados para prestar depoimento. Aquilo causou, obviamente, um constrangimento e, obviamente, um temor muito grande porque nós estávamos em plena ditadura militar. Aliás, nós sentimos muito o peso da ditadura. (JF, em 06/09/2019).

JF evidencia em seus relatos, construídos em uma época de repressão que, para manter a ordem a “máquina”, utilizava-se do medo e da violação de direitos. O Movimento Estudantil, que tinha por abrigo o saguão da CEU, ainda assim, realizava suas manifestações e, por envolver-se em atividades que eram consideradas proibidas, era reprimido pelo batalhão de choque da polícia militar.

5.1.3 Sobre as lutas por mudanças

No Regimento Interno da CEU (Anexo A), de 1971, não há uma regulamentação sobre a entrada feminina na Casa. Somente no Capítulo III²⁰, que discorre sobre as penalidades, é pontuado, em seu Art. 38, que será considerado faltoso: a) cometer atos contra a moral, nas dependências da CEU; e) se fizer acompanhar ou permitir a entrada de pessoas do sexo feminino, salvo com expressa autorização do Administrador. Os Art. 39 e 40 causam ainda mais consternação ao pontuarem que moradores que se enquadrarem nos itens “a” e “e” do Art. 38, supracitados, terão como penalidade a exclusão definitiva sumária, não se levando em conta os antecedentes dos faltosos.

As regras morais da época eram tão rígidas, que não havia necessidade de explicar em nenhum dos artigos o que seriam considerados “atos contra a moral”. De mesma forma, não se encontram explicações para que atos contra a moral vigente e se fazer acompanhar ou permitir a entrada de pessoas do sexo feminino fossem considerados atos tão graves que, somente nesses dois casos, os antecedentes do morador não poderiam ser levados em consideração.

Conforme JF, as pessoas encarregadas da manutenção da CEU, da limpeza, da arrumação dos quartos e do serviço de lavanderia, eram todas mulheres. No Art. 36 do Regimento Interno (Anexo A), constitui-se como dever do morador: i) comunicar-se com os empregados, sempre através da Direção. Neste sentido, pode-se entender que os moradores não podiam se dirigir às mulheres que trabalhavam na CEU.

Da mesma forma, o acesso das mulheres na CEU era permitido somente em uma sala no segundo andar. As visitas chegavam, identificavam-se e, então, um segurança ia até o quarto chamar o morador enquanto as mulheres, independentemente da idade ou grau de parentesco, aguardavam na sala. As visitas eram acompanhadas pelo guarda, que não permitia que moradores ficassem a sós com as mulheres.

Naquele período, importante lembrar, as mulheres não podiam acessar a Casa do Estudante. Na verdade, as mulheres só podiam chegar ao segundo andar. [...] Então, se uma pessoa do sexo feminino fosse procurar um morador, ela tinha uma pequena sala, que ficava mais ou menos no meio do prédio – uma sala de visita. Ela ficava aguardando até que o guarda fosse até o quarto, chamasse o

²⁰ Regimento da CEU, aprovado conforme Proc. nº 2906/71, em 25/02/1971, p. 16.

morador, o morador descesse e fizesse o contato com essa visita. O que é importante destacar, as únicas mulheres autorizadas a entrar na Casa eram as mulheres encarregadas da limpeza da Casa. (JF, em 06/09/2019).

Em uma partida de futebol, JF sofreu um acidente e precisou imobilizar a perna, o que lhe impossibilitou de sair da cama. Sua mãe foi visitá-lo e, como ele não podia descer até o segundo andar para recebê-la, o contato entre os dois não seria permitido. A ida de sua mãe até o quarto só foi possível após muita discussão com o Administrador, conforme seu relato:

Formalmente, a primeira mulher que entrou na CEU foi minha mãe. Em 1977, 1978 não estou lembrado do ano, faz muito tempo, numa partida de futebol machuquei o joelho. Minha mãe veio do interior porque eu estava imobilizado. Quando chegou na Portaria, foi proibida de subir e se criou um impasse. Eu não tinha como sair do quarto, ela não podia subir. Houve uma grande mobilização de vários moradores em relação a isso e, finalmente, o Administrador da CEU acabou autorizando, em caráter excepcional, que minha mãe me visitasse no oitavo andar. Com uma ressalva, foi acompanhada por um dos guardas da Casa que tinha a orientação de ficar com ela durante toda a visita, mantendo a porta do quarto aberta. Essa era claramente uma construção equivocada de “proteção” (sinal de aspas feito pelo entrevistado) aos moradores. (JF, em 06/09/2019).

Depois desse episódio, houve uma movimentação na CEU para entrada feminina, feita através de uma grande mobilização de todos os andares da Casa. Entretanto, os argumentos usados por alguns dos moradores para impedir o ingresso feminino na CEU causaram surpresa ao entrevistado:

[...] nós resolvemos bancar a luta pela entrada das mulheres. Não era nem pela moradia ainda, era simplesmente pelo ingresso das mulheres nos apartamentos, e começamos com amplo debate, andar por andar, E foi impressionante como no início a maioria dos moradores rejeitava a ideia de receber mulheres, de possibilitar que as mulheres entrassem. Por argumentos ridículos pra hoje, mas que na época soavam muito fortes: “Eu vou estar no quarto e meu colega de quarto vai receber a namorada, vão começar a transar e como que eu vou estudar?” ou “meu colega do outro quarto, o que separa os quartos é uma parede fina, meu colega do outro quarto vai estar transando, a mulher gemendo como que eu vou estudar?” Esses eram os argumentos contra a entrada de mulheres. (JF, em 06/09/2019).

Essa primeira consulta aos moradores não foi tão positiva quanto eles imaginavam, afinal, conforme JF relata, ao iniciarem o debate, pensavam que haveria consenso pelo ingresso feminino na CEU, mas foram surpresos pelo fato de que a maioria

dos moradores não concordou com a ideia. Para um grupo que buscava flexibilização no Regimento da CEU, que entendia que esse acesso fazia parte de suas reivindicações por democracia e liberdade, o resultado foi decepcionante.

5.1.4 Sobre o preconceito por ser morador da CEU

A transitoriedade do período das juventudes pode colocar os jovens em uma situação descompromissada frente à sociedade, por conta de, muitas vezes, haver poucas responsabilidades e cobranças a eles direcionadas. Casas de estudantes e repúblicas eram vistas de forma pejorativa, assim como seus moradores, consideradas locais de boêmios e mulherengos. Faltava a percepção de que, ainda estivessem interessados em concluir o curso e obterem seus diplomas, os jovens também queriam se divertir, o que contribuía para a má fama do local e de seus residentes.

Morar na CEU acarretava, também, outro agravante diretamente relacionado ao preconceito social. Para ter direito a morar na CEU, o sujeito deveria comprovar situação “econômico-financeira”, tendo preferência os candidatos mais necessitados, conforme o Art. 28²¹, alínea “a”, do Regimento Interno (Anexo A).

[...] nós acabamos marcados como os pobres da universidade. Na verdade, havia um preconceito. Eu nunca levei em consideração esse preconceito. E tenho certeza que muitos dos meus colegas pouco levaram em consideração esse preconceito. Ao contrário, pra mim era um orgulho. Sempre, desde a época que morava na Casa, destaquei que era morador da CEU. [...]. Mas sei que pra muitos, sei por que conversei com meus colegas, pra muitos isso era motivo de vergonha. Porque dar o endereço da CEU muitas vezes servia como *bullying*, para que outros pudessem depreciar a sua condição. (JF, em 06/09/2019).

De acordo com o entrevistado, o estigma social e o preconceito relacionados aos moradores da CEU, em virtude da situação econômica desfavorável, levavam-nos a, inclusive, mentir sobre seu local de residência. Como pontua JF, muitas pessoas davam o endereço do prédio localizado ao lado da Casa, para descaracterizarem-se como moradores da CEU.

²¹ Regimento da CEU, aprovado conforme Proc. nº 2906/71, em 25/02/1971 p. 12.

5.1.5 Sobre as memórias e vivências

O período de residência na CEU, de acordo com JF, foi importante para a construção de laços afetivos que até hoje estão presentes em sua vida, pautadas em um grande senso de identificação e pertencimento. Ele pontua que “o vínculo criado com os moradores da CEU, pela sua [...] identidade muito forte, em cima de alguns pressupostos que não eram políticos, eram mais socioeconômicos, e pelo fato de sermos do interior do estado consolidaram em nós uma relação fantástica.” (JF, em 06/09/2019).

De mesma forma, JF considera como imprescindíveis à constituição de sua identidade as vivências que teve no período em que residiu na Casa. Evidenciando as memórias que marcam esse período de sua vida, finaliza seu discurso discorrendo que “[...] na verdade JF hoje é o que é, do ponto de vista de sua trajetória, formação cultural, educacional porque encontrou um abrigo na CEU da UFRGS.” (JF, em 06/09/2019).

5.2 Percepções de morador da década de 1970/80 (morador de 1979-1989²²): SN

SN, apesar de manifestar o seu desejo em participar da pesquisa, não quis se identificar. Ingressou na UFRGS, no curso de Engenharia Química, em 1979/1 e, na CEU, em 1979/2. Nascido em uma cidade do interior do RS, de colonização italiana e bastante conservadora, durante a conversa mencionou que não se falava em política, muito menos em ditadura. Ao chegar a Porto Alegre, percebeu que o curso de Engenharia Química, que na época tinha um dos centros acadêmicos mais atuantes da UFRGS, o Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia (CEUE), colocava-o na efervescência política do movimento estudantil.

Na cidade onde eu morava, por exemplo, eu nem tinha notícias que nós estávamos numa ditadura militar, nunca tinha ouvido falar esse assunto e na UFRGS... Naquela época (refere-se à época de 1980) o movimento estudantil era bastante forte. [...] a gente comenta que estava estourando a bolha do maio de 68 (SN, em 12/11/2019).

²² SN ingressou na CEU como estudante de Engenharia Química, ficou um ano afastado por conta do serviço militar, trocou para o curso de Psicologia em 1983, concluiu e continuou como morador durante seu Mestrado.

Por ter vivido durante a ditadura militar e ter estado em um quartel, diz entender a década de 1970 como a mais opressora que já assolou o país. SN ingressou na UFRGS em 1979, período em que o país iniciou o processo de reabertura democrática no governo de Figueiredo (1979-1985), marcado grande retomada política do movimento estudantil em todo o país. Em seu discurso, fala sobre o movimento estudantil como uma contestação à ditadura.

5.2.1 Sobre as transformações percebidas na CEU

SN ingressou na CEU em 1979/2 e em 1980/1 saiu para prestar serviço militar. Retornou em 1981 e permaneceu na CEU por cerca de oito anos. Do total de entrevistados que participaram desta pesquisa, SN foi o que residiu por mais tempo na CEU. No período em que morou na Casa, SN presenciou muitas mudanças em relação à CEU e à sua dinâmica.

O entrevistado relata que, nos anos de 1980, ainda não era permitida a entrada de mulheres na CEU e, portanto, as mulheres que faziam a limpeza da Casa, adquiriram, também, um papel de cuidadoras, estabelecendo laços significativos com os moradores. Quando saiu da CEU para prestar serviço e militar e retornou após algum tempo, deparou-se com uma realidade bastante diferente daquela à qual estava acostumado:

Eu peguei toda essa transição, peguei a CEU toda limpinha, organizada, asséptica. Aí virou uma bagunça. Também não sei se deixaram de fazer limpeza uma época, se tiraram as funcionárias. Sei que virou um pouco uma bagunça. Também porque elas tentavam entrar nos quartos e as pessoas não queriam que elas entrassem. Eu fiquei uns oito anos, é bastante tempo (SN, em 12/11/2019).

No decorrer deste período, o entrevistado refere à percepção de que a universidade deixou de lado o controle sobre a CEU, na virada dos anos de 1980 para os anos de 1990. Os moradores assumiram o controle da Casa e a tornaram uma “zona cinzenta” (SN, em 12/11/2019). De acordo com SN, logo depois houve, também, a questão da moradia feminina, que trouxe mais liberdade à CEU.

5.2.2 Sobre a socialização na CEU

Em seus relatos, SN pontua que, quando passou no vestibular e teve de vir morar em Porto Alegre, a primeira alternativa encontrada foi que ele residisse com filhos de um amigo de seu pai. Como SN não conhecia as pessoas com que foi morar, deixou evidente que o processo de socialização e o período, como um todo, foram bastante difíceis. “Onde eu morei, com pessoas com quem morei eu não tinha nenhuma vinculação” (SN, em 12/11/2019).

Pouco depois o apartamento desta família foi vendido e SN, em busca de um lugar para morar, chegou à CEU. Após uma experiência de moradia angustiante, SN encontra na CEU um ambiente amigável e de fácil entrosamento, visto que encontrou conhecidos de sua cidade de origem. “Caxias não é tão pequena assim, mas pra uma nova cidade eu ficava bastante perdido e ali na Casa do Estudante eu encontrei algumas pessoas que eu conhecia de lá [...]” (SN, em 12/11/2019).

O entrevistado relata que o RU se constituía como uma primeira referência às pessoas que chegavam à CEU. Como era um local amplamente frequentado, o processo de socialização acaba tornando-se mais fácil, com a quebra “choque inicial de chegar num local que todos eram estranhos [...]” (SN, em 12/11/2019). Durante sua trajetória, SN relata que as experiências de socialização e de acolhimento que vivenciou trouxeram a ele uma percepção muito positiva da Casa e da importância deste espaço na sua adaptação em uma nova cidade.

5.2.3 Sobre as trajetórias, percepções e vivências

Desde sua entrada na Casa em 1979/2 até seu retorno em 1981, após a saída para prestação de serviço militar, SN conviveu com diversos novos moradores e, com isso, fez novas amizades a cada momento de sua trajetória. Em seu relato, SN narra o quão interessante eram alguns dos moradores. Refere-se a eles como pessoas politizadas e intelectualizadas. Essa entrada de novos moradores, com ideias e pensamentos vanguardistas, promoveu o que ele referiu como um “Caldo de Cultura”.

[...] então acho que permitiu esse contato com um caldo de cultura bem importante que eu segui valorizando, apreciando. Que era bem menos restrito e que tem a ver não só com a Casa do Estudante, mas com a Universidade, com a cidade também. Acho que era um momento muito rico de Porto Alegre, aqueles anos ali (SN, em 12/11/2019).

O entrevistado relata, também, que apesar de construir novas amizades, observou seus amigos deixando a CEU ao longo do tempo, assim como a entrada de moradores com um perfil bastante distinto, fator que contribuiu para a própria sistemática da Casa ter se modificado ao longo do tempo. Acrescenta-se a isso o crescimento pessoal de SN e as mudanças de seu modo de perceber e de se relacionar com as pessoas. Em sua narrativa, explica que as pessoas da Casa deixaram de ser interessantes, do seu ponto de vista. Ele, então, buscou novos amigos que tivessem forma semelhante de pensar e passa a se focar mais em seus objetivos pessoais.

Na metade dos anos 80 já tava uma população mais, sei lá como chamar... Não era um pessoal intelectualizado, eram pessoas mais proletarizadas mesmo. [...] então, teve um período final em que eu não queria estar aí, mas estava e tinha um certo vazío. [...] os primeiros anos foram muito intensos, muito ricos, muito interessantes e depois teve um esvaziamento, na minha experiência. No período final, assim. Daí eu comecei a me ocupar com outras coisas, com outras pessoas. Mas, no início, foi muito importante no sentido de sair de um lugar do século XIX talvez, virada do XX para o XXI (SN, em 12/11/2019).

SN discorre sobre o período em que residiu na CEU como importante para o seu pertencimento ao meio juvenil, tendo em vista que era uma época com diversas transformações sociais, políticas e culturais. Como a Casa era a opção de residência que tinha naquele momento, pontua também que, caso sua experiência não tivesse sido positiva, não teria seguido na universidade por tanto tempo.

5.2.4 Sobre as juventudes

O emprego do termo juventudes, no plural, justifica-se a partir da multiplicidade de formas de expressão de identidades e sociabilidades dentro de uma construção social, considerando-se aspectos culturais, históricos e econômicos, que atuam de forma a compor distintas juventudes, de acordo com o contexto e o grupo social no qual estão inseridas. (RAUPP; BORGES, 2018).

Especificamente no caso de moradores de casa de estudantes, socialmente, todo esse conceito negativo vai se manifestar de forma mais objetiva, porque jovens que estão longe dos pais, sem supervisão de adultos, são vistos como livres para fazerem o que bem entendem. Na verdade, na CEU, a semelhança desses jovens são as condições socioeconômicas, o distanciamento do grupo familiar e, ainda que com algumas características distintas de outros jovens, se assemelham quando falam de sua esperança no futuro.

Em seus relatos, SN descreve momentos e experiências importantes durante o período em que residiu na CEU. O entrevistado discorre sobre a importância dessas vivências para a constituição de sua identidade, e da experimentação dos jovens como algo importante para que se pudesse romper com as normativas sociais que estavam até então estabelecidas.

[...] essa experimentação em relação como a vida poderia ser nada pré-definido, mas como uma experimentação mesmo. Tudo isso era possível mesmo, né? Tudo isso era possível por conta da tal da bolha de 68. [...] foi um período muito importante, na minha vida, na minha constituição de identidade até no sentido de fazer essa ruptura com essas referências. Ruptura é relativa, né? Porque eu não abandonei completamente. Enfim, eu sabia de onde eu vim, eu tinha uma formação consistente, digamos assim. [...] me ampliou horizontes e inclusive revirou, revolucionou, não sei dizer. Subverteu, acho melhor essa palavra, essas referências (SN, em 12/11/2019).

Apesar de considerar um período importante para a constituição de sua identidade, com o passar do tempo SN foi percebendo mudanças na forma como percebia a CEU e os relacionamentos que estabelecia. A passagem de SN pela CEU foi bastante longa: iniciou na graduação e encerrou na pós-graduação. Em decorrência disso, o entrevistado viu muito da transformação da CEU quanto aos novos moradores(as), regras para permanência e, conforme sua percepção, o declínio em termos de manutenção da Casa. Tais acontecimentos, acrescidos de seu amadurecimento pessoal, reforçaram seu desejo de ir embora do local, por entender que já não pertencia mais à CEU.

5.3 Percepções de morador da década de 1980 (morador de 1980-1983): JM

JM nasceu em uma cidade da fronteira do Rio Grande do Sul e, com cerca de oito anos de idade, mudou-se com a família para a cidade de Canela, na Serra Gaúcha, onde viveu de 1969 a 1978. Com facilidade para área das exatas e com a propaganda do governo militar por conta da abertura do Pólo Petroquímico no RS, que se transformou no objetivo mais importante na vida dos jovens da época, se interessou por Engenharia Química. Conforme relata, na época, a grande aspiração de uma família era ter um filho médico, engenheiro ou advogado, atitude que, segundo ele, era equivocada e da qual viria somente se dar conta anos depois, quando trocou a Engenharia Química pela Psicologia

Em sua narrativa, JM, recorda-se de um dos fatos mais marcantes por ele já presenciados, aos oito anos de idade, que foi a transmissão da chegada do homem à lua. Para ele, a imagem, mesmo que de uma transmissão de pouca qualidade do homem pisando na lua, foi tão impactante que o levou a certeza de que “a ciência seria a redenção da humanidade” (JM, em 29/10/2019). Este fato, acrescido da propaganda do governo e dos investimentos em energia nuclear, deu-lhe a convicção para investimento na carreira de Engenheiro Químico ou de Engenheiro Nuclear.

Não foi por acaso que eu teria escolhido Engenharia Química, eu e mais uns milhares de jovens como eu, que se formaram na época da ditadura, cresceram na época da ditadura. E no momento estava sendo implantado o Polo Petroquímico no Rio Grande do Sul. Então nós, objeto de uma propaganda massiva, escolhemos a Engenharia Química, no nosso íntimo como a coisa mais importante que nós queríamos ser na vida (JM, em 29/10/2019).

Em 1979, chegou a Porto Alegre para fazer “cursinho” (curso pré-vestibular), a fim de tentar a tão sonhada vaga no curso de Engenharia Química da UFRGS. Narra que algumas vezes, da saída do cursinho até o curso de inglês, chegando à Avenida Borges de Medeiros, encontrava-se com estudantes que realizavam passeatas pró-democracia. Segundo JM, em grande maioria, eram organizadas por estudantes da UFRGS.

Em certa ocasião, enquanto acompanhava a manifestação, lembra-se de a cavalaria chegar sobre os estudantes, fato tão marcante, presenciado e vivido por JM que foi rememorado, entusiasticamente, durante a entrevista. Tempos depois, já como

aluno da UFRGS, JM participou de várias manifestações, pedindo por mais liberdades democráticas, pelo fim da ditadura, pelo movimento “Diretas Já” e pelo ingresso feminino na CEU.

[...] na subida, às vezes, quando chegava ali na Borges eu encontrava uma passeata e uma das vezes eu segui com a passeata, subi a Borges, entramos na Riachuelo [...] a passeata seguiu e veio a cavalaria. Então foi uma cena, pra mim, marcante, onde eu vi a cavalaria chegando sobre os estudantes, a maioria estudantes da UFRGS. E aquilo ali me eletrizou, foi uma experiência marcante aqui em Porto Alegre, onde eu me identifiquei com aquela juventude, com aquela contestação (JM, em 29/10/2019).

A narrativa de JM pode ser igual a de muitos jovens que saem de suas cidades e deparam-se com um mundo diferente daquele que havia sido imaginado. Cada cidade tem seu ritmo, seus hábitos e sua cultura, e isso deve ser assimilado por quem chega. Para qualquer mudança, é necessário um tempo de adaptação, que ocorre com influência dos processos de socialização e é perpassado pela identidade grupal. “[...] era uma identidade que se tinha ali, uma identidade cultural, rebelde” (JM, em 29/10/2019).

No caso de JM, conforme relato, sua chegada a Porto Alegre foi um choque cultural. Por outro lado, é importante ressaltar que a CEU tem como característica receber estudantes do interior do estado, do país e até de outros países, fato que a torna um ambiente mais neutro e culturalmente diverso. Além do mais, JM encontrou na CEU uma pessoa que já conhecia de sua cidade de origem, o que tornou a adaptação um processo mais tranquilo.

5.3.1 Sobre o Movimento Estudantil e a efervescência da política nacional

A abertura lenta, gradual e segura proposta no governo Geisel, a partir de 1977, passa a ocorrer por conta do descontentamento de setores que haviam apoiado o regime, principalmente empresários, e da grande crise econômica que havia se instalado no país, pondo fim ao chamado “milagre econômico”. Com essa flexibilização, acontece a reestruturação da União Nacional dos Estudantes (UNE), que estava na clandestinidade desde o Ato Institucional nº 5 (AI-5), o Movimento Estudantil se fortalece e os movimentos sindicais começam a ganhar força, principalmente o sindicato dos metalúrgicos, no ABC

paulista. Essa movimentação política gerou protestos, manifestações, greves e muita repressão por parte dos órgãos de segurança, com prisões e muita violência, mas não intimidou o grande movimento que já havia tomado seu rumo e que só terminaria com o fim da ditadura militar e com as eleições diretas para presidente.

Um desses protestos, que resultou num grande confronto entre a polícia e estudantes, aconteceu por ocasião da visita do então presidente da Argentina, Jorge Videla, ao Brasil. Em frente à Escola de Engenharia está localizada a Praça Argentina, que na ocasião havia sido revitalizada. Aproveitando a visita do presidente da Argentina, foi programada uma cerimônia de inauguração de uma placa comemorativa à sua visita. Videla foi presidente de uma das ditaduras militares mais violentas da América Latina, responsável por prisões, torturas e um saldo estimado de 30.000 mortos e desaparecidos. Seu governo ficou conhecido como um período de terror na Argentina.

O Brasil, mesmo que ainda vivendo uma ditadura militar, sob a presidência de Figueiredo, já havia entrado em um processo de “flexibilização” para a redemocratização do país. A passagem de Videla por Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo foi marcada por grandes protestos, manifestações e, em Porto Alegre, não foi diferente. Houve uma grande articulação do movimento estudantil, principalmente do DCE da UFRGS e de estudantes universitários e secundaristas de Porto Alegre e Região Metropolitana, que se uniram a fim de demonstrar sua indignação frente à homenagem a um reconhecido ditador como Videla. “O movimento estudantil conseguiu barrar essa inauguração. Fizemos um enorme ato, enfrentamos a polícia, foi uma pancadaria. A CEU era, foi o Quartel General [...]” (JM, em 29/10/2019).

5.3.1 Sobre as juventudes e a cultura

JM ingressou na UFRGS no fim dos anos de 1970. Em seu relato, discorre sobre detalhes do início de sua trajetória em Porto Alegre, bem como da convivência com os demais moradores da CEU. Ao chegar à Casa, encontrou um amigo de sua cidade de origem que já residia lá. A partir dos processos de socialização, passou a frequentar os espaços comuns e acabou se envolvendo com toda a discussão política e cultural e com a contestação aos costumes e ao regulamento. Para aquele grupo, que compartilhava os

mesmos ideais, era um momento de mudanças e de contestação, que aparecia na cena cultural porto-alegrense e refletia, também, em ações cotidianas, como o modo de se vestir.

Era como viver numa república. Era um ideal de contestação. Naquele momento a gente vivia de calça jeans, camiseta branca, assim bem simples e chinelo de dedo. Cabelo comprido, tudo. [...] ir pra aula de chinelo de dedo, calça jeans, camiseta bem simples (JM, em 29/10/2019).

[...] eu passei a conviver ali com o pessoal da Casa, a participar das atividades de shows, de teatro e aquilo ali pra mim foi um choque cultural. Eu me lembro de uma peça que eu assisti no Teatro de Arena. O nome da peça era "A lata de lixo da história, 79", uma peça que é uma crítica ao fascismo. [...] Cenas de nus, nunca tinha visto isso em cinema, naquela época não existia isso, só revista pornográfica, mas eu, pela minha formação religiosa, não via essas revistas, não procurava. E essa cena cultural porto-alegrense foi um choque. Uma cena cultural e uma cena política (JM, em 29/10/2019).

Pensando neste contexto, ressalta que a ditadura que se instalou no Brasil em 1964 impossibilitou que todo o movimento da contracultura e de discussão sobre os modos de vida da juventude do processo social que foi o “maio de 68” entrassem no Brasil. Quando o regime militar começa a se fragilizar, o fluxo da contestação à ditadura e da contracultura se encontram, e não há mais como deter esse movimento de contestação aos moldes que a ditadura havia promovido. “A contestação política à ditadura, que trazia toda uma abertura, uma contestação, uma rebeldia [...] aos moldes de vida conservadores que a ditadura havia promovido” (JM, em 29/10/2019).

JM narra um período muito rico de sua vida, em que pôde compartilhar momentos e experiências com os amigos, participar da cena política e cultural de Porto Alegre. Ressalta, também, o fato de representar a juventude do início dos anos de 1980, em suas palavras, “no espírito do maio de 1968”, que pedia por liberdade e democracia.

5.4 Percepções de morador da década de 1980 (moradora 1980-1982): TB

A luta pelo livre acesso de mulheres nas dependências da CEU culminou entre o fim do ano de 1979 e o início do ano de 1980, quando, em 27 de abril de 1980, houve a invasão feminina da CEU. Esse foi um momento importantíssimo para uma casa de

estudantes concebida para atender estudantes do sexo masculino, com um regimento extremamente rigoroso e punitivo relativo ao ingresso feminino.

As mulheres tomarem os espaços da CEU já era uma reivindicação de parte dos moradores desde os anos de 1970, mas, até então, a presença feminina na Casa era considerada falta gravíssima no Regimento da CEU, passível de expulsão. Houve várias tentativas, inclusive de sensibilizar os próprios moradores, para possibilitar o ingresso feminino da CEU, mas, conforme relato, não havia consenso, na ocasião da consulta, para partir para uma ação maior.

Em 17 de abril de 1980, em Assembleia Geral, fica agendada a data para a “invasão feminina”, mesmo à revelia da PRUNI, para 29 de abril de 1980. Ao saber da assembleia e do que ficou decidido, a PRUNI, de forma arbitrária e punitiva, retira dos envolvidos as bolsas das quais tinham direito. Mesmo com a punição recebida, a decisão da invasão é mantida por parte dos estudantes. Como forma de expor os jovens à conservadora sociedade porto-alegrense do início dos anos de 1980, a UFRGS, em nota no Correio do Povo, vai a público “esclarecer” que ao impedir o ingresso feminino na CEU, estava cumprindo regras e regulamentos que lhe cabiam como instituição.

Como todas as medidas até então tomadas não impediram os estudantes de prosseguirem com as manifestações, a Reitoria, como último recurso, publica uma nota convidando as mulheres para visitarem as dependências da CEU, com livre acesso à Casa. O detalhe interessante é que o dia divulgado para a visita seria o dia programado pelos estudantes para a invasão da CEU.

A organização do manifesto considerou a atitude uma provocação e, claramente, uma tentativa de esvaziamento do movimento para a invasão feminina, que fazia parte de uma das reivindicações do Movimento Estudantil. A CEU sempre esteve diretamente ligada às ações do ME, principalmente no início dos anos de 1980, com toda sua efervescência política e sua proximidade com o Diretório Central de Estudantes (DCE). Um grupo feminista com forte atuação e ligado ao ME, chamado Grupo Liberta²³, se

²³ Grupo feminista formado por estudantes da UFRGS que teve por objetivo levar a discussão sobre a situação da mulher para o Movimento Estudantil. Foi responsável, dentre outras, por campanhas como a abertura da CEU às mulheres e acesso da Creche Francesca Zacaro Faraco (que atendia, exclusivamente, filhos de servidores técnicos administrativos e professores) aos filhos das estudantes da UFRGS. Sua peculiaridade era ser um grupo sem a presença de homens (MENDÉZ, 2004, p. 81).

encarregou da ampla divulgação para o comparecimento do maior número de pessoas ao ato.

Às 12h30min do dia 29 de abril de 1980, conforme o programado, é realizada a invasão feminina. Grupos de estudantes que estavam reunidos em frente à Faculdade de Ciências Econômicas e à Escola de Engenharia, prédios que ficam em frente à CEU. Os manifestantes, tendo as mulheres à frente, atravessaram a Av. João Pessoa e foram recebidos por uma chuva de papel picado, jogada das sacadas da Casa, e por faixas e cartazes com dizeres como: “Abram as grades desta prisão” e “Sejam bem-vindas mulheres”. Ainda que a entrada feminina tenha sido uma grave violação do regimento da CEU, a segurança da UFRGS e a Brigada Militar, que estavam de prontidão, não interferiram nem repreenderam o ato.

Uma publicação da “Folha da Tarde”, do dia 30 de abril de 1980, enfatiza: “A Reitoria permitiu o ingresso na Casa do Estudante Universitário apenas em horário comercial, até hoje. Em protesto, as mulheres decidiram pernoitar no local. E ali ficarão até segunda-feira”.

Em sua narrativa, TB explica que foi criada em Porto Alegre, mas que, por exigências do trabalho do pai, sua família foi morar no interior do estado. Comprometida com os estudos, permaneceu em Porto Alegre em busca de uma residência que atendesse suas condições econômicas, a CEU foi sua opção. Além disso, considerou o fato de que a CEU e o RU eram próximos do Instituto de Artes, prédio do seu curso de Artes Plásticas.

Conforme relatado, a entrada feminina na CEU foi tanto uma questão política, conquista do Movimento Estudantil, quanto uma reivindicação antiga dos moradores em protesto às rígidas regras do Regimento da Casa. Além disso, destaca-se o direito requerido pelas estudantes, vindas do interior, com as mesmas dificuldades socioeconômicas dos homens, já que havia uma única casa feminina, com pouco mais de 40 vagas.

Apesar de parte dos moradores estar de acordo com a invasão feminina na CEU, isso não se refletia na concordância com a residência das mulheres na Casa, tendo em vista que, dessa forma, elas passariam a concorrer pelas vagas. Une-se a isso o fato de que a PRUNI, responsável pela administração da Casa, discordou totalmente da ideia da

divisão do espaço entre homens e mulheres e não facilitou em nada a permanência das que buscaram por esse direito.

5.4.1 Sobre os processos de adaptação e sociabilidade

Conforme narra TB, ainda que com as restrições sobre a moradia feminina na CEU, ela e uma amiga, MA, resolveram pegar suas coisas e se instalaram na Casa. MA já tinha um irmão que residia no local, o que, em sua percepção, facilitaria o processo de adaptação das duas. Essa adaptação, entretanto, não foi fácil, e elas tiveram de lidar com uma série de entraves. Elas entravam em um ambiente predominantemente masculino, que por vezes evidenciava de forma bastante hostil o descontentamento com as suas presenças na CEU.

É claro que a gente sofreu uma série de situações. Por exemplo, o que eu lembro, logo que a gente chegou lá: existiam essas duas facções, uma que nos aceitava, que tava tudo tranquilo e nós éramos as irmãzinhas deles que eles iam proteger, e os que nos rejeitam terminantemente, que queriam que nós nos jogássemos do oitavo andar pro térreo, de preferência (TB, em 29/11/2019).

A entrevistada relata que a adaptação na Casa foi um processo lento, que contou com a superação de diversos entraves que se colocavam entre elas e os moradores da CEU que estavam em desacordo com a presença e com moradia feminina na Casa. Para usarem o banheiro, por exemplo, pontua que precisavam que amigos as acompanhassem e ficassem ao lado de fora, cuidando da porta e garantindo que elas poderiam usar o espaço comum sem serem importunadas. Em outro momento, discorre sobre os moradores da CEU falarem para pessoas em situação de rua que o quarto dela e de MA estaria disponível: “[...] alguém batia na porta e era uma cara assim, da rua, bêbado dizendo: ‘disseram que a gente pode entrar pra dormir, que tem lugar pra dormir’, e outras tantas bandalheiras que a gente tinha que ouvir” (TB, em 29/11/2019).

Durante a entrevista, TB rememora o episódio em que os moradores se organizaram, em assembleia, para expulsá-las da CEU, ao passo que ela, ao saber do que estava acontecendo, em contrapartida, organizou um movimento de resistência para garantir o seu direito de viver na Casa: “Ninguém vai me expulsar daqui! Me articulei com

os meninos da Casa, com quem eu me relacionava, que nos apoiavam e expliquei que estavam convocando uma assembleia pra nossa expulsão da Casa” (TB, em 29/11/2019).

O apoio das amizades feitas na CEU garantiu não só segurança no período em que lá viveu, mas também o bem-estar na Casa: “[...] prefiro lembrar da galera que adorava que a gente estivesse lá dentro do que os que achavam que não” (TB, em 29/11/2019). TB conta que foram períodos difíceis, mas que, com a rede de apoio que se formou, este processo ficou mais fácil. Com os movimentos de resistência e com a permanência na CEU, TB passou a se envolver com as questões políticas e administrativas da Casa, buscando por seus direitos.

5.4.2 Sobre vivências, percepções e cultura

Relatando sobre suas percepções em relação à CEU, TB afirma entender que, tendo em vista que os demais moradores, em maioria, vinham do interior do estado, a presença de alguém da capital, como ela, ocasionava um choque de cultura. Era como se a CEU reproduzisse uma cidade do interior com hábitos, ritmos e culturas trazidas pelos moradores, que deixavam nela uma sensação de estranhamento em relação à sua própria maneira de agir e dos demais.

[...] eu levei muito tempo pra entender que esses meninos que vinham do interior, eles vinham com uma cabeça... Pelos deuses, muito, muito atrasada. Muita resistência, muito machismo embutido, muito medo. Medo de uma nova geração de mulheres que estavam dentro da Universidade [...] Como eu tinha sido criada em Porto Alegre, eu achava que todo mundo na Casa estava sincronizado no sistema Porto Alegre, Capital e tal, eu não via diferença. Eu não conseguia ver a diferença entre Porto Alegre e o interior do estado. Mas os moradores da Casa eram todos moradores do interior do estado. Então assim, o mais normal meu, era muito chocante pra eles, dos padrões que eles vinham, do interior (TB, em 29/11/2019).

Atualmente, com mais maturidade, reconhece que muitos dos problemas que passou na CEU foram causados, em parte, por sua postura e pela forma como enfrentou os obstáculos que surgiram e que tinham como objetivo desestabilizá-la e provocar sua saída da Casa. A reação de TB às provocações foi inesperada pelos moradores. Como

ela mesma narra, se tivesse tido uma criação mais submissa, na primeira provocação teria chorado, arrumado as malas e saído correndo da Casa. Ao contrário, fez alianças, conquistou amigos, se engajou em todas as reivindicações e lutas da CEU e se articulou politicamente frente à sua percepção do direito à moradia.

Eu acho que consegui ficar na Casa e fazer essa invasão lá consegui ir atrás do meu registro como moradora, que eu era legítima, durante os semestres que eu lá fiquei, muito porque eu morava em Porto Alegre. Se eu fosse uma menina que tivesse vindo do interior, com toda relação de que existem essas organizações sociais, talvez eu não tivesse aguentado. Eu não teria passado pelas portas dos meninos batendo e exigindo meu direito ao banheiro, provavelmente teria chorado, arrumado minha mala, teria ido embora, sei lá mais o quê [...] (TB, em 29/11/2019).

TB, em relação ao que viveu, afirma não se arrepender de nada e diz que faria tudo de novo, pois a experiência lhe foi enriquecedora. O fato de ser moradora de casa de estudante está associado a muitos simbolismos, como também expôs JM. Está vinculado à liberdade, à contestação e à muitas descobertas. Por outro lado, destaca-se, também, o preconceito.

A entrevistada rememora os sentimentos que emergiam, relacionados às várias formas de preconceito que sofreu: por ser moradora de casa de estudante, por ser mulher, por viver em um “antro” com trezentos homens, pelo grupo de moradores da CEU que não apoiava a permanência delas e que, por isso, promoveram situações constrangedoras e até mesmo assustadoras, e pela Universidade, por não coibir tais condutas abusivas, e não prestar qualquer auxílio a elas, com base na justificativa das diretrizes do Regimento Interno da CEU (Anexo A).

Eu perdi os meus amigos de Porto Alegre. Na medida que eu fui morar na Casa, eles cortaram a amizade comigo. Porque eles diziam: Como que você vai morar naquele antro? Como que você mora com trezentos e sessenta quatro homens? Como que duas meninas moram com trezentos e sessenta quatro homens? A mente e o que passa pela cabeça das pessoas é o pior que você possa imaginar. É assim: Orgia! Nós estávamos transando com os trezentos e sessenta quatro homens. E isso não acontecia! A gente na realidade era bem recatada. Mas quem tá do lado de fora, pensa o pior [...] (TB, em 29/11/2019).

[...] e daí tinha acontecido, o caso dos caras tentando invadir o nosso quarto com uma certa frequência. Eu recebendo bilhetes ameaçadores pra eu me cuidar que podia acontecer alguma coisa comigo [...] (TB, em 29/11/2019).

A UFRGS não nos deu apoio. Não teve retorno do que foi a assistência estudantil, pra nos acompanhar, nos assistir. Foi tipo, vocês não vão aguentar e vocês vão sair da Casa e a Casa vai ser só para meninos. Quando eu saí da casa, eu só saí, porque eu temi pela minha vida, eu sofri muitas coações lá dentro (TB, em 29/11/2019).

Segundo sua narrativa, TB expõe que levou os enfrentamentos que teve durante o período em que morou na Casa como uma questão de justiça, sem ter a percepção clara de que também estava lutando pelas mulheres, de forma coletiva, tendo em vista que não era esse o seu objetivo com as reivindicações:

E eu não me arrependo! No seguinte sentido, primeiro porque eu estava seguindo meus princípios na época. Eu nem tinha noção de eu estava fazendo uma defesa por um coletivo feminino. A gente nem tinha, eu nem tinha a noção do “ahhh bandeira feminina da mulher”. Eu era só uma estudante querendo um lugar pra morar, tá entendendo? (TB, em 29/11/2019)

TB, durante seu relato, lembra de quando se engajou ativamente nas reivindicações por conquistas e por melhorias na CEU e como iniciou seu envolvimento com o Movimento Estudantil (ME), principalmente pela proximidade com o DCE e com as discussões políticas e surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT). A sede do Diretório Central dos Estudantes (DCE), que até hoje localiza-se no segundo andar, favoreceu muito para que CEU vivesse toda a efervescência da política do início dos anos de 1980.

Porque a Casa tinha muitos grupos políticos. Lugares onde os grupos políticos iam caçar os seus quadros políticos [...] então existia muita discussão política lá. Foi a época da formação do PT. Então existia um burburinho todo, uma efervescência. Nós vivíamos na ditadura, aí essa história toda da construção do PT, de vir uma esquerda, de você poder realmente ter a fala. E a gente viveu realmente esse período ali na Casa. DCE, na época ficava na Casa. Então nós tínhamos o DCE. Pô, lugar de estudante, as assembleias eram todas no segundo andar da Casa. Descia você ficava no meio da discussão política estudantil. [...] assisti muita discussão no DCE de vários cursos, vi muitos movimentos políticos e muitas organizações desses movimentos políticos estudantis (TB, em 29/11/2019).

Essas parcerias desenvolvidas, no decorrer da convivência, contribuíram para que fosse estabelecido um elo de confiança, de solidariedade e de amizade. TB se refere à CEU como uma pequena cidade complexa, com trezentas, quatrocentas pessoas

morando” (TB, em 29/11/2019). Como moradores de uma mesma cidade, se reconheciam e se protegiam, principalmente no caso por ela narrado, quando saiam às ruas para manifestações e corriam o risco de repressão, por parte do pelotão da Polícia de Choque, que ainda atuava com violência durante o início dos anos de 1980:

Então nós montávamos os grupos de proteção, porque a gente enfrentava a polícia de choque, né? Então, a Casa era um outro lugar que a gente também se organizava pra ir pra rua e daí como que a gente fazia quando tava na rua pra não ter como ser preso, não ter enfrentamento direto com a polícia de choque [...], como que a gente protegia o outro. Então a gente tinha várias estratégias de proteção e muito de correr pra dentro do Campus de volta, correr pra dentro da Casa. Porque a Casa era campo neutro e a polícia não podia entrar, então a gente usava esse recurso de proteção [...] e a Casa era essencial, quem morava na Casa, a confiança. Porque, quem te protegia na Casa, da Casa, também te protegia na rua. Então nesses enfrentamentos você tinha certeza de que o colega, aquele que tava lá, morando contigo na Casa, em algum andar da Casa, que você conhecia e que participava das discussões do DCE [...], era tudo como se fosse, quase, uma grande família, sabe? Quando você ia pra rua você localizava a pessoa e você sabia que a pessoa tava ali, que você podia contar e, que você também podia ter que proteger essa pessoa, enfim. E era um novo posicionamento ali (TB, em 29/11/2019).

Ao comparar a CEU a uma pequena cidade, TB ilustra a dinâmica do funcionamento de uma casa de estudante, da convivência entre os moradores e de como são estabelecidas as relações dentro desse macro espaço, com tamanha diversidade cultural²⁴ regional, sexual e política. Como um todo, os jovens entendem-se, sentem-se moradores da CEU, mesmo que nem todos fossem bem-vindos, como era o caso dela e de sua amiga, MA.

Outro ponto exposto por TB em seu relato foi a parceria desenvolvida na CEU, visto como um ambiente de acolhimento e de formação de fortes vínculos de amizade. Em alguns momentos, lembra-se do companheirismo, exemplificado pela ajuda mútua, com esquemas de estudo, no período exaustivo de provas e trabalhos de final de semestre.

Em época de prova basicamente todo mundo tem prova junto, muda uma semana ou outra. [...] Eu estudava muito, meus colegas todos estudavam muito, e a Casa propiciava isso. [...] a gente fazia tabelas, fulano, fulano e fulano tem prova de cálculo tem que estudar, tem que virar a noite estudando, o outro tem decorar

²⁴ O terceiro andar da CEU era destinado aos alunos de pós-graduação e dentre eles, haviam alunos estrangeiros.

texto pro teatro, eu tinha que fazer trabalho, recortar e pintar papezinhos, vinha todo mundo me ajudar a recortar, pintar e colar. Quem tava liberado, ficava responsável pelo café, chimarrão, e bater nas portas pra ver se o cara tava acordado às três horas da manhã e ficar batendo de hora em hora. Todo mundo mantendo todo mundo acordado, tomando o texto, ajudando na decoreba. [...] Époça de prova a gente dizia, olha pessoal essa semana tem prova é silêncio na Casa [...] então era uma coisa de se ajudar pra sair rápido, pra terminar a faculdade, não ao contrário. Só que a gente era jovem, claro que a gente fazia festa, fazia bagunça, fazia tudo que tinha que fazer, faz parte (TB, em 29/11/2019).

Para TB, a década de 1980 foi uma década de muitas mudanças, principalmente quando ingressou na CEU, ressaltando seu envolvimento com o ME. O que ela considerou mais marcante foi o fato de ter perdido muitos amigos para a AIDS, pelos quais tinha muito carinho. Bastante emocionada, relembra desse período evidenciando o quanto sente que foi uma época cruel e injusta.

[...] E daí eu vi a dizimação de uma geração, inclusive a minha. Eu não sei quantos amigos meus, do teatro morreram. [...] foi toda essa geração que morreu pela AIDS. [...] Sonho de ter a democracia voltando ao país, fim da ditadura. (Ah, sim! mas vamos ser agora castigados com a AIDS, né? Então a possibilidade da liberdade e a reclusão sexual e todo comportamento libertário, assim que a gente batalhava por isso -(que eu ainda acho que foi o pessoal da década de 70 que batalhou e a gente só se esbaldou, nos anos 80, a gente realmente aproveitou nos anos 80 tudo que os caras conquistaram na década de 70). Daí vem a AIDS e vem uma repressão, daí assim de todos os gêneros sei lá de todas as repressões morais, intelectuais, veio tudo assim. Daí parecia que todo aquele discurso reacionário da Casa fazia sentido. Tipo, os caras tavam certos, que a gente tava palhaçando demais, era muita liberdade, não podíamos ter tido isso tudo, né? Então é tudo muito horrível. Eu perdi muitos amigos, muitos, muitos amigos, assim. Eu sou uma sobrevivente, eu diria. Eu sou uma sobrevivente no meio desse caos que foi a década de 80. Sem falar dos meus amigos próximos, os que morreram com vinte poucos anos, que eu perdi a conta (TB, em 29/11/2019).

Ainda que tenha passado por momentos difíceis dentro da CEU, por conta de sua adaptação, e que provocaram sua saída de forma precipitada da Casa, TB também reconhece o período em que morou na CEU como um espaço de aprendizado, de parcerias e de grande importância em sua vida. Considera a moradia estudantil importante como um processo de convivência, de tolerância e de amadurecimento pessoal pela convivência com estudantes dos vários cursos da UFRGS. Ela pontua essa questão como propícia para que se possa entender o pensamento das diversas áreas, contribuindo para diversidade do conhecimento de quem passa pela CEU.

[...] quando a gente inicia uma Faculdade, numa Universidade a gente fica muito dentro da bolha do curso que a gente tá. [...] tem muita discussão, seminário, tudo envolve a área que a gente tá estudando [...] A Casa, ela propicia que você se aproxime das outras áreas. Na medida que na Casa moram estudantes de Medicina, de Engenharia, de Psicologia, de Artes - nós das Artes, essa convivência com todas as áreas, na realidade, acho extremamente salutar, porque você entende a cabeça de quem está se formando em psicologia, a cabeça de quem está se formando em engenharia e todos nós contribuimos para a formação mais diversificada no sentido de conhecimento mesmo (TB, em 29/11/2019).

Em relação à atual situação da CEU, TB evidencia sua preocupação, principalmente com o fato de que, apesar de o número de vagas para os cursos da UFRGS ter aumentado, o número de dormitórios permanece o mesmo. Surpreende-se que com o aumento de vagas para o ingresso, não houve preocupação em receber esses jovens, que vem cada vez de mais longe e cada vez com menos recursos, assim como com a qualidade das instalações, que também não foi aprimorada ao longo do tempo. Preocupa-se com os rumos que a educação está tomando e com o descaso que, já há alguns anos, a UFRGS está adotando em relação às suas casas de estudantes.

5.5 Percepções de morador da década de 1980 (moradora 1981-1982²⁵): AL

AL relata que foi moradora eventual da CEU, por conta de sua militância no movimento estudantil, que fez com ela se aproximasse e fizesse amizade com os moradores da Casa. Com essa proximidade, sua permanência na CEU se tornou cada vez mais constante, até que resolveu se mudar em definitivo para a CEU, em 1981. Reconhece que, por ser moradora da cidade de Porto Alegre, não teria direito a morar na Casa e, assim como os demais moradores sem vínculo oficial, era chamada de clandestina. AL explica que não participou da invasão feminina da CEU em abril de 1980, mas, pelo que sabe, todo o processo foi organizado por um grupo de feministas, vinculadas ao ME, que posteriormente formaria o grupo conhecido como Liberta.

Quem articulou, até onde eu entendo, a invasão da Casa foi um grupo meninas que faziam parte do Movimento Estudantil, e que depois a gente acabou criando um grupo que chamava, que chama "Liberta" [...] E que eu acho que impulsionou

²⁵ A entrevistada esclarece que, por não poder se candidatar à moradia na CEU, por ser residente em Porto Alegre, morou na CEU em períodos intercalados, não sabendo precisar esse período.

muito essa discussão, impulsionou tudo que tivesse a ver com essa questão da invasão da Casa. Isso foi em abril de 80 (AL, em 13/11/2019).

AL, ao entrar na CEU, mesmo tendo se passado um tempo da invasão, percebia que não havia unanimidade sobre aceitação da presença feminina na CEU: “A entrada feminina acho que isso foi uma coisa que impactou muito a questão da convivência, acho que nem todos os moradores queriam que as meninas transitassem lá [...]” (AL, em 13/11/2019).

A entrevistada, que ingressou na CEU no ano de 1981, não descreveu a mesma agressividade por parte dos moradores, narrada por TB. O ingresso de AL na CEU, conforme relata, deu-se por sua atuação no ME e, com isso, aproximou-se e fez amizade com vários moradores. Ainda que não tenha residido na CEU por tanto tempo, fez grandes amigos, com os quais mantém contato até os dias de hoje. Relata um sentimento de pertencimento em relação à Casa e tem boas memórias do período em que lá viveu.

Eu tinha muitos amigos que eram moradores da Casa do Estudante, já tinha uma circulação muito grande, tem pessoas que eu mantenho um vínculo muito grande, até hoje, e a gente tem esse sentimento de ser morador da CEU (AL, em 13/11/2019).

[...] da gente se sentir morador, é um pertencimento, é uma coisa que nos une. Como eu te falei, eu sou amiga, estou sendo entrevistada porque fui indicada por um ex-morador e somos amigos até hoje. Um profundo amor, um profundo sentimento de amizade (AL, em 13/11/2019).

AL não sofreu a mesma hostilidade que as outras moradoras quando ingressou na CEU, quase um ano depois da invasão das mulheres na Casa, mas também sentiu que alguns moradores não concordavam com a presença feminina. Relembra dos amigos que fez na CEU e do sentimento de pertencimento de ser moradora, ainda que tenha residido por pouco tempo no local.

5.5.1 Sobre o comportamento das juventudes da época

Nos anos de 1980, o comportamento dos jovens passou a ser diretamente perpassado pelos pensamentos e posicionamentos trazidos pelo movimento da contracultura. A flexibilização e o afrouxamento das medidas do regime militar passam a

permitir que publicações voltadas ao público jovem, como jornais e revistas, cheguem ao Brasil.

Tu ir às discussões isso te dava um certo reconhecimento porque era um grupo e era um grupo que era muito aberto. Mas tinha gente que não tinha essa capacidade de articulação que não tinha tanto conteúdo na hora de falar, por uma razão ou outra, e esses eram vistos assim como massa de manobra, mais tarefeiros. Então também tinha um pouco disso, a gente tinha consciência disso né? Que era uma coisa que eu vejo como de adolescente, né? A gente não deixava de ser adolescente. Éramos jovens de dezessete, dezoito, dezenove anos de idade (AL, em 13/11/2019).

Este novo cenário encontra indivíduos ávidos pela experimentação e pela liberdade, principalmente para deixarem de lado os padrões sociais diferentes do que, até então, eram vivenciados. Assim, estes jovens tornam-se um público fértil para novas ideias, tendências e mudanças comportamentais.

5.6 Percepções de morador da década de 1990 (morador 1991-1996): MB

Quando veio morar em Porto Alegre, MB relata que já estava acostumado com o distanciamento dos pais. Proveniente de uma cidade da serra gaúcha, aos 15 anos teve de morar em um internato, devido à aprovação em um curso de um Instituto Federal, distante a 40 km de sua casa. Como ele pontua, tendo em vista que as aulas ocorriam em tempo integral, considerando-se a distância de casa, o deslocamento diário não seria economicamente viável.

Ao relembrar e comparar as duas moradias estudantis, MB elenca que, embora estivesse habituado à moradia coletiva e ao compartilhamento de espaços e convívio diário com pessoas com diferentes hábitos e costumes, a faixa etária e a instalação dos dormitórios foram pontos importantes para fazer uma distinção entre os dois ambientes. No internato, a idade dos colegas era homogênea, e variava entre 15 e 16 anos, e o alojamento se data em grandes dormitórios, com beliches divididos por vários alunos. Na CEU, MB pontua que os moradores têm mais liberdade e privacidade, considerando a distribuição dos quartos, apesar da faixa etária mais ampla. MB explica sua percepção sobre a CEU quando fala sobre sua experiência com moradia estudantil: “Embora talvez

eu tenha essa experiência de moradia coletiva, digamos assim, a CEU era um universo muito particular” (MB, em 02/07/2019).

Por conta de sua experiência na divisão de espaços na moradia coletiva e de seu temperamento sociável, MB não encontrou dificuldades para se enturmar na CEU. Mesmo que o ambiente encontrado na Casa fosse completamente diferente do que estava acostumado, como em relação às idades e à grande diversidade cultural, visto que havia moradores inclusive do exterior, relata como tranquilos os processos de adaptação e de socialização.

Por aí fui me integrando. Eu sou uma pessoa muito sem pruridos de interagir com outras pessoas e eu lembro que imediatamente eu já estava assim, - a rainha do andar. Em seis meses todo mundo já me conhecia, a gente já fazia festa no corredor. [...] sempre me dei bem com todos do meu andar e nunca mudei. Entrei e só saí quando fui embora da CEU. Sempre desenvolvi uma amizade com todo mundo que morava naquele andar. E lembro da gente fazer, no *hall*, no espaço do saguão, em frente aos elevadores. Levava as cadeiras e fazia um lanche coletivo [...] meu quarto meio que virou um ponto de encontro, porque não incomodava os outros. A gente ia pra lá pra bater papo, tomar chimarrão, cerveja. A coisa do chimarrão sempre foi um agregador importantíssimo na Casa (MB, em 02/07/2019).

O envolvimento de MB com as questões sociais, matéria de seu curso de Ciências Sociais, aconteceu desde o início de sua chegada a Porto Alegre, e seu ingresso na CEU relacionou-se à possibilidade de viver sua sexualidade de forma mais livre e deu início ao trabalho de defesa das diversidades. Na Casa, encontrou pessoas que vieram a criar com ele, posteriormente, a primeira Organização Não-Governamental (ONG) do Sul, o Nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual.

[...] eu fiz minha primeira turma com outros gays e que me deu um sentido da questão da sexualidade, um sentido pra poder viver isso de maneira mais livre, mais aberta sem culpa. Isso fez parte do meu primeiro ano de adaptação na Casa. Imagina, dezoito anos, a gente está enlouquecido e, naquela época foi isso. [...] inclusive naquele primeiro ano eu conheci um grupo de amigos, que são meus amigos até hoje, naquela altura e eu participei disso, a gente fundou a primeira ONG de Gays, Lésbicas do Rio Grande do Sul, que é o Grupo Nuance, que esse ano completa, 28 anos (MB, em 02/07/2019).

Durante o período em que residiu na CEU, também, ingressou no movimento estudantil, trabalhou no GAPA - Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS e acompanhou

movimentos políticos que eram ainda acompanhados das memórias dos anos de ditadura militar.

Em termos políticos, teve várias eleições e a gente fazia intensa campanha para os deputados, vereadores em 92/94, FHC, apoiando os deputados que apoiavam a questão da sexualidade, dos direitos humanos. Dentro da Casa, embora 90% das pessoas que viviam ali eram, declaradamente de esquerda e, a maior parte votava no PT, tinha muito embate em que candidato apoiar. [...] foi um momento bem interessante da história do país, porque foram os cinco primeiros anos de democracia (MB, em 02/07/2019).

Lembro que nós fazíamos reuniões do Centro Estudantes Ciências Sociais (CECS), eu tinha dezoito anos, mas tinha colegas com quarenta, cinquenta anos que tinham sido militantes durante os anos da ditadura. [...] pelo temor, de ainda haver infiltrados, de serem perseguidos, em certa ocasião, começamos a discutir codinome, para nos identificarmos. [...] quando a ditadura acabou em 1985 eu tinha doze, treze anos, no interior isso tinha outra dimensão, então pra mim era estranho, não entendia por que de tanta preocupação. Mas isso marcou minha memória (MB, em 02/07/2019).

Desde sua inauguração, em 1971, passados os anos 1980 quando houve a invasão feminina e a consolidação da CEU como moradia mista, grandes mudanças ocorreram no país. Dos fatos que marcaram os anos de 1980, ressalta-se que, depois de vinte e um anos sob o regime militar, o país voltava a ter um presidente civil, com a promulgação da Constituição Federal em 1988.

5.6.1 Sobre o cenário político da época e os atravessamentos na CEU

As eleições diretas para presidente ocorrem em 1989 com uma disputa acirrada em dois turnos entre um candidato sindicalista sem carreira política e um político de carreira que fazia uma campanha milionária. Assim, em 1990, assume o neoliberal Fernando Collor de Mello, o “caçador de marajás”. Sabendo-se do seu envolvimento em um escândalo de desvio de verbas, houve uma grande mobilização nacional, liderado por jovens, chamados de “caras pintadas”, pedindo seu *impeachment*. Em dezembro de 1992, Collor renuncia ao cargo. Com a renúncia de Collor, assume a Presidência da República, seu vice, Itamar Franco. Sobre este acontecimento, o entrevistado pontua: “Dos movimentos políticos em que estive na Casa, o *impeachment* de Collor, que nós estávamos super envolvidos. [...] fazer debates na sala X sobre como agir, qual a

estratégia. Eu fui pras vilas convencer pessoas, junto com o pessoal do DCE” (MB, em 02/07/2019).

Com as mudanças no cenário político do país, o Regimento Interno da CEU (Anexo A), elaborado com o rigor dos anos de 1970, passa a não mais se adaptar às ideias desses novos tempos. Assim, moradores e Administração Central (PRUNI) não conseguem encontrar um ponto de equilíbrio para as normas previstas no Regimento e adotam medidas para que os moradores fiquem o menor tempo possível na Casa, aumentando a rotatividade das vagas da moradia, a fim de que fosse evitado qualquer tipo de conflito interno.

A mensagem era muito firme de que ao finalizar a graduação, acabar o vínculo com a universidade, digamos assim, a pessoa tinha que sair. Então eu me graduei em janeiro de 96 e, embora ainda mantivesse vínculo com a universidade, pois me licenci e continuei a permanência no bacharelado, mas havia uma pressão de que tinha que sair (MB, em 02/07/2019).

A flexibilização advinda do regime democrático também se voltou ao controle que antes era realizado para a entrada na CEU. Diante desse novo cenário, abriu-se mão de muitas normas que eram postas em vigor anteriormente, como o controle na portaria da Casa: “Me lembro que eu encontrava as pessoas e dizia: Vamos lá! E ninguém (Portaria) nunca complicou, pediu identificação. O porteiro nunca perguntou, nunca houve um tipo de controle muito rígido na CEU na época” (MB, em 02/07/2019).

5.6.2 Sobre a adaptação na CEU

MB mudou-se para Porto Alegre vindo de uma cidade do interior do estado, com cerca de dezoito anos. A capital era um ambiente totalmente diferente do que ele estava habituado a viver, e abriu portas à um período de descobertas e de experimentações. Nesse processo de crescimento e conquistas, também precisou lidar com decepções e com o preconceito, que tinham origem na disparidade de classes sociais e na ideia de casas de estudantes como locais desregrados.

Daí, quando saiu o resultado eu avisei e ela disse: Sério que tu vais morar lá?! Algumas pessoas tinham uma imagem que era um lugar com muita droga, um

lugar muito desregrado. [...] eu sei que existia essa questão com a Casa muito por conta da questão das drogas (preconceito). E de fato tinha muita cocaína naquela época. Meu Deus do céu! Como eu nunca tinha visto, nunca tão visível. Não sei se era muita, não quero passar uma visão moralista em relação a isso, mas eu que era jovem na época, parecia uma coisa bem maior, bem diferente (MB, em 02/07/2019).

Em alguns momentos eu vi que algumas pessoas tinham, uma atitude, um olhar assim (pausa) com um certo desprezo das pessoas por eu ser morador da Casa. Porque morar na Casa era um atestado que tu não tinhas dinheiro pra alugar, morar numa república [...] (MB, em 02/07/2019).

O entrevistado relata, também, o preconceito sofrido na CEU por conta de sua orientação sexual. Pontua que, por diversas vezes, era alvo de chacotas, mas que, em contrapartida, fez uso destes momentos para aprender a se defender e questionar essas agressões, em busca da liberdade para ser quem era.

Quando jovem eu era muito bichinha, muito afeminado, como diria hoje em dia, nitidamente identificado como um menino gay. E isso, às vezes, gerava alguma tensão, mas foi justamente na CEU que eu aprendi a me defender disso: das chacotas, das piadinhas. Foi quando eu me empoderei pra rebater e questionar essas atitudes de discriminação o que as pessoas tinham contra mim. Então essa época foi muito importante pra minha sexualidade e, a Casa foi um espaço essencial nessa construção. Porque eu experimentei a liberdade de poder viver a questão da minha sexualidade sem amarras e de uma maneira mais franca comigo mesmo, pela primeira vez (MB, em 02/07/2019).

Em relação ao processo de adaptação na casa, pontua sobre o momento histórico que se vivia e da efervescência das juventudes. MB conta que, tendo em vista que o ingresso na CEU era por análise socioeconômica, havia um sentido de identificação entre os moradores, que compartilhavam os mesmos anseios e limitações, mas que se desdobravam para que pudessem dar conta dos problemas da casa e viver uma vida mais digna, com criatividade para que pudessem se divertir.

5.6.3 Sobre as vivências na CEU

Em seu relato, MB relembra que foi na Casa que começou a perceber a importância de se posicionar politicamente frente aos problemas sociais. Essa atitude o levou ao engajamento em sua atuação profissional como pesquisador da área. Na CEU, também, encontrou um ambiente que valorizava as diversidades e se colocava, de forma

protetiva em relação a elas: “[...] tinha muita solidariedade com os diferentes, proteger e valorizar as diferenças [...] acho que essa foi uma palavra fundamental pra descrever a experiência na Casa: solidariedade” (MB, em 02/07/2019).

Durante o período em que residiu na CEU, MB relata que teve aprendizados importantes, que o auxiliaram a construir uma visão mais acurada da realidade e de seus próprios anseios. De mesma forma, entendeu a importância de administrar sua vida com os poucos recursos financeiros que tinha.

Meu empoderamento como sujeito, a percepção de mim mesmo como sujeito social e político da sociedade, a ideia de que as coisas são/podem ser decididas/construídas no coletivo era tudo muito incipiente, mas existia isso. Obviamente as amizades, a maioria delas perdura até hoje. A maior parte dos amigos que eu tenho hoje são amizades que começaram naquela época da Casa. Aprender a viver com muito pouco, uma vida simples, mas cheia de pessoas e, por isso, muito feliz. [...] pra mim, foi uma experiência transformadora e essencial para aquilo que sou hoje por ter vivido aqueles anos na casa do estudante (MB, em 02/07/2019).

Desde muito cedo morando longe da casa dos seus pais, quando residiu em um internato, aos quinze anos de idade, MB tem a experiência de viver em moradias coletivas. Na CEU, entretanto, encontrou um ambiente diferente, mais adulto e mais diversos. Relata que a experiência de viver na Casa foi única, e que muito que ele é hoje decorreu de experiências e aprendizados no convívio com os colegas da CEU: “Só tenho memórias excelentes desse período da Casa” (MB, em 02/07/2019).

5.7 Percepções de morador da década de 2000 (moradora 2002-2006): SB

SB foi moradora da CEU de 2003 a 2006. Nascida em São Miguel do Oeste/SC, veio para Porto Alegre para cursar o segundo grau e se preparar para entrar na UFRGS. O curso de sua escolha, por influência de uma tia, foi Biblioteconomia, para o qual foi aprovada em 2001/2. Na ocasião, por conta de uma greve prolongada na UFRGS, o segundo semestre letivo de 2001 iniciou uma semana antes do Natal. Esse atraso fez com que suas expectativas tivessem de ser adiadas por quase seis meses e, além do problema de ficar hospedada na casa da tia sem estudar, teve que começar a trabalhar para se sustentar e auxiliar nas despesas da casa durante esse período. Ela conta que

ficou três verões sem férias, pois, para normalizar o calendário, bastante prejudicado pela greve prolongada, as férias de verão não tinham mais do que quinze dias de duração entre um ano letivo e outro.

Em 2002/1, conseguiu uma bolsa na Faculdade de Engenharia e foi lá que um colega lhe falou sobre a Casa do Estudante Universitário. SB aguardou o Edital para abertura de vagas na CEU, reuniu toda a documentação necessária para inscrição e, ao final, ficou em quarto lugar na lista para ingressar na Casa. Até hoje, por conta da grande procura por vagas na CEU, que é maior que as vagas existentes, há uma lista de espera. Nos anos 2000, essa realidade não era tão evidente como nos dias de hoje e SB logo foi chamada para ocupar sua vaga. Relata, também, o receio de dividir o quarto com um menino e os movimentos que fez para que isso não acontecesse.

[...] porque eles avisaram: tu pode morar tanto com menino quanto com menina, é onde tem vaga. Sendo que tem mais vagas masculinas do que femininas. Daí eu anotei os quartos que tinham meninas, e saí correndo lá pra cima, pra conversar com as pessoas e conseguir uma vaga num quarto feminino (SB, em 24/06/2020).

SB informa que não teve problemas de adaptação na CEU. Logo que entrou, foi morar com uma menina, que cursava Relações Públicas, com quem dividiu o quarto por quase dois anos. Depois, fez amizade com outra menina, trocou de quarto e morou com essa amiga até que essa terminasse a graduação. Como sabia que ia ficar sozinha no quarto, falou com uma amiga que morava na CEUFRGS e, em tratativas com o então Secretário da SAE, conseguiram uma permuta. Com essa colega, SB morou até a sua formatura e conseqüente saída da CEU.

[...] é que assim, quando tu entra na Casa, tu não conhece ninguém, daí tu vai morar com uma pessoa, lá pelas tantas tu começa a criar vínculos e laços. Daí tu quer morar com tal pessoa, daí quando surge a vaga, tu vai lá e troca. Então acontece essa questão de troca, a gente troca muito de quarto. [...] nesse tempo que eu fiquei na Casa eu fiz um monte de amizade. Daí surgiu essa vaga no quarto dessa amiga e eu troquei e essa menina de Encantado ficou morando com outra. [...] então tem isso, essas trocas, a gente sempre tenta morar com as pessoas com quem se tem afinidade (SB, em 24/06/2020).

Em seu discurso, SB justifica que a ideia de dividir o quarto com alguém que já conhecia lhe parecia melhor para que alguns conflitos que decorrem da convivência

pudessem ser evitados ou contornados com maior facilidade: “Sempre rola uns estresses com as pessoas que a gente não conhece, com quem a gente conhece também rola” (SB, em 24/06/2020).

5.7.1 Sobre os processos de integração e de socialização

Quanto à integração no andar em que morava, SB a pontua como muito boa e relata que seus colegas eram bastante unidos. Sempre que possível, tentavam resolver entre si os conflitos que emergiam, mas, quando necessário, buscavam o auxílio da assistente social da Casa, para que a convivência entre eles fluísse da melhor forma possível. Os moradores organizavam festas, almoços e confraternizações e, quando era preciso, devido à falta de recursos da UFRGS, faziam rifas para arrecadar dinheiro para melhorias no andar, como foi o caso do cabeamento de internet.

[...] naquela época a Universidade não tinha muita verba, faltava muita coisa, era um período complicado, depois que começou a melhorar. Daí, por andar, a gente meio que tinha que se virar pra conseguir algumas coisas, como por exemplo, nosso andar, quarto andar, a gente conseguiu umas latas de tinta com um político do interior. O andar estava muito feio e nós nos mobilizamos para dar um jeito. A Administração disse que se nós conseguíssemos o material, sem problema. Aí nós fomos atrás de patrocínio, não sabíamos se seria de empresa, enfim. Daí uma colega de Encantado, que a mãe dela conhecia um vereador, conseguiu as tintas. A gente nem sabe quem foi o vereador. Assim, tá valendo! Nós não nos comprometemos com nada, ele que quis dar. Ele nos deu a tinta e a gente pintou. [...] também naquela época, logo em seguida, a gente falou com CPD pra botar internet na CEU. Então eles falaram que não tinham dinheiro pra fazer todo o cabeamento dos quartos. Porque teria um suíte, que distribuiria pra trinta e cinco quartos, por andar. Então os andares tinham que se virar de conseguir a grana pro cabeamento. [...] aí a gente fez rifas, juntou a grana, e conseguimos o cabeamento pro andar e todo mundo tinha internet no andar [...]. Conseguimos a grana compramos o material, passamos pro CPD e eles fizeram pra gente (SB, em 24/06/2020).

Quantos às diferenças culturais, SB informa que: “Na CEU tinha de tudo, lá em Santa Catarina a gente chama quem mora na colônia, então tem morador que veio da colônia e tem morador que veio de cidade do interior” (SB, em 24/06/2020). Ao usar essa expressão, refere-se tanto aos costumes, quanto ao comportamento frente à diversidade. Evidencia o preconceito por parte de alguns moradores da Casa, em relação às mulheres

e aos homossexuais. Afirma, entretanto, que esses conflitos eram resolvidos, tendo por base o diálogo.

Durante o período em que morou na CEU foi discriminada por ser moradora de casa de estudante. SB pontua a existência de preconceito até em relação aos cursos da universidade, que eram vistos como “femininos” ou “masculinos”, relação que acaba por impor estereótipos de gênero.

[...] eles ficavam dizendo é curso de mulher. Não cara, não é, então é de gay, também não tem muito homem no meu curso. Então é o estereótipo, as meninas da Biblio (Biblioteconomia). Depois entrou um colega meu que fazia Biblio, ficaram dizendo que o cara era gay. Daí eu dizia, gente independente dele ser gay ou não, isso é com ele, não é curso de mulher (SB, em 24/06/2020).

SB relata que ela e outras colegas passaram por alguns constrangimentos na CEU, principalmente relacionados à discriminação de gênero, quando eram deixadas dispensadas durante as conversas entre moradores. Em sua narrativa, diz que não eram raras as vezes em que, ao perceberem sua presença e das demais colegas, moradores reunidos no *hall* faziam piadas sobre qualquer tentativa de interação. Entretanto, sempre que havia alguma demanda da Casa que precisava ser solicitada à Administração da CEU, como em casos de manutenção, os moradores pediam que as mulheres tomassem a dianteira nessas situações, alegando que poderiam ser mais facilmente atendidas.

[...] queimava um chuveiro os guris diziam assim, vão lá vocês que são gurias, pedir na Administração que é mais fácil de conseguir. Porque que com as mulheres é mais fácil de conseguir? Tem que pedir pro guarda pra reiniciar o modem, porque caiu a internet. Vai tu que é mulher pedir pro guarda, sempre mandavam uma guria. [...], mas a gente como mulher não tinha muito essa questão do machismo a gente só dizia assim: porque não posso falar? Mas a gente não sabia nomear, não sabia expressar o que a gente estava sentindo. A gente não sabia nomear que aquilo era um machismo, que aquilo era estrutural [...] isso eles reproduzem, porque eles veem os pais os tios a comunidade. E, dependendo do grupo, eles nem faziam questão que as mulheres se misturassem (SB, em 24/06/2020).

Naquela época, conforme pontua SB, não havia a discussão sobre a homofobia ou machismo e, às vezes, as coisas passavam do limite. O movimento LGBT não era tão atuante e as pessoas que vinham do interior do estado tinham uma cultura diferente da cultura da diversidade da capital (SB, em 24/06/2020). Eram feitas brincadeiras pelos

moradores da Casa, que tinha um cunho ofensivo, que com o diálogo e auxílio da pedagoga da CEU foram resolvidas. Refere, ainda, que o preconceito também existia pelo fato de serem moradores de casa de estudantes.

Para a entrevistada, morar na CEU foi importante para o seu desenvolvimento pessoal, política e profissional. SB ressalta a independência em relação à família de origem e todo o processo de amadurecimento que decorreu deste processo, principalmente para sentir-se capaz de expor a própria opinião: “[...] sempre tive muito medo, medo errar, ainda tenho. Na CEU eu consegui mostrar que não, que eu consigo fazer isso, não tô fazendo nada de errado, de ter mais liberdade pra fazer as coisas, de dar minha opinião. Foi minha fase de crescimento” (SB, em 24/06/2020).

O ingresso no ME possibilitou a descoberta para atividade política e futuros contatos profissionais. Aprendeu a se articular politicamente para conquistar direitos e, devido a isso, hoje é sindicalista. Morar na CEU, longe da família, desenvolveu seu potencial e a libertou de suas inseguranças. Politicamente, aprendeu que se deve reivindicar por direitos. Profissionalmente, aprendeu a se relacionar com profissionais de sua e de outras áreas, e a estabelecer uma rede de contatos, que mantém até hoje, e que lhe são importantes tanto no campo profissional quanto político.

5.8 Percepções de morador da década de 2010 (morador 2015-2019): CR

Os moradores da CEU, em geral, ingressam na Casa para cursar seu primeiro curso superior. CR, entretanto, apresenta uma história diferente. Nascido em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS, iniciou a graduação assim que concluiu o segundo grau e começou a trabalhar na área. Formou-se e iniciou uma carreira, até que, como ele pontua, resolveu criar coragem, enfrentar a família e fazer o curso que sempre quis: teatro. Quando CR pontua esse fato, evidencia que a decisão não foi fácil, principalmente por não ter o apoio da família.

Logo em sua chegada na CEU, por conta de um temporal²⁶ bastante marcante na cidade de Porto Alegre, CR relata que, com a falta de luz, a bateria dos celulares e computadores foram acabando e as pessoas começaram a sair de seus quartos e interagir. Conta que foi uma experiência maravilhosa e, de forma metafórica, diz que era como se as pessoas estivessem saindo de suas cavernas e de suas bolhas, sendo obrigadas a conviver com outras pessoas.

[...] tem uma coisa que eu tenho observado nesse último ano que é que a galera tá com mais dificuldade de sair do quarto. Que pra mim foi uma das coisas mais importantes da Casa que foi esse espaço de acolhimento, da gente chegar no *hall* e ter gente pra trocar uma ideia, né? Mas isso ninguém foi lá me buscar dentro do quarto, aliás a tempestade que buscou. Tá precisando uma tempestade. Tô sentindo que a galera está cada vez mais com dificuldade de sair do quarto, né? (CR, em 27/09/2019)

O que antes tendia a ficar restrito aos andares da Casa, agora estava em um contexto de integração de toda a Casa. Moradores mais antigos, com quem CR já havia se enturmado, comentaram que só conheciam algumas pessoas por se cruzarem nos ambientes compartilhados, apesar de morarem no mesmo andar e terem ingressado na CEU no mesmo período.

Logo que chegou à CEU não se sentiu suficientemente integrado ao ambiente. Relata ter demorado até encontrar o seu espaço e se sentir pertencente à Casa, bem como para se sentir à vontade para discordar das coisas. Para isso, precisou dar um passo em direção à socialização, para que pudesse se integrar sem sentir medo do ambiente que, então, seria sua casa.

Daí quando eu entrei na Casa eu achei que eu não era desconstruído suficiente pra frequentar aquele espaço. Eu tinha vergonha de chegar ali, não saber o que falar, não saber me portar, será que essa galera tem a ver comigo? E isso tá muito relacionado a este espaço de pertencimento na casa. De chegar este espaço também é meu, tenho direito de estar aqui, tenho direito de colocar minha opinião e tenho direito de concordar e discordar e de ser discordado. E passa por isso também da galera ter essa dificuldade da galera sair da bolha, mesmo (CR, em 27/09/2019).

²⁶ O fenômeno climático aconteceu, na cidade de Porto Alegre de forma mais violenta e em outras cidades da região metropolitana, no mês de janeiro de 2016. Causando grandes prejuízos com quedas de árvores, deixando a cidade sem energia elétrica, em alguns bairros, por até 72 horas.

Como CR entrou na CEU com outra perspectiva, a partir de suas vivências anteriores, diz ter se surpreendido com o ambiente pouco integrado entre os moradores. Assim como a maioria das pessoas, CR imaginou encontrar em uma moradia estudantil um ambiente mais festivo e mais integrado.

CR acredita que esse isolamento deriva de um modo que pessoas encontram para não serem confrontadas a respeito de suas maneiras de pensar e agir, já que qualquer mudança causa desconforto. De acordo com suas palavras, a CEU é um lugar de aprendizado, e esse aprendizado, às vezes, pode ser doloroso.

Morar na CEU faz parte da construção enquanto cidadão, enquanto pessoa política, enquanto profissional, enquanto pessoa que faz teatro, enquanto artista. E é difícil esse impulso essa coisa de sair do quarto, porque é se arriscar, é te expor a muitas ideias diferentes do que tu acredita até então. É tu te questionar, é abrir mão das tuas certezas. É riquíssimo, mas é difícil [...] (CR, em 27/09/2019).

Hoje em dia o contato está no telefone, é um espaço de conforto. Sair do quarto e interagir é sair do seu espaço de conforto. A gente está nesse espaço de convivência, de diversidade e aí é que tá o mais loco, a gente aprende muito, mas dói! Te dá uns tapas na cara. Tu tá trocando ideia com uma galera muito diversa, muito diferente de ti. Tu tem acessos a posicionamentos que tu nunca tinha te ligado daquilo ali antes (CR, em 27/09/2019).

Pela percepção de CR, a quantidade de atividades a que os estudantes são submetidos, por conta das exigências acadêmicas, transforma a Universidade em um ambiente de adoecimento, o que faz com que os moradores se recolham aos seus quartos e, com isso, também não se integrem e não interajam. Com essa falta de socialização, não percebem a CEU como seu espaço de pertencimento e de acolhimento.

E tem algumas pessoas que não se referem como a CEU como lá em casa é tipo, "lá na casa", como se fosse "a casa de outra pessoa, como se fosse a instituição". Isso se reflete, acho que não só, em razão do sistema político, mas também do celular, a galera tá muito imersa. No lance da tempestade a galera só saiu do quarto quando? Quando acabou, celular, internet, quando acabou tudo (CR, em 27/09/2019).

CR relata que sabe do passado e das atividades políticas que aconteceram e se desenrolaram na CEU, daquilo que presenciou desde que entrou na Casa em 2015 e do que ouviu falar. Segundo ele, "a CEU vem de uma história que se transforma muito rápido" (CR, em 27/09/2019). Do que ouve falar do passado da CEU, desde que foi

inaugurada, ressalta que a Casa sempre atuou como resistência ao governo federal, como uma resistência de posicionamento político. Os moradores sempre lutaram por direitos sociais e democráticos e, quando necessário, reivindicaram por investimentos na manutenção e reforma da CEU, manifestações essas expressas através de públicos que muitas vezes atraíram a atenção da mídia. Diante de toda essa articulação e dos movimentos políticos que ocorreram na CEU, complementa: “[...] é muito louco pensar nesta Casa como um agente político em um contexto maior” (CR, em 27/09/2019).

A CEU foi um ponto de encontro, um lugar muito político que o pessoal se juntou e foi pra rua mesmo pra protestar. [...] A CEU é um lugar de efervescência política. [...] a gente tava na rua a gente tava protestando, a gente tava se articulando, a gente tava se colocando politicamente [...] (CR, em 27/09/2019).

Em 2016, quando tava rolando o negócio do golpe (referindo-se ao *impeachment* da presidenta Dilma), eu tava recém entrando na Casa, e saiu um protesto lá da esquina democrática e passou em frente a CEU, lançaram (referindo-se aos moradores da CEU) uma faixa escrito "GOLPE" bem grande. Foi muito massa! (CR, em 27/09/2019)

Um fato relatado por CR em sua entrevista foi a questão das agressões físicas entre casais e dos abusos cometidos por alguns moradores contra moradoras, como invasões de privacidade, exemplificadas por filmagens durante o banho. Quanto a isso, existe a Instrução Normativa nº 03/2019, aprovada em 30/05/2019 que, no Capítulo IV - Protocolo de Ações para Afastamento Compulsório da CEU, no Art. 7º, dispõe que a medida protetiva para vítima e acusado(a) será o afastamento administrativo e compulsório da CEU, que ocorrerá quando houver: I. Agressão Física; II. Assédio de qualquer natureza; III. Racismo e outras formas de discriminação. Conforme o que for apurado e comprovado, o(a) morador(a) poderá ser afastado(a) definitivamente da CEU. CR espera que os (as) moradores(as) que passem por essa situação acionem os meios legais para punir os infratores.

[...] enquanto eu morei aqui na Casa, eu vi história de casais, tipo de violência física mesmo, que era aquele barulho característico [pausa] saindo do quarto e as minas se apoiando claro que isso gera, reverbera coisas. Tipo, felizmente aqui não há espaço de silenciamento nesse sentido. Aqui se acontece alguma coisa desse tipo, eu espero, né? que a menina se sinta empoderada pra expor e dizer que isso não pode acontecer aqui dentro. E assim acontece com racismo, acontece com homofobia (CR, em 27/09/2019).

Depois teve o movimento das minas também, questionando este espaço do machismo dentro da CEU que também é estruturado, que também é reproduzido, sabe. Existe em todo lugar, mas aqui quando acontece é trazido pra pauta é discutido, isso é combatido. Se a gente for ver, as paredes combatem isso. Mas se a gente for ver, tem muita gente nova, com a cabeça, isso que [pausa] quando a gente fala em espaço de conforto, da galera que não sai do quarto, que não quer sair do seu espaço de conforto, sair do quarto é ter seu machismo, seu racismo, seu preconceito apontado na cara (CR, em 27/09/2019).

CR defende a CEU como um espaço de aprendizado e crescimento pessoal e discorda com o que foi convencionado em relação à casa de estudantes ser lugar de balbúrdia e pobreza, e que veem os cotistas como alunos com possibilidades menores de sucesso acadêmico. “Não véio! Tem uma galera aqui que tá ralando muito mais que vocês” (CR, em 27/09/2019). O entrevistado pontua que alguns moradores reproduzem esse preconceito, mesmo morando na Casa e usufruindo das políticas públicas, e falam mal da CEU, do RU e de todos os benefícios que lhes dão.

Tem uma galera que tá aqui e não gosta de tá aqui - "isso aqui não é minha casa", essas pessoas que moram aqui, aqui só tem vagabundo. Elas estão dentro da Casa, mas só estão reproduzindo pensamento de fora (CR, em 27/09/2019).

Como falei, dentro da CEU, como a gente lida com isso, se transforma. A gente vai se empoderando, vai se apropriando dos nossos discursos e eles vão fazendo cada vez mais sentido pra nós. Daí fica muito fácil de mostrar o quanto esse discurso que vem de preconceito não faz sentido nenhum [...] (CR, em 27/09/2019).

Ao ser entrevistado, em setembro de 2019, CR estava finalizando seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sua colação de grau ocorreu em fevereiro de 2020, quando a pesquisadora perguntou sobre sua passagem pela CEU. Ele então, com ar melancólico explicou que já estava com saudade do ambiente de parceria da Casa, do aprendizado e dos amigos já haviam saído e dos que ainda ficariam. Não tem grandes expectativas dos futuros encontros com seus amigos, pois respeita o momento de cada um, apenas confia nos laços que se formaram durante o período que compartilharam na CEU.

Às vezes eles se encontram, se desencontram. Não precisa ter nenhuma pressão em cima disso, as coisas só precisam acontecer. E assim como pessoas já saíram da Casa e a gente já se reencontrou e de repente elas voltam pra cá por mais um tempinho pra reviver um pouquinho daquilo. Assim como a gente vai

encontrar essas pessoas e a gente revive isso, num outro lugar, num outro contexto, numa outra paisagem. Isso segue sem precisar acontecer, só segue, só acontece. Acho que é isso que caracteriza essas relações. tipo aqui a gente tá, a gente não precisa ser nada, não precisa fazer qualquer coisa ou ter determinadas atitudes que provêm aquilo que a gente quer ser ou é, a gente só tá (CR, em 27/09/2019).

CR entende que vivemos em uma sociedade individualista e extremamente competitiva e descreve que sua passagem pela CEU foi transformadora no momento que se deparou com um ambiente extremamente solidário.

Tenho convicção, eu passar pela CEU transformou o meu caminho de maneira que só quem passou pela CEU pra entender isso que rola aqui. Porque a gente tá num modelo econômico propriamente dito, cada vez mais individualista, em que o importante é ter, e não ser. Competitivismo, o tempo todo competindo. Quem é melhor, quem é mais? E aqui é um espaço solidário, uma solidariedade que choca quando tu chega aqui. Tu vive em coletivo, já nem dar tanta bola pra esse individualismo (CR, em 27/09/2019).

Pela percepção de CR, os moradores da CEU estão espalhados pelo mundo e os laços que foram construídos na Casa são permanentes. Mesmo que estejam longe, sabem que podem contar uns com os outros e cada reencontro será uma celebração. Entende, porém, que esses reencontros devem acontecer espontaneamente, considerando que cada um estará vivendo seu momento e que deve prevalecer, além da oportunidade, a vontade de se encontrarem e relembrem os tempos da CEU. Destaca, por fim, que por mais que existam pessoas que insistem em permanecerem em seu espaço de conforto, a fim de evitar o confronto, quem se permite interagir e estabelecer relações sociais com outros moradores ganha muito com experiência de aprendizado que é viver na CEU.

5.9 Percepções de moradora da década de 2010 (ingresso 2018/2): NT

A entrevistada NT relata que ingressou na CEU no segundo semestre do ano de 2018, após um ano de espera pela vaga na Casa. NT é a filha mais velha e morava com a mãe e o irmão em uma cidade da Serra Gaúcha, distante 83 km de Porto Alegre. Prestou vestibular para o curso de Farmácia, mas não estava muito preocupada em ser chamada para a vaga na UFRGS, pois estava realizando um estágio com grande

possibilidade de contratação em uma indústria próxima a sua casa. Inicialmente, a ideia de largar o que poderia ser uma vaga de emprego para cursar Farmácia na UFRGS não lhe pareceu a melhor opção. A família precisava do dinheiro do estágio e, sendo contratada, o salário melhoraria consideravelmente a situação familiar. A mãe foi sua grande incentivadora e a convenceu que o melhor seria optar pela vaga na UFRGS e, inclusive, providenciou sua vinda para Porto Alegre.

NT relata que, ao chegar à CEU, para recepcionar os novos moradores, foi realizada uma festa de confraternização no *hall* do sexto andar, na qual participaram moradores de todos os andares. Ela considera que essa iniciativa facilitou sua adaptação na CEU, pois, com essa integração entre os moradores, houve a oportunidade de conhecer pessoas com quem se identificou e, a partir dali, criou laços que são mantidos até hoje. A entrevistada entende que a interação possa ser facilitada pelo fato de que os moradores fazem parte do mesmo grupo social e estão na mesma situação econômica.

Aí eu entrei aqui e logo quando entrei teve uma festa de recepção para novos moradores. E nessa festa de recepção foi nesse saguão, nesse andar (estamos no 6º andar da CEU) e aí eu conheci algumas pessoas do andar e de outros andares da Casa. E eu já disse pra essas pessoas que elas foram essenciais para mudar minha visão da Casa porque eu me senti muito abraçada, muito acolhida por eles. E até hoje, volta e meia, a gente toma café junto e se procura quando precisa conversar. Eu me senti muito acolhida na casa, muito acolhida mesmo! (NT, em 30/08/2019)

A entrevistada relata que, quando foi chamada para ocupar a vaga na CEU não havia opção de compartilhar quarto com outra menina e, das alternativas apresentadas, encontrou o nome de um ex-colega do curso técnico, com quem divide o quarto há um ano. No seu entendimento, a parceria entre eles funciona porque há respeito e concordância às necessidades de cada um. Quanto à convivência com os outros moradores, reconhece que sempre existe um atrito, mas nada que não possa ser resolvido conversando com os envolvidos ou discutindo o assunto em reunião de andar, dependendo do caso.

[...] eu estou na Casa há um ano e um tempinho, e estou com o mesmo colega desde o início e é muito tranquilo, tranquilo mesmo! A convivência no quarto é tranquila. Porque quando um precisa de espaço o outro cede, é tranquilo. Cedem da forma necessária para manter uma boa convivência (NT, em 30/08/2019).

Em questão de andar não vejo muitos problemas na convivência. Eu realmente gosto de estar aqui, das pessoas que estão aqui. Normalmente, às vezes, dá algum problema tipo, deixarem banheiro molhado depois do banho, deixam a pia suja. Daí a gente chama a atenção das pessoas e tenta resolver assim – se faz uma reunião de andar pra tentar resolver essas coisas mais do espaço coletivo, principalmente do banheiro, que todo mundo usa, todo andar usa (NT, em 30/08/2019).

Quando a entrevistadora perguntou se NT já havia sofrido preconceito por ser moradora, afirma que ela, pessoalmente, não, mas que sabe que existe. Cita o fato de que, quando disse que ia morar em casa de estudante, ouviu coisas desagradáveis e, por isso veio com uma ideia errada sobre a CEU.

Então, quando cheguei aqui, algumas pessoas falaram assim: “tu não vai conseguir estudar, tu não sabe como é lá, muita bagunça, festa, sei lá o quê”. Aí quando eu entrei fiquei bem receosa porque realmente eu não sabia como ia ser. A primeira visão que eu tinha da Casa era o que as pessoas tinham me falado (NT, em 30/08/2019).

[...] diretamente eu nunca senti, mas tento levar essa história pelo contrário. Tenho orgulho de estar na UFRGS sendo uma pessoa de baixa renda. Tô ocupando meu espaço é o meu lugar e eu tenho que estar aqui (NT, em 30/08/2019).

Tanto NT quanto os outros moradores que dependem das políticas públicas se sentem muito preocupados com os rumos que vêm sendo dados à educação no Brasil. Cada vez menos recursos são disponibilizados para as IFES e, com isso, mesmo com o aumento do número de vagas, sem investimentos em programas como o PNAES, não há estrutura para manter os estudantes sem recursos, que muitas vezes vêm de outros estados e que contam com moradia, alimentação, transporte e toda a estrutura para a finalização do curso. Isso causou insegurança entre os moradores e estudantes em geral.

O auxílio material do ano passado, a gente recebeu quase no final do ano. Daí não tinha mais material pra comprar. Então cada início de mês é um novo mês de não ter como se sustentar. Mas o movimento pró Educação, pró Universidade Pública, continua ativo dentro da Casa (NT, em 30/08/2019).

Além de toda a Casa estar adesivada e todo mundo preocupado com as questões políticas do país, [...] a gente se sentia de mãos atadas, não sabíamos se íamos continuar como universidade pública gratuita, não sabia se a gente ia continuar tendo um teto sobre a cabeça, não sabíamos como iam continuar essas políticas públicas (NT, em 30/08/2019).

NT evidencia em sua narrativa que vem de uma família bastante unida onde o sentimento de solidariedade é muito forte. Em suas palavras, ela não esperava encontrar em uma casa com quase quatrocentos moradores um ambiente tão solidário quanto encontrou na CEU em que pessoas, completamente estranhas umas às outras, estão sempre dispostas a se auxiliarem. Além disso, NT avalia que morar longe de casa, num ambiente como a CEU, propicia um crescimento pessoal no modo de ver o mundo, sob novas perspectivas.

Quando eu morava com a minha mãe existia aquele sentimento de coletividade, todo mundo se ajuda e tal. Mas eu não imaginei vir para uma casa com quase quatrocentas pessoas, que nunca se viram na vida, e ter esse mesmo sentimento de se ajudar, de conversar. De se ajudar tanto com problemas pessoais, quanto pra ajudar a estudar, diversas coisas. A gente mora na mesma Casa, então a gente tá o tempo todo podendo se cruzar no banheiro, no corredor podendo se encontrar então esses laços tendem a serem mais fortes (NT, em 30/08/2019).

[...] principalmente a questão da responsabilidade, que tu obrigatoriamente vai ter que adquirir por estar sozinha. Tu vai morar sozinha, tu vai ter que pagar conta, tu vai ter que te virar. Realmente entender que não é fácil se sustentar. E quanto à Universidade, o crescimento pessoal é muito grande. A forma como tu enxerga o mundo, como tu passa a enxergar o mundo depois que a Universidade te mostra que há um mundo diferente daquele que tu via, daquele que tu vivia e toda a diversidade que existe te torna uma pessoa muito diferente e, na minha concepção muito melhor (NT, em 30/08/2019).

NT explica que não tem como avaliar se os laços de amizade surgidos durante sua permanência na CEU são duráveis ou não, mas afirma que o que importa é que agora ela pode contar com essas pessoas sempre que precisar. Ela pensa em reforçar esses laços, no presente, e não se preocupa com o que pode acontecer no futuro.

Como qualquer laço que tu vai firmar na tua vida alguns vão durar mais alguns, alguns vão durar menos e não é a intensidade deles, naquele momento que vai ditar isso. Mas eu sinto que por mais que eu passe, sei lá, duas semanas sem ver uma semana no corredor, sem falar com ela, de repente alguém bate no quarto ali, bah, preciso conversar! Eu sinto que essas pessoas são pessoas muito boas, são pessoas que me cativaram muito. E acho que muitas delas vão seguir por muito tempo na minha vida (NT, em 30/08/2019).

Segundo NT, o ambiente diverso, tanto da Universidade quanto da CEU, propiciou que ela adotasse uma nova postura frente aos antigos preceitos, ampliando sua perspectiva para novas experiências e formas de sociabilidade. A entrevistada pontua

que a CEU, até o momento, está sendo uma experiência de aprendizado para sua vida pessoal, onde encontrou um local solidário como o que tinha em casa e onde se sente acolhida, tanto que toda vez que se refere à CEU, percebe seu sentimento de pertencimento.

Nesta seção realizou-se a análise das entrevistas onde se evidenciou, através de suas percepções dos entrevistados, o contexto social, político e cultural de cada uma das décadas. Através das narrativas percebe-se o envolvimento que cada um desses sujeitos desenvolveu durante sua passagem pela CEU, e de que forma isso foi marcante na constituição de sua identidade. Tendo exposto a análise descritiva dos dados, segue-se com a apresentação analítica dos dados deste relatório técnico.

6 APRESENTAÇÃO ANALÍTICA DOS DADOS

Nas análises das entrevistas realizadas, percebeu-se que entre os temas indicados pelos entrevistados estavam: movimento estudantil, sociabilidades, juventudes, memórias e vivências. O ponto em comum dos ex-moradores entrevistados, é que todos os entrevistados perceberam que morar na CEU foi um fator significativo para a construção das suas identidades, refletindo nas pessoas que se consideram hoje, e isso não difere muito dos entrevistados que ainda são moradores. Além de reconhecer esse fator da constituição da identidade, destacam que a CEU, apesar de ser vista pela sociedade como um lugar de desordeiros, era um ambiente em que jovens se uniram em prol dos seus direitos, liberdades e principalmente da conquista do diploma.

Percebe-se que os acontecimentos políticos influenciaram as vivências desses moradores e ex-moradores, desde a primeira década em que o país passava por um regime militar, que significou num momento de maior rigidez, que fica evidenciado pelo Regimento imposto pela UFRGS. Posteriormente, com o período de redemocratização do país, e muita reivindicação dos moradores, percebe-se algumas concessões relacionadas ao Regimento, acompanhando as mudanças ocorridas nas décadas seguintes e que impactaram em diversos aspectos da Casa e da vida dos estudantes moradores.

Uma dessas mudanças impactantes, foi o ingresso das mulheres na CEU como moradoras, num reduto (ambiente) anteriormente masculino. Encontraram um ambiente inicial bastante hostil, conforme relato de ex-moradora, da década de 1980. Porém, as mulheres ainda reivindicavam seu espaço dentro da CEU, conforme relato de ex-moradora de 2004.

Cada um dos entrevistados, cada qual com suas experiências, passaram a integrar-se de fato na CEU, percebendo e expressando em suas narrativas que a experiência ali vivida e dos que ainda vivem, foi extremamente importante para a formação de uma identidade, pela luta de liberdade sexual, luta por direitos, cada qual em seus respectivos períodos e demandas sociais.

Nesta seção, inicialmente será apresentada uma linha do tempo que elenca as principais mudanças internacionais e nacionais que acabaram impactando na CEU e nas trajetórias dos moradores e ex-moradores da Casa. Por fim, uma análise temática é apresentada, a partir dos principais elementos que emergiram das entrevistas realizadas.

6.1 Linha do tempo dos momentos importantes identificados nos dados

Nesta seção é apresentada uma linha do tempo resumida, de forma gráfica (Quadro 8) e, posteriormente, descritiva, construída com base nas entrevistas realizadas, com o objetivo de elencar os principais acontecimentos, na CEU e no ambiente, que atravessaram as memórias dos participantes e contribuíram para a história Casa.

Quadro 8 – Representação gráfica da linha do tempo

1977	1978	1979	1980	1981
Reorganização do Movimento Estudantil e manifestações pró-democracia; Na CEU, é editado o jornal “O Cortiço”.	Invasão do pelotão de choque na CEU. Revogação do AI-5; Greve dos Metalúrgicos São Bernardo do Campo/SP.	Greves e manifestações por todo país; Lei de Anistia.	Início do processo de reabertura democrática; Epidemia de HIV Criação do Grupo Feminista Liberta Invasão feminina na CEU; Manifestação contra o General Jorge Videla.	Atentado Riocentro.
1983-1984	1985	1988	1989	1990
Movimento “Diretas Já”.	Fim da Ditadura Militar no Brasil.	Promulgação da Constituição Federal.	Realização de eleições diretas para presidente.	Assume a Presidência Fernando Collor de Mello Entre em vigor Plano Collor
1991	1992	2000	2004	2010

Flexibilização das normas do Regimento Interno da CEU; Criação do Nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual.	Fernando Collor de Mello sofre processo de <i>impeachment</i> , com grande mobilização dos “caras pintadas”, e assume Itamar Franco.	Atentado terrorista às torres gêmeas do World Trade Center.	Redes sociais começam a fazer sucesso no Brasil; Moradores da CEU se mobilizam em ações para conseguir o cabeamento de internet da Casa.	Dilma Rousseff é a primeira mulher eleita presidente do Brasil.
2016	2018			
Dilma Rousseff sofre <i>impeachment</i> .	Eleições presidenciais, marcadas pela mobilização nacional; Na CEU, moradores apreensivos após o resultado das eleições, pela incerteza no futuro das políticas públicas.			

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

6.1.1 Década de 1970

Na CEU, era proibida qualquer atividade política, mas, após alguns avanços, em 1977, conforme pontua JF (em 06/09/2019), foi editado e publicado o jornal “O Cortiço” (Imagem 2), com textos escritos pelos próprios moradores. As edições, por conta da censura da época, precisavam ser aprovadas pela Administração.

Imagem 2 – Charge do jornal “O Cortiço”



Fonte: Caricatura de Osmar Rodigheri - Jornal “O Cortiço”, nº 1, datado de 1978 (SILVA, 2004 p. 83).

No ano de 1978, em São Bernardo do Campo, São Paulo, na fábrica da Scania, o Sindicato dos Metalúrgicos deu início a uma greve, por reajuste salarial que mobilizou 3 mil operários. Com os metalúrgicos à frente deu-se início a uma campanha nacional pela correção dos salários que mobilizou milhões de trabalhadores de vários setores em um grande número de greves por todo o país, nos anos de 1978, 1979 e 1980. Luís Inácio da Silva, então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, afirmou-se como liderança e que futuramente o levaria à presidência nacional do Partido dos Trabalhadores (PT). As reivindicações do movimento além do aumento de salários, pedia por garantia de emprego e por liberdades democráticas (FAUSTO, 2018). Com esse movimento de greves e manifestações, que se alastraram pelo país, apesar da forte repressão institucional e policial instaurada, o Movimento Estudantil se mobiliza e adere ao movimento. As manifestações do ME ganham as ruas, em apoio a todas as categorias e, principalmente, a greve dos professores. Dentre as reivindicações do ME estavam as liberdades democráticas, ensino gratuito e de qualidade, e contra o aumento do valor das refeições dos RUs. Em 1978, na CEU, houve a invasão pelo pelotão de choque, que atacou os moradores com bombas de gás lacrimogêneo. Estudantes foram convocados a prestar depoimento no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Com a revogação do AI-5 em dezembro de 1978, ato institucional que marcou o período mais

violento da ditadura, Geisel dá início ao que ele chamou de abertura “lenta, gradual e segura”. Em agosto de 1979, já no governo de Figueiredo, é decretada a Lei da Anistia, o que além de dar ao país ares mais democráticos tinha a intenção de enfraquecer a oposição - partido MDB. Em dezembro de 1979 uma nova lei que dentre outras providências extingue os dois partidos existentes, ARENA e MDB e obriga que novas legendas contenham em seu nome a palavra partido. O MDB apenas acrescentou a palavra partido à sua legenda e passou a se chamar Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), mantendo com isso sua identidade de oposição. Por outro lado, a ARENA, com a intenção de tornar-se mais simpática e se descaracterizar como aliada dos militares, cria o Partido Democrático Social (PDS). Surgimento de novos partidos. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, FAUSTO, 2018)

6.1.2 Década de 1980

A partir de 1980, o presidente General João Baptista de Oliveira Figueiredo dá continuidade ao processo de reabertura democrática e há a retomada política do movimento estudantil em todo o país (RICO et al., 2018). São relatados os primeiros casos de doença que causava imunodeficiência severa e afetava especialmente homens gays. A AIDS se tornaria uma epidemia nos anos seguintes.

O Grupo feminista Liberta, formado por estudantes da UFRGS, surgiu para discutir a baixa participação das mulheres nos Diretórios Acadêmicos e no Movimento Estudantil. O jornal Liberta, criado por Sônia Weidner e Dinah Lemos tinha como pauta a abertura da CEU para mulheres, acesso à Creche²⁷ da UFRGS (MELLO; ZANDONÁ; WOLFF, 2019; MENDÉZ, 2004). Com a permissão do regime para criação de novos partidos, na oposição antes unida, surgem diferenças ideológicas e pessoais. Na onda das greves de 1978, com apoio de setores da Igreja e o apoio de profissionais liberais, surge o Partido dos Trabalhadores (PT).

²⁷ Creche Francesca Zacaro Faraco que não dava acesso para as estudantes com filhos. As vagas eram disponibilizadas através de editais e eram, exclusivamente, para filhos de servidoras e professoras da Universidade.

Dois episódios marcam o ingresso das mulheres na CEU: a mãe de um dos moradores foi proibida de visitar o filho, que estava acamado devido a um acidente, e, em 29 de abril de 1980, ocorre a invasão feminina na Casa (Imagem 3), organizada com faixas e cartazes (Imagem 4), apesar da punição com o corte das bolsas dos envolvidos e do convite à visita pública, pela Reitoria, no mesmo dia marcado pelo ato.

Imagem 3 – Mulheres e homens se preparando, em frente à CEU, para a invasão feminina



Fonte: Acervo Pessoal Luiz Eduardo Robinson Achutti (COSTA, 2020).

Imagem 4 – Cartaz de Osmar Rodigheri elaborado para a “invasão” feminina em 29 de abril de 1980



Fonte: Arquivo da CEU (COSTA, 2020).

O dia 22 de agosto de 1980 ficou marcado pela visita do então presidente da Argentina, General Jorge Videla, ditador responsável por um dos períodos mais violentos do país, ao lado do General João Batista Figueiredo, para inauguração da Praça Argentina. O acontecimento gerou revolta e uma grande manifestação dos estudantes, que foram violentamente reprimidos. Para proteção contra os ataques, os estudantes refugiaram-se na CEU (Imagem 5).

Imagem 5 – Manifestantes refugiam-se na CEU, após sofrerem repressão pela polícia



Fonte: Reprodução Zero Hora (VILLAVERDE, 2013).

O início do governo Figueiredo foi marcado por vários atentados terroristas. Não havia unanimidade, por parte dos militares, quanto ao processo de redemocratização iniciado no governo de Geisel. Os atentados mais graves ocorreram no dia 27 de agosto, quando num curto espaço de tempo são detonadas três bombas na oficina do jornal Tribuna da Luta Operária, na Câmara Municipal, deixando seis pessoas feridas, e no Conselho Federal da OAB, ocasionando a morte de Lyda Monteiro da Silva e mutilação do servente José Ribamar (SCHWARCZ, STARLING, 2015). Em 30 de abril de 1981 acontece o caso Riocentro (Imagem 6), quando uma bomba explodiu em um carro de oficiais das forças armadas no espetáculo comemorativo ao dia do trabalhador. Um dos oficiais morreu no local e o outro ficou gravemente ferido. O atentado foi visto, pela imprensa, como uma tentativa fracassada de responsabilizar os movimentos a favor da redemocratização do país. A manipulação do inquérito, certamente, resultou no pedido de demissão de Golbery do comando da Casa Civil (FAUSTO, 2018). O caso foi abafado,

nunca ficou esclarecido, nem quando reaberto no ano de 2014 para novo julgamento, quando foi novamente arquivado.

Imagem 6 – Memória do registro do atentado



Fonte: Blog História em Projetos (OLIVEIRA, 2008).

De 1983 a 1984 emerge o movimento “Diretas Já”. Apesar da mobilização popular, a emenda constitucional para realização de eleições diretas para presidente não foi aprovada. Assim, Pedro Maluf é indicado pelo PDS e, em aliança do PMDB com o Partido da Frente Liberal (PFL), formando a Aliança Democrática. Tancredo Neves é candidato a presidente pela oposição, tendo como seu vice-presidente José Sarney.

Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo vence a disputa no Colégio Eleitoral (FAUSTO, 2018). Entretanto, na véspera de sua posse é internado às pressas para tratamento de saúde, e complicações em seu estado o levariam a óbito no dia 21 de abril. Toma posse, como presidente interino, no dia 15 de março de 1985, seu vice José Sarney, o que marca o fim da ditadura militar brasileira e o início dos governos civis (LOURENÇO, 2015). Em 1988, ocorre a promulgação da Constituição Federal e, em 1989, têm-se as eleições diretas para presidente.

6.1.3 Década de 1990

Este período é marcado pelo colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e pelo fim da Guerra Fria. Há o avanço do neoliberalismo, a difusão da informatização nos processos produtivos e o início da internet. No âmbito político brasileiro, Fernando Collor de Mello assume em 1990 e baixa medidas econômicas radicais e impopulares, como o bloqueio do dinheiro das contas corrente, aplicações financeiras e da poupança por dezoito meses. Em 1992, sob acusações graves de corrupção, feitas por seu irmão Pedro Collor de Mello, a Câmara dos Deputados vota por seu afastamento do cargo até que o Senado julgasse seu pedido de *impeachment*.

Sob pressão popular, como a mobilização dos “caras pintadas”, e grande cobertura da TV e dos jornais o então presidente, percebendo que não havia como reverter a situação, renuncia ao cargo (SCHWARCZ, STARLING, 2015). Em 1992, o vice-presidente Itamar Franco assume o cargo. Com Fernando Henrique Cardoso à frente do Ministério da Fazenda, é lançado o Plano Real, em setembro de 1993. No rastro do sucesso do Plano Real, Fernando Henrique se candidata à presidência em 1994 e ganha no primeiro turno com 54% dos votos válidos (FAUSTO, 2018).

Para Coggiola (1998), a política neoliberal de Fernando Henrique só piora a situação da Educação com a emenda constitucional nº 14 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que garantiam a gratuidade do ensino somente no nível fundamental, desobrigando investimentos nos outros níveis de ensino. Essas medidas provocam desmontes das IFES, com falta de material básico, precarização de laboratórios, bibliotecas, restaurantes universitários e casas de estudantes.

Na CEU, com a conseqüente flexibilização das medidas adotadas pelo regime militar, que impactavam no Regimento Interno (Anexo A), passa-se a reduzir o tempo de permanência dos estudantes na Casa, para aumentar a rotatividade de vagas e evitar conflitos internos, tendo em vista que a Administração não encontrou um equilíbrio para o afrouxamento de algumas normas. Nesse período, também, é realizado o primeiro chá de bebê de moradores da CEU, no saguão do oitavo andar. Em 1991, há a criação do Nuances - Grupo pela Livre Expressão Sexual, atuante há 28 anos.

6.1.4 Década de 2000

Nos anos 2000, o ataque terrorista às torres gêmeas do World Trade Center (11/09/2001), em Nova York, demarca uma fase de insegurança e aumento do controle social. A internet se populariza e as redes sociais mudam a forma de estabelecer relações. A consolidação do regime democrático e a estabilização da economia brasileira possibilita a ampliação de investimentos na educação. No ano de 2004, como a UFRGS não tinha recursos para fazer o cabeamento e instalação de internet na CEU, os moradores, através de ações como rifas, jantares e doações, conseguiram a verba para compra do material e o Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS se encarregou da mão de obra.

6.1.5 Década de 2010

Os sinais das mudanças climáticas passam a ser mais evidentes. Aumentam os surtos de doenças como a Gripe A, Ebola, Dengue hemorrágica, entre outros. A China torna-se a segunda economia do mundo. Há a popularização do uso de celulares e *smartphones*. Em julho de 2010 foi aprovado o decreto que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) (BRASIL, 2010), que tem por finalidade dar condições de permanência e igualdade, nas IFES, a jovens de baixa renda, agindo preventivamente nas situações de retenção e evasão. As ações do PNAES geraram investimento em moradia estudantil, alimentação, transporte, inclusão digital, creche e outros. Dilma Rousseff é a primeira mulher eleita presidente do Brasil em 2010. Quando reeleita, em 2014, foi afastada do cargo e seu *impeachment*, em 2016, dividiu a opinião pública. A grande mobilização nacional nas eleições presidenciais de 2018, marcada pela importância e o protagonismo das mídias digitais na campanha. Na CEU, um clima de muita apreensão emerge após o resultado das eleições, pela incerteza no futuro das políticas públicas que afetariam diretamente os moradores e demais alunos que dependiam/dependem dos benefícios para transporte, alimentação, moradia e material didático.

6.2 Discussão

Nesta seção, serão apresentadas as análises temáticas dos elementos que emergiram da apresentação descritiva, a partir das seguintes categorias: 1) Memórias subterrâneas e preconceito; 2) Sociabilidade, pertencimento e juventudes; 3) Movimento Estudantil; e 4) Memórias e vivências.

6.2.1 Memórias subterrâneas e preconceito

Segundo Halbwachs (2006), somos alimentados de memórias que fazem parte de um grupo. Observa-se, nos dados coletados, que o pertencimento à CEU faz parte da memória que foi construída pelo grupo de moradores e ex-moradores que se identificam internamente, mesmo que socialmente sejam vistos com reservas. Quanto à moradia estudantil, destaca-se que as casas e repúblicas, em geral, carregam a fama de abrigarem um bando de jovens arruaceiros, indisciplinados e drogados, que só querem fazer festa e não querem saber de estudar. Além do mais, a moradia estudantil está vinculada à vulnerabilidade socioeconômica do(a) morador(a), já que o fato de residir nesses locais baseia-se na falta de condições financeiras para alugar ou viver em um lugar melhor.

Se por um lado JF declara se orgulhar de ser morador e sempre faz questão de lembrar-se disso, para alguns desses ex-moradores o vínculo relacionado ao fato de terem residido na Casa lhes traz vergonha. Mesmo que passado muito tempo e em uma situação profissional consolidada, alguns desses ex-moradores não têm interesse em demonstrar seu vínculo com a CEU. O cuidado em não ser associado como morador da CEU era tanto, que alguns moradores, segundo nos relatou JF, informavam como endereço o número do edifício²⁸ ao lado da CEU, o que lhes dava uma indicação de que mesmo com uma situação socioeconômica não muito privilegiada, a família ainda podia pagar moradia ou dividir aluguel como outros estudantes.

²⁸ Prédio de apartamento na Av. João Pessoa, nº 75, no qual moravam, na maioria, universitários de melhor poder aquisitivo.

Observa-se a presença de memórias subterrâneas, como diz Pollak (1989), as quais fazem parte de culturas minoritárias e dominadas. Quando se fala da CEU, há referência a grupos minoritários, no sentido de não pertencerem às classes abastadas economicamente e, por isso, alguns tinham vergonha de dizerem que lá moravam. Outro exemplo é trazido por MB, quando pontua que antes de morar na CEU dividiu apartamento com uma colega do tempo do ensino médio. Por questões econômicas, buscou com urgência por um lugar pelo qual pudesse pagar. Quando conseguiu a vaga na CEU, a colega de moradia teria tido uma atitude desdenhosa por ele ir morar na Casa. O entrevistado conta também que, em algumas vezes, ao mencionar ser morador de casa de estudante, as pessoas tinham uma atitude diferente, um desprezo por saber que morador de casa de estudante não tem boas condições financeiras.

Outra situação de desprezo foi narrada pela entrevistada TB. Por conta do trabalho do pai, sua família teve que mudar-se para o interior do estado. Como ela já cursava faculdade, sem parentes próximos, ficou sozinha em Porto Alegre e, com a invasão feminina da CEU, viu a oportunidade de assegurar um local para morar e terminar os estudos. Conta que quando disse que ia morar na CEU foi discriminada e vários dos amigos se afastaram.

Deve-se considerar que a situação de TB foi peculiar, pois além de morar em casa de estudante, considerado um ambiente de desajustados e baderneiros, a CEU era uma casa de estudante masculina e, segundo a percepção da entrevistada, por esse detalhe, só passavam fantasias degradantes na imaginação das pessoas. A atitude adotada por essas pessoas, ao excluí-la de seu círculo de amizade, condiz com a sociedade majoritária na qual estava inserida onde, ao não se enquadrar nos padrões desejáveis, passa a fazer parte de uma memória subterrânea, marginalizada (POLLAK, 1989).

O ingresso feminino na Casa era uma antiga reivindicação dos moradores da CEU, contra o Regimento extremamente rígido imposto pela Administração e dentro dos padrões socioculturais da época. Entretanto, segundo na percepção de AL, essa nova realidade não era unanimidade entre os moradores da CEU, que sentiram seu espaço invadido e sua rotina transformada.

Essa resistência ao novo trouxe problemas de adaptação à TB e à sua amiga, que sofreram discriminação e foram vítimas de episódios bastante desagradáveis,

provocados por alguns moradores, que não foram punidos por parte da Administração da CEU. Dentre os moradores que apoiavam a presença delas na Casa, havia um grupo de moradores homossexuais, que por entenderem sua situação de vulnerabilidade, as defendiam. Dessa união, emergiu um grupo que os diferenciava dos outros dentro da CEU, um grupo com sentimento de pertencimento e cumplicidade, formando-se assim, uma “comunidade afetiva” (POLLAK, 1989).

As evidências indicam que a rigidez e a intolerância da época em que foi inaugurada estiveram presentes na CEU em vários momentos. Quando, em 1991, MB ingressou na CEU, conta que teve de se posicionar frente ao preconceito sofrido por sua orientação sexual. Seu enfrentamento às provocações deu-lhe o entendimento da luta pela diversidade e da importância da união em defesa solidária dessas diversidades. Nesse primeiro ano na CEU, MB e um grupo de amigos criaram o primeiro grupo LGBT do RS, o Nuances. Nesse sentido, destaca-se, também, que há certa seletividade no que se recorda. Memórias coletivas devem estar conectadas às memórias individuais, para que de fato sejam lembranças. Mais ainda, é necessário que o fato seja relevante para que haja rememoração. Dessa forma, mesmo que se tenha convivido e compartilhado lembranças, a rememoração não será possível para todos os indivíduos que compõem determinado grupo se não forem identificados pontos em comum que façam parte da memória coletiva daquele grupo (HALBWACHS, 2006).

6.2.2 Sociabilidade, pertencimento e juventudes

Para JF, que disse ser um jovem tímido ao chegar a Porto Alegre, o esporte foi a melhor forma para sua socialização no novo ambiente. Posteriormente, engajou-se no ME e iniciou as atividades políticas que o acompanharam ao longo de sua trajetória pessoal. Além disso, costumava frequentar, quando o dinheiro permitia, sessões de cinema ou as tradicionais festas do CEUE.

Em 1980, JM vive o choque cultural ao acompanhar os colegas da Casa a peças de teatro que confrontaram sua formação tradicional de um jovem do interior. O entrevistado descreve o modo de viver na CEU como um ideal de contestação ao regime militar e à sociedade da época. O modo de se vestir e se comportar que descreve são

frutos do comportamento de uma geração que luta por liberdades, direitos e pela redemocratização do país. Para Feixa e Porzio (2004) as culturas juvenis provêm do meio a que originalmente pertencem e, com isso, carregam características das identidades geracionais, étnicas, de classe e territorial. É dentro desses grupos, entre seus parceiros/iguais, que os jovens desenvolvem a figura identitária que lhe dá a noção de pertencimento.

Ao ingressar na CEU, CR ficou surpreso com a falta de integração entre os moradores. Para ele, uma casa de estudante deveria ter um ambiente de entrosamento entre os moradores. Em sua percepção, as pessoas estão tão conectadas às mídias digitais e atribuladas com a carga excessiva de trabalhos, provas e preocupações financeiras, que deixam de lado a interação com seus colegas. Quando chegou à CEU, para que as pessoas saíssem de seus quartos, foi necessária uma tempestade, que deixou a cidade às escuras e os moradores sem acesso à internet. Tão logo foi restabelecida a energia, a maioria dos moradores se recolheu para os quartos, mas, do acontecimento, formou-se um pequeno grupo que manteve o hábito de se encontrar e “trocar uma ideia”. A narrativa de CR se encaixa na afirmação de Halbwachs (2006) de que a memória é adquirida pela relação do indivíduo com o grupo e que ela nunca virá sozinha, porque, para o autor, a memória coletiva nada mais é do que a afirmação de que a memória individual existe sempre ligada a uma memória coletiva, pois as lembranças partem de uma dinâmica grupal, a partir da interação social.

Para NT, o ingresso na CEU foi marcante, principalmente pelo fato de que os novos moradores foram recepcionados pelos antigos moradores com uma confraternização e, dessa interação, NT já iniciou vínculos de amizade que, segundo ela acredita, apesar do pouco tempo de convivência na CEU, serão duradouros. Admite devido ao ritmo de estudos e aos compromissos pessoais, fica mais difícil se reunirem com a frequência que gostariam, mas sempre que podem estão juntos e já teve provas de que pode contar com essas pessoas, que lhe são especiais. Observa-se que estes aspectos são coerentes com o que Feixa e Porzio (2004) coloca sobre os jovens, que criam a noção identitária que lhes embasa a noção de pertencimento, como construindo relações de apoio e solidariedade.

Além disso, as evidências indicam que NT participou de um grupo que está construindo memórias através de suas vivências na CEU. Essas memórias serão importantes ou não, dependendo do grau de afinidade que esse grupo conservar, de que forma essas memórias se comunicam e do quanto serão importantes para a rememoração de fatos compartilhados por esses indivíduos (HALBWACHS, 2006).

6.2.3 Movimento Estudantil

Muitos foram os enfrentamentos com a polícia durante as várias manifestações das quais JF participou, principalmente as manifestações que ganharam as ruas nos anos de 1978 e 1979. A partir do ano de 1977, o Movimento Estudantil, já se reorganizando, saiu novamente às ruas em passeatas e atos públicos pedindo por liberdades democráticas, ensino gratuito de qualidade, melhorias na qualidade da alimentação servida no RU e contra o aumento do valor das refeições. Para manter a ordem, utilizou-se do medo e da violação de direitos. O Movimento Estudantil realizava as manifestações, que eram proibidas, e era reprimido pelo batalhão de choque. Seu abrigo era correr para dentro da UFRGS, principalmente para o saguão da CEU.

JM narra que um dos protestos do ME do qual participou, que resultou num grande confronto entre a polícia e estudantes, aconteceu por ocasião da visita do então presidente da Argentina, Jorge Videla, ao Brasil. Para Pollak (1992), os sujeitos buscam se identificar com características que são consideradas desejáveis para o grupo e, neste caso, observa-se que tal característica envolve o enfrentamento e luta por direitos. A Praça Argentina está localizada em frente à Escola de Engenharia que, na ocasião, havia sido revitalizado. O governador do estado, aproveitando a visita do presidente da Argentina, programou uma cerimônia de inauguração de uma placa comemorativa à visita de Videla.

Jorge Videla foi presidente de uma das ditaduras militares mais violentas da América Latina, responsável por prisões, torturas e por um saldo estimado de 30.000 mortos e desaparecidos. Seu governo ficou conhecido como um período de terror na Argentina. A fim de manifestar seu descontentamento em relação a tais homenagens, houve uma grande articulação do movimento estudantil, principalmente do DCE da

UFRGS e de estudantes universitários e secundaristas de Porto Alegre e da Região Metropolitana. O movimento se uniu a fim de demonstrar sua indignação frente à homenagem a um reconhecido ditador, como Videla, e teve a CEU como quartel general de sua manifestação. Além disso, observa-se que este tipo de mobilização envolveu um processo de interação entre os jovens e o ambiente, resultando em impactos na constituição de sua identidade (LEÓN, 2005), uma vez que o relato de tais lembranças é evidência disso.

Esse episódio foi tão marcante na vida de JM e AL que os dois o mencionam em suas entrevistas: JM conta que o enfrentamento com o pelotão de choque foi “eletrizante”, principalmente quando tiveram todos de correr para dentro da CEU, mencionando a situação por um viés positivo. AL narra o episódio como extremamente violento e afirma que se sentiu acuada quando ficou presa dentro do RU e com a tentativa de invasão do local pela polícia. Castro (2008) diz que há diferentes tipos de confrontos dos jovens com os outros, que se diferem dos pais e dos familiares, e que dar conta destes vínculos, promovendo sua subjetivação política, que se refere à adesão de jovens a um espaço recheado por disputas, que os levam a "assumir ações junto com outros em prol da igualdade, da justiça e da emancipação" (CASTRO, 2008, p. 254).

Por outro lado, segundo Halbwachs (2006), ainda que as memórias sejam compartilhadas, a imagem e a percepção que cada um tem delas é única, pois não se compartilha o sentimento ou a forma como determinado evento influenciou ou exerce efeito sobre as pessoas. AL, ao narrar o fato, reviveu o medo, a apreensão sentida no dia, assim como a preocupação com os outros que estavam com ela e dos amigos que ela não sabia onde estavam. JM narrou o fato como um episódio épico de sua vida, onde houve o enfrentamento ao regime e a tentativa frustrada de homenagear um ditador, sendo que cada uma dessas memórias é importante, pois vão enriquecer a memória coletiva do grupo ao qual fazem parte.

6.2.4 Memórias e vivências

JF construiu na CEU uma comunidade com quem mantém vínculos até hoje. O que os une é o futebol de salão, de quando ingressou na Casa e montaram o time de

novatos denominado “Zebrinha”. Com o ingresso no ensino superior, envolveu-se na política estudantil e no diretório acadêmico do seu curso. Na CEU, participou da criação da Associação dos Moradores da CEU (AMCEU), do DCE e da publicação do jornal interno da CEU “O Cortiço”. JF deixa claro em sua entrevista que, por conta de sua situação socioeconômica, a CEU e os benefícios da PRUNI foram essenciais para sua permanência e conclusão do curso, e que o vínculo criado com os colegas se deu por se entenderem como iguais: eram jovens vindos do interior, com poucos recursos, precisavam de um abrigo e encontraram esse abrigo na CEU. Ressalta que essa experiência de moradia e convivência corroboraram com sua trajetória política e profissional. Nesse sentido, observa-se que as vivências na CEU foram significativas na constituição da identidade dos entrevistados, pois é um fenômeno que ocorre em referência aos outros (POLLAK, 1992), sendo influenciados e influenciando seu ambiente.

SN relata que viver na CEU foi um momento de ruptura com conceitos familiares e conservadores adquiridos, aos quais, até então, estava vinculado. Morar na Casa mostrou-lhe que era possível viver de acordo com seus próprios conceitos e valores. Diferenciar-se do mundo adulto é uma das características das juventudes por meio da construção de sua identidade (FEIXA; PORZIO, 2004) e, com isso, afastando-se mais ou menos dos valores paternos e maternos.

Para TB, ainda que tenha passado por momentos difíceis dentro da CEU, por conta de sua adaptação, que provocaram sua saída antecipada da Casa, o período em que morou na CEU é reconhecido como um espaço de aprendizado, parcerias e de grande importância em sua vida. AL relata que, apesar do pouco tempo em que morou na CEU, estabeleceu um vínculo especial e relata que esse período foi uma experiência importante em sua vida. AL chegou a morar fora do estado e, durante esse tempo, esteve em contato com antigos moradores com quem mantém laços de amizade até os dias de hoje. A sensação de pertencimento a grupos desenvolve certa noção identitária de jovens (FEIXA; PORZIO, 2004) que pode os acompanhar pelo resto da vida.

MB, ao chegar à CEU, sentiu-se acolhido para viver sua sexualidade com mais liberdade. Relata que foi na Casa que ele e um grupo de amigos se reuniram e criaram o primeiro grupo LGBT do sul do país, denominado Nuances. A partir daí, despertou-se

seu trabalho de luta pelas diversidades. Nesse sentido, observa-se que houve a construção de uma subjetivação política para os envolvidos na criação do grupo Nuances, uma vez que, diante das dificuldades e cerceamento ambiental para vivenciar a própria sexualidade, colocaram-se em uma posição coletiva de disputa em torno de uma situação considerada injusta, lutando por igualdade, justiça e emancipação (CASTRO, 2008).

SB era moradora de outro estado ao vir para Porto Alegre. Morou com parentes durante um período até que, já na UFRGS, um colega indicou a CEU como alternativa de moradia. Atendendo todos os requisitos para ocupação de uma vaga, SB iniciou, segundo relata, uma fase de crescimento e aprendizado, onde ela percebe que houve mudanças pessoais, profissionais e políticas. Observa-se que, para SB, suas vivências na CEU acabaram impactando na constituição de sua identidade (POLLAK, 1992), por meio do compartilhamento de espaços coletivos, onde o público se sobrepunha ao privado, gerando aprendizado (BERLATTO; SALLAS, 2008).

CR relata que, ao ingressar na UFRGS, já tinha uma carreira e trabalhava em uma área que não lhe trazia satisfação. Optar pelo curso do coração, largar tudo foi sua opção segundo ele, para ser feliz e na CEU sentiu-se acolhido, em casa, dentro de um espaço solidário. Além disso, pelo relato de NT, ele vem de um ambiente familiar bastante unido e se surpreende ao encontrar na CEU, mesmo com o grande número de moradores, o mesmo sentimento de coletividade de sua casa. Por isso, sentiu-se acolhida e integrou-se rapidamente à Casa e a seus novos colegas. Os entrevistados CR e NT denotaram um alto grau de afinidade entre eles e seus respectivos grupos, ficando esses vínculos marcados em suas narrativas. Observa-se que a sua socialização fez com que memórias fossem permeadas, pontuando fatos compartilhados em suas narrativas (HALBWACHS, 2006).

Evidenciando a discussão analítica dos dados deste relatório técnico, apresentou-se uma linha do tempo expondo mudanças que aconteceram nos âmbitos nacional e internacional que refletiram na CEU e na trajetória dos moradores e ex-moradores. Os dados foram trazidos à discussão por meio de uma análise temática a partir dos elementos que surgiram durante as entrevistas.

Na descrição, viu-se esses dados apresentados por décadas, nas quais foram expostos os eventos em detalhes e os impactos destes na CEU e na vida dos moradores. Durante o período de 1970, em que estava em vigor o regime militar, havia uma censura em cima da prática de atividades políticas dos estudantes. As greves dos trabalhadores em São Paulo resultaram em ações dos moradores na CEU e, com a expansão destas manifestações pelo país, os moradores envolvidos no Movimento Estudantil aderiram à ideia, realizando movimentos nas ruas e reivindicando, dentre outras pautas, ensino gratuito de qualidade e liberdade democrática.

Partindo para a década de 1980, expõe-se o fato de o país ainda estar em processo de reabertura democrática, a retomada do Movimento Estudantil, a epidemia de HIV, o movimento pelas “Diretas já!” e a atuação de grupos feministas, dentre eles o Liberta, que foi articulador do movimento que promoveu a invasão feminina na CEU.

Em 1990, houve mudanças em algumas pautas da CEU, como a redução de tempo de permanência dos estudantes, a fim de promover uma rotação das vagas, e o surgimento do grupo que lutava pela livre expressão sexual.

Nos anos 2000, com a popularização da internet, a CEU fez com que os estudantes se movimentassem a fim de arrecadarem verbas para fazer o cabeamento e a instalação da rede de internet. Em 2018, as incertezas pairavam, pensando-se no futuro, tendo em vista o resultado das eleições que trariam a desconstrução de políticas públicas que afetariam diretamente os estudantes e moradores que dependiam dos benefícios que as quais tinham direito.

Na apresentação da análise temática, os principais elementos que surgiram das entrevistas realizadas foram memórias subterrâneas e preconceito, sociabilidade, pertencimento e juventudes, movimento estudantil, memórias e vivências. Assim, percebeu-se que estas temáticas são reflexos dessas vivências na CEU. Mesmo que para alguns as casas de estudantes tivessem a fama de ser um lugar de bagunceiros, elas estão ligadas à vulnerabilidade socioeconômica desses estudantes, que residem/residiram nestes locais justamente por não terem condições financeiras. Compreendeu-se que há memórias que dão orgulho a quem morou na CEU e há outras que demonstram despreço em relação a essas vivências. Evidenciou-se, portanto,

diferentes percepções de sociabilidade, em cada momento, com influência do contexto político externo.

Evidencia-se, ao longo da análise dos dados descritivos e das entrevistas, o movimento estudantil como um fator importante na construção da identidade e de pertencimento dos moradores e ex-moradores. Através do movimento, eles lutaram por melhorias na educação, contra a opressão do Regimento e, também, na criação de memórias, mais ou menos agradáveis, mas que guardam consigo os laços, formados nesse período, mantidos até hoje.

Tendo exposto a discussão das análises temáticas dos dados das entrevistas, passa-se para as considerações finais deste relatório técnico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente relatório técnico foi o de produzir um registro audiovisual que retratasse as vivências de moradores e ex-moradores, tendo a CEU como espaço de vivência, por meio da construção de um documentário que desse visibilidade ao processo na construção das memórias de representantes das diferentes décadas, desde a sua fundação. Foram realizadas nove entrevistas com moradores e ex-moradores da CEU, de todas as décadas, desde a inauguração em 1971.

Os resultados apontam que este objetivo foi atingido, pois foi realizado um registro audiovisual com duração de 13min26s, além deste relatório técnico. Salienta-se que o produto final vinculado a este relatório refere-se ao registro audiovisual intitulado "Há um passado no meu presente - Memórias na Casa do Estudante Universitário da UFRGS", que apresenta narrativas e a relevância de entrevistados sobre as suas vivências dentro da CEU, de maneira mais vívida, constituindo-se um filme-testemunho e documentário, visibilizando memórias de entrevistados que moraram na CEU em diferentes décadas, sendo considerados representantes dos moradores, para fins deste trabalho.

O primeiro objetivo específico foi o de fazer um levantamento da estrutura regulamentar da CEU, desde seu primeiro regulamento, que se considera que não foi atingido, devido a uma situação que saiu do controle da pesquisadora. No ano de 2018, a pesquisadora foi informada de uma sala com caixas de documentos e foi permitido o acesso para a pesquisa. Entretanto, meses depois, tal acesso foi negado naquele momento, pois o arquivo estava sendo organizado por pessoal especializado. A explicação foi a de que os documentos foram guardados aleatoriamente, em caixas, sem o devido cuidado do uso de técnicas arquivísticas, não havendo como localizar documentos por ano ou assunto. A negativa do acesso aos documentos foi por entender-se que, como os documentos poderiam estar arquivados de forma equivocada, a pesquisadora poderia ter acesso a documentos sigilosos inadequadamente. Foi localizado na Biblioteca Central da UFRGS um único exemplar do primeiro Regimento da CEU, de 1971, ao qual a pesquisadora teve acesso.

O segundo objetivo específico, que foi o de examinar as vivências relatadas sobre residir na CEU, sob o ponto de vista de moradores e ex-moradores, considera-se atingido.

Os resultados das análises mostram evidências de memórias vergonhosas e preconceito (POLLAK, 1989), pois o pertencimento à CEU faz parte da memória que foi construída pelo grupo de moradores e ex-moradores, uma vez que houve uma identificação interna, mesmo que socialmente fossem vistos com reservas.

Observou-se também a presença de memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), pois percebiam-se como parte de culturas minoritárias e dominadas, sendo que alguns ex-moradores tinham vergonha de dizer que lá viviam, pois não se enquadravam nos padrões desejáveis socialmente. Tais padrões tanto referiam-se à situação econômica desprivilegiada, quanto ao comportamento sexual e até mesmo ao gênero, formando grupos com sentimentos de pertencimento e cumplicidade, podendo ser denominado de “comunidades afetivas” (POLLAK, 1989).

Outro tema que as análises indicaram refere-se à sociabilidade, pertencimento e juventudes, pois houveram diferentes situações de contestação, ao regime militar (1970), ao *impeachment* da presidenta (2010), onde ex-moradores vestiam-se e comportavam-se como alguém que luta por liberdades, direitos e pela redemocratização do país, desenvolvendo uma figura identitária que lhes dava a noção de pertencimento (FEIXA; PORZIO, 2004), inclusive por meio de relações de apoio e solidariedade.

Movimento estudantil foi outro tema analisado, como as manifestações de 1977 a 1979, quando o Movimento Estudantil realizou passeatas pedindo mais liberdades democráticas, ensino gratuito de qualidade, melhorias na qualidade e menor valor da alimentação servida no RU, as quais eram proibidas e reprimidas pelo batalhão de choque. Seu abrigo era correr para dentro da UFRGS, principalmente para o saguão da CEU. Isso resultou em impactos na constituição de sua identidade (LEÓN, 2005), bem como a construção de uma subjetivação política (CASTRO, 2008) quando esses jovens aderiram a um espaço de disputas em busca de igualdade, justiça e emancipação.

Além disso, evidências mostram que as vivências na CEU foram significativas na constituição da identidade dos entrevistados, período recheado de parcerias e aprendizado, pois este é um fenômeno que ocorre em referência aos outros (POLLAK, 1992), fazendo com que os jovens pudessem se diferenciar do mundo adulto (FEIXA; PORZIO, 2004). Chama a atenção que o primeiro grupo LGBT do sul do país (Nuances) foi criado na CEU (1991), despertando o interesse pela luta pelas diversidades,

observando-se novamente a construção de uma subjetivação política (CASTRO, 2008), pois colocaram-se em uma posição coletiva de disputas em torno de uma situação vista como injusta. As evidências mostram ainda que houve um alto grau de afinidade entre os então moradores e seus respectivos grupos, ficando esses vínculos marcados em suas narrativas, fazendo com que tal socialização fez com que memórias fossem permeadas por acontecimentos vividos coletivamente (HALBWACHS, 2006).

O terceiro objetivo específico foi o de compreender e visibilizar as percepções e memórias de moradores e ex-moradores de diferentes décadas sobre sua passagem pela CEU também foi atingido. A compreensão ocorreu por meio da descrição e análise dos principais aspectos das suas narrativas e a visibilização por meio da publicação do vídeo "Há um passado no meu presente - Memórias na Casa do Estudante Universitário da UFRGS", o qual será disponibilizado à comunidade²⁹. Neste vídeo, aparecem narrativas de moradores e ex-moradores voltadas para percepção de suas memórias e vivências na CEU.

Além disso, ao colher os relatos dos entrevistados, foi possível perceber, inicialmente, uma certa timidez na busca por memórias, há muito tempo guardadas, para alguns e, para outros, memórias recentes. Tratando-se de memórias passadas ou recentes, o objetivo das entrevistas, que resultou no produto final deste Mestrado, foi mostrar de forma cronológica as percepções e as memórias dos entrevistados sob sua perspectiva, na sua época, em um contexto sócio cultural.

Nesses quarenta e oito anos de existência, os jovens que passaram pela CEU presenciaram momentos distintos da história do país e, como foi narrado durante as entrevistas, ser morador(a) da Casa foi marcante na trajetória de cada um deles. Foi gratificante ouvir suas narrativas e perceber o afinho com o qual tentavam precisar datas e nomes há muito tempo esquecidos, bem como para buscar detalhes de momentos compartilhados na CEU. Como não se empolgar com a narrativa emocionante de um confronto com a polícia de choque ou com uma entrevistada que pontua o medo de ficar como refém dentro do RU? Como não se envolver nos relatos de quem enfrentou um

²⁹ Quanto à veiculação do documentário, ainda está sendo decidida a melhor forma para que o vídeo seja divulgado *online*, utilizando-se como critério principal o desejo de alguns participantes acerca de qual plataforma seria mais adequada.

diretor que violava correspondência ou sobre um grupo de jovens que não sabiam se o seu colega de quarto iria denunciá-lo por atos considerados subversivos?

Os depoimentos dos entrevistados, independente da época em que residiram na CEU, foram muito ricos para a compreensão das mudanças políticas e culturais do país. Em busca do direito à liberdade sexual, a partir do entendimento de seus direitos, no ano de 1991 um grupo de jovens moradores criou a primeira ONG LGBT do Sul do país, denominada Nuances. Esta foi uma entrevista riquíssima de um jovem que, desde muito cedo, entendeu que deveria defender as diversidades, conforme relata, ainda mais em uma época em que tudo ainda era muito incipiente.

Na década seguinte, a organização e união dos moradores da Casa venceram a falta de recursos da Universidade. Utilizando-se da criatividade, conseguiram tinta para revitalizar todo o andar da CEU em que residiam e verba para o cabeamento para instalação de rede de internet.

Nos depoimentos dos dois moradores das décadas mais atuais, é descrita a emoção e o orgulho atrelados ao fato de serem moradores da CEU e de saberem da história que os antecede. Vibram ao ver a CEU protestando e a mobilização dos moradores. Angustiam-se com o medo diante da confirmação de mais cortes de verbas na Educação e o fim do investimento aos programas sociais que garantem moradia, alimentação, transporte dentre outros benefícios aos estudantes das cotas sociais.

Ouvir as narrativas de cada um dos entrevistados foi um privilégio. Suas memórias possibilitaram a criação do vídeo/documentário intitulado “Há um passado no meu presente – Memórias na Casa do Estudante Universitário da UFRGS”, que é o produto técnico desta pesquisa do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. O documentário será divulgado para que moradores e ex-moradores possam lembrar da CEU e, para os que não conhecem a Casa ou pensam que casas de estudantes são espaços de balbúrdia entenderem que lá é um local de acolhimento, de coletividade, de afetividade e de construção de vínculos e memórias.

As limitações identificadas neste trabalho foram a dificuldade na disponibilidade de entrevistados, o fato de não se conseguiu entrevistar o número estimado/desejável de dois entrevistados por década e as dificuldades de acessar os documentos da CEU, tais como documentos administrativos, propostas de regulamentos, feitas pela Reitoria pelos

moradores e os documentos da Associação de Moradores AMCEU. Sugestões para futuras pesquisas na CEU ou em outras casas de estudantes da UFRGS poderiam investigar sobre a diversidade e violência de gênero ou a interferência das mídias digitais nas interações sociais dos moradores de casas de estudantes.

REFERÊNCIAS

A CASA do estudante da UFRGS. Porto Alegre, 2012. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-5igchovall>. Acesso em: 12 nov. 2018.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**: textos em história oral - RJ - Editora FGV, 2019.

BERLATTO, Fábila; SALLAS, Ana Luisa Fayet. Um lar em terra estranha: Espaço e sociabilidade em uma casa de estudantes feminina. **Revista Chilena de Antropología Visual**, n. 12, p. 48-69, 2008. Disponível em: http://www.rchav.cl/imagenes12/imprimir/berlatto_&_fayet.pdf. Acesso em: 16 ago. 2019.

BLANC, Manuela Vieira. **O desafio de vir a ser**: jovens universitários, moradias coletivas e identidades. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2009.

BOMENY, Helena. **Quando os números confirmam impressões**: desafios na educação brasileira. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília: Ministério da Educação, Gabinete do Ministro, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pnaes.pdf. Acesso em: 13 jul. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 7.234**, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm. Acesso em: 20 out. 2020.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2018.

CARDOSO, Vanessa Cristina de Carvalho. O perfil dos estudantes universitários brasileiros: sua construção histórica no Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis. In: 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais, 2016, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: 2016, p. 1-15.

CASA do Estudante da Universidade Federal do Paraná. **Somos mais UFPR | Casa do Estudante**. [Realização da TV da UFPR] Curitiba, 2017. 1 vídeo (14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fQr0SMwSz04>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, n.

30, p. 253-268, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782008000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 set. 2019.

CEUACA. **Casa do Estudante Parte 1**. Porto Alegre, 2008. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yR1EssB045w>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CEUACA. **Casa do Estudante Parte 2**. Porto Alegre, 2009. 1 vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ST5sSqwHidg>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In*: LANE, Silvia Tatiana Maures; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo. Brasiliense, 2004. p. 58-75.

COGGIOLA, Osvaldo. A crise universitária no Brasil. **Revista Adusp**, p. 34-42, 1998. Disponível em: <https://adusp.org.br/files/revistas/15/r15a06.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

COSTA, Fabiana Pinheiro da. A presença feminina na CEU. **Jornal da Universidade**, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/a-presenca-feminina-na-ceu/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

DELLA VECHIA, Renato da Silva. **O ressurgimento do movimento estudantil universitário gaúcho no período da redemocratização: As tendências estudantis e seu papel (1977/1985)**. 2011. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167. Acesso em: 24 out. 2019.

EU MORO na Casa do Estudante da UFRGS. Porto Alegre, 2012. 1 vídeo (16 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aBdk_VAU-Oo. Acesso em: 12 nov. 2018.

EVANGELISTA, Marcela Boni - Entre a expressão e a intenção: possibilidades de construção narrativa através da transcrição em história oral - **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** - ANPUH - São Paulo, julho, 2011, p. 1-9.

FAUSTO, Boris História Concisa do Brasil - São Paulo, Editora da USP (EDUSP), 2018.

FEIXA, Carles; PORZIO, Laura. Los estúdios sobre culturas juveniles em España (1960-2003). **Revista de Estudios de Juventud**, n. 64, P. 9-28, 2004.

FERREIRA, Rosane Caminski. **Os estudantes indígenas em cena: a memória coletiva sobre a inclusão na universidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 1. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINTERHOLZ, Marcos Luiz. **O lugar onde a casa mora: Memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida - CEUACA (1963-1981)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LÉON, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. *In*: FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 09-18.

LOURENÇO, Iolando. Há 30 anos poder voltada aos civis no Brasil: José Sarney foi o primeiro presidente do regime democrático. **Agência Brasil**, 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-03/ha-30-anos-poder-votava-aos-civis-no-brasil>. Acesso em: 23 jul. 2020.

MACHADO, Juciára Teixeira. **Em busca de um mesmo “CEU”**: Estudo antropológico sobre (ex)moradores da Casa do Estudante Universitário da Universidade Federal de Santa Maria. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

MARTINI, Maria Elisabete da Silva. **Construindo uma cultura de acolhimento à diversidade sexual**: trajetórias e vivências dentro da casa do estudante universitário da UFRGS (1990-2010). 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **“Um Lar em Terra Estranha”**: A aventura da individualidade feminina. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba nas décadas de 50 a 60. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

MELLO; Soraia Carolina de; ZANDONÁ, Jair; WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2020.

MENDÉZ, Natalia Pietra. **Discursos e Práticas do Movimento Feminista em Porto Alegre (1975-1982)**. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, PPG-História, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 4. ed. São Paulo: Hicitec, 2004.

OLIVEIRA, Conceição. Memória 30/04/1981 – Atentado no Rio Centro. **História em Projetos**, 2008. Disponível em: <http://historiaemprojetos.blogspot.com/2008/04/memria-30041981-atentado-no-rio-centro.html>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda - Lisboa - Portugal, 2003.

PAIS, José Machado. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n3/03.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 24 out. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>. Acesso em: 24 out. 2019.

PRESIDENTE da República em Pôrto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 27 jul. 1971. Notícias, p. 32.

RAUPP, Luciane; BORGES, Márcia. Juventude, Identidade e Memória. *In*: ISAIA, Artur César; GRAEBIN, Cleusa (orgs.). **Memória e identidade**: entre oralidade e escrita. Canoas: Editora Unilasalle, 2018. p. 81-91.

RICO, Andrés Payà et al. (orgs.). **Globalizing the student rebellion in the long '68**. Salamanca: Fahren House, 2018.

SCHWARCZ, Lília M; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: Uma Biografia - São Paulo - Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da (org.). **As Casas de Estudantes da UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Regimento Interno da Casa do Estudante Universitário**: Aprovado pelo Reitor da UFRGS cf. Processo nº 2908/71, em 25 de fevereiro de 1971. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1971.

VIDA de Estudante na UFOP. **Moradia Episódio 1**. [Realização da TV da UFOP]. Ouro Preto, 2013. 1 vídeo (12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lfLmCQ5oHwl>. Acesso em: 12 nov. 2018.

VIDA de Estudante na UFOP. **Moradia Episódio 2**. [Realização da TV da UFOP]. Ouro Preto, 2013. 1 vídeo (11 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Moarqhv_hb0. Acesso em: 12 nov. 2018.

VIDA NA CEU. **Casa do estudante da UFRGS**. Porto Alegre, 2011. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=grwuApiZCqw>. Acesso em: 12 nov. 2018.

VILLAVERDE, Adão. Praça dedicada aos que lutaram ou desaparecem na Argentina. **Sul 21**, 2013. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/colunas/2013/05/praca-dedicada-aos-que-lutaram-ou-desaparecem-na-argentina>. Acesso em: 26 jul. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da Pesquisa intitulada: Memórias, identidades e Juventudes na Casa do Estudante Universitário – CEU da UFRGS. O trabalho será realizado pela pesquisadora Carla Rosane da Costa Alves. O objetivo geral do projeto consiste em pesquisar as vivências de moradores e ex-moradores durante o período em que residiram na CEU. Sua participação nesta pesquisa será voluntária e consistirá em informar sobre sua vivência de morar na CEU.

Garantimos o sigilo de seus dados de identificação primando pela privacidade e por seu anonimato. Manteremos em arquivo, sob nossa guarda, por 5 anos, todos os dados e documentos da pesquisa. Depois de transcorrido esse período, os mesmos serão destruídos.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será rubricado em todas as folhas e assinado em duas vias, permanecendo uma com você e a outra deverá retornar ao pesquisador. Abaixo, você tem acesso ao telefone e ao endereço eletrônico institucional do pesquisador responsável, podendo esclarecer suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, em qualquer momento no decorrer da pesquisa.

Telefone do pesquisador responsável: 51 981280656

E-mail institucional do pesquisador responsável: carla.201810745@unilasalle.edu.br

Nome do pesquisador responsável: Carla Rosane da Costa Alves

Carla Rosane da Costa Alves

Local e Data:

Declaro que li o TCLE e concordo com o que me foi exposto e aceito participar da pesquisa proposta.

APÊNDICE B – Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos

Eu _____, CPF _____, após obter os devidos esclarecimentos sobre os objetivos metodológicos, e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento para o desenvolvimento desta pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizo, por meio do presente termo, a pesquisadora Carla Rosane da Costa Alves, autora do Projeto de Pesquisa intitulado Memórias, Identidades e Juventudes na Casa do Estudante Universitário – CEU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que sob orientação da Professora Maria de Lourdes Borges pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle de Canoas-RS, a realizar fotos e imagens que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Da mesma forma, fica liberada a utilização destas fotos, imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, transparências e vídeo), em favor de pesquisadores da pesquisa, acima especificados.

Porto Alegre,

Carla Rosane da Costa Alves – 383.616.390-04
carlacosta.alves@gmail.com ou carla.alves@ufrgs.br

Colaborador (a) da pesquisa como entrevistado (a)

APÊNDICE C – Roteiro de Questões Para Entrevistas

Nome:

Idade:

Natural de:

Formação:

Profissão/área de atuação:

Cidade em que reside:

Período de permanência na CEU:

- Conte um pouco sobre você, trajetória
- Sabia da existência da CEU, já tinha conhecimento sobre moradia estudantil. O que as pessoas, em geral – pessoas do seu convívio e pessoas de sua família, falavam sobre a moradia estudantil?
- Como foi sua adaptação inicial a vida estudantil, morar na CEU, ficar longe dos pais, familiares, amigos
- Recepção como calouro na CEU e a convivência com demais moradores?
- Você lembra de fatos históricos (políticos e sociais) que foram marcantes durante sua passagem pela CEU. Destacar os fatos marcantes desse período.
- Esses fatos impactaram na convivência dentro da Casa e de que forma impactaram?
- Você como morador da CEU, sofreu preconceito de colegas ou professores? Senão você diretamente, viu ou percebeu algum colega ser alvo de preconceito?
- O que significou ser morador da CEU.
- Você mantém laços de amizade com colegas da CEU? Com que frequência de contato?

ANEXO A – Regimento Interno da CEU



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Regimento da Casa do Estudante Universitário

● Apreciação pelo Reitor da UFRGS,
cf. Processo n.º 3066/71, em 15 de
fevereiro de 1971

DOCUMENTOS / 6

 EDITORA DA UFRGS

UFRGS
BIBLIOTECA CENTRAL

UFRGS

CHA: U378.182:014.15

U58 R

U9
U571

NFI 47-02182

REG.: 03015

DATA: 16.05.78

UFRGS

INDICE

Título I — Da Denominação, da Localização e das Finalidades	5
Título II — Da Direção e Administração da CEU	6
Capítulo I — Do Conselho Administrativo	6
Capítulo II — Da Presidência do Conselho Administrativo	7
Capítulo III — Da Vice-Presidência	8
Capítulo IV — Da Secretaria do Conselho Administrativo	8
Capítulo V — Da Tesouraria do Conselho Administrativo	9
Capítulo VI — Do Administrador	10
Título III — Das Proventos	11
Capítulo I — Dos Diretores dos Paralelos	11
Capítulo II — Dos Mestres	12
Capítulo III — Das Penalidades	12
Título IV — Das Eleições e seu Regimento	14
Título V — Das Disposições Gerais e Transitórias	21

Parágrafo único — Ao Administrador incumbe:

- a) supervisionar os preparativos para a instalação da CEU;
- b) colaborar com a Superintendência Acadêmica no processo de recrutamento e seleção dos primeiros professores da CEU;
- c) atribuir tarefas aos funcionários da CEU, coordenando e supervisionando as atividades dos mesmos;
- d) administrar a CEU, promovendo medidas consistentes com o seu desenvolvimento e suas necessidades;
- e) nomear e destituir Diretores pro-tempore para os Pavilhões, assim como coordenar e supervisionar as atividades dos mesmos;
- f) receber as verbas destinadas à CEU, aplicando-as de acordo com plano previamente aprovado pela Superintendência Acadêmica;
- g) tomar as medidas necessárias para a realização de eleições para a composição do primeiro Conselho Administrativo da CEU, inclusive indicando ao Superintendente Acadêmico nomes de moradores para integrarem as comissões eleitorais, previstas no Art. 41, § 4.º, deste Regulamento;
- h) resolver os casos omissos, consultando a Superintendência Acadêmica, quando necessário.

Art. 44 — A Superintendência Acadêmica fixará a data para a realização das eleições dos Diretores dos Pavilhões da CEU, designando, ao mesmo tempo, as comissões eleitorais.

Art. 45 — Dentro de quinze dias após as eleições de que trata o Art. 41, será empossado o 1.º Conselho Administrativo que, para todos os efeitos, passará a administrar a CEU, na forma prevista no presente Regulamento.

Art. 46 — A Superintendência Acadêmica procurará assegurar aos moradores da CEU assistência médica e odontológica, através dos serviços especializados existentes na Universidade.

Art. 47 — Para a execução de seus serviços a CEU dispõe de pessoal integrante dos Quadros da Universidade ou contratado na forma da Consolidação das Leis do Trabalho, segundo o disposto no Art. 121 do Estatuto da UFRGS.

Art. 48 — Os Serviços de Tesouraria da CEU obedecerão aos preceitos regulamentares.

Art. 49 — Os recursos destinados à CEU serão aplicados de acordo com o plano previamente aprovado pela Superintendência Acadêmica.

Parágrafo único — As contas serão movimentadas conjuntamente pelo Administrador e pelo Presidente do Conselho Administrativo.

Art. 50 — Os Pavilhões poderão ter regulamento próprio que, após aprovado pelo Conselho Administrativo, será afixado nas dependências da Casa.

Art. 51 — É vedado à CEU desenvolver qualquer atividade de caráter político.

Art. 52 — Os casos omissos serão decididos pelo Superintendente Acadêmico.

Art. 53 — Este Regulamento entrará em vigor na data de sua aprovação pelo Reitor.

Art. 38 — Será considerado faltoso o morador que infringir qualquer item do Art. 36 ou que:

- a) cometer atos contra a moral, nas dependências da CEU;
 - b) deixar de comunicar ao Administrador irregularidades que possam resultar em prejuízo da CEU ou de qualquer um de seus moradores;
 - c) desrespeitar ou desrespeitar as ordens emanadas do Administrador, dos Conselheiros ou de qualquer Diretor dos Pavimentos, quando em exercício de suas funções;
 - d) desrespeitar ou desrespeitar física ou moralmente qualquer colega nas dependências da CEU;
 - e) se fizer acompanhar ou permitir a entrada de pessoas do sexo feminino, salvo com expressa autorização do Administrador.
- f) se aposar indevidamente de objetos pertencentes a outrem.

Art. 39 — Os moradores que se enquadrarem nos itens a e e, do artigo anterior, terão como penalidade a exclusão definitiva sumária.

Parágrafo unico — A exclusão definitiva poderá ser aplicada a outros casos, conforme a gravidade ou reincidência, ficando a critério do CA julgar a falta.

Art. 40 — Na aplicação das penalidades, com exceção dos itens a e e, do Art. 38, serão levados em conta os antecedentes do faltoso.

Título IV

DAS ELEIÇÕES E SEU REGULAMENTO

Art. 41 — As eleições para a Direção dos Pavimentos e respectivas suplências serão realizadas no mês de março, em

data a ser fixada pelo Conselho Administrativo, com setenta e duas horas de antecedência, no mínimo.

§ 1.º — A eleição proceder-se-á por Pavimento, sendo elegíveis os moradores dos respectivos andares, excluídos os componentes dos Diretórios Estudantis, de que tratam os Arts. 137 e 138, do Estatuto da Universidade, e os Arts. 212 e 215 do seu Regulamento Geral, bem como os representantes estudiantis nos órgãos colegiados e Comissões da UFRGS.

§ 2.º — O sufrágio é universal e direto e o voto é secreto, sendo obrigatório para todos os moradores.

§ 3.º — As candidaturas para as vagas de Direção dos Pavimentos deverão ser registradas no CA até vinte e quatro horas antes da data das eleições, acompanhadas das respectivas autorizações dos candidatos.

§ 4.º — Quarenta e oito horas antes das eleições o Conselho Administrativo deverá designar um de seus membros para prestá-las, cabendo a esse a organização das comissões eleitorais, uma por andar, às quais compete proceder às eleições e ao escrutínio dos votos.

Título V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 42 — A CEU vincula-se à UFRGS, através da Superintendência Acadêmica, cabendo a esta tomar todas as providências preliminares para a instalação da CEU.

Art. 43 — Na fase inicial de sua instalação, a CEU será dirigida por um Administrador, designado pro-tempore pelo Reitor.

c) revelar indisciplina ou conduta inconveniente à col-ligidade.

Art. 35 — Constituem direitos do morador:

- a) utilizar qualquer serviço da CEU, obedecendo às di-posições regimentais;
- b) apresentar, por escrito e devidamente fundamenta-das, reclamações ao Conselho Administrativo, através do Administrador;
- c) apelar das decisões do Conselho Administrativo para a Superintendência Acadêmicas;
- d) votar e ser votado, respeitadas as exceções previstas no presente Regulamento.

Art. 36 — Constituem deveres do morador:

- a) respeitar o sossego dos demais moradores;
- b) guardar silêncio absoluto depois das vinte e duas horas;
- c) zelar pela conservação das dependências da CEU bem como pelos seus móveis e utensílios;
- d) indenizar a CEU por qualquer estrago que fizer em seus pertences;
- e) economizar na corrente elétrica e na água;
- f) zelar pela manutenção da higiene em todas as depen-dências da CEU, especialmente nas instalações sanitárias;
- g) comunicar imediatamente qualquer irregularidade, verificação em um pavimento, ao respectivo Diretor, ou ao Administrador, caso aquêle não tomar as medidas necessárias;
- h) respeitar e prestigiar as deliberações do Administra-dor e do Conselho Administrativo;
- i) comunicar-se com os empregados, sempre através da Direção;
- j) manter sempre a maior ordem, viver em perfeita har-monia e respeito com os demais colegas, bem como conduzir-se de maneira a prestigiar a CEU;

— 14 —

- k) exigir identificação de toda e qualquer pessoa estran-ha que se encontrar nas dependências da CEU quan-do não acompanhada de pessoa conhecida;
- l) entregar a chave do quarto, ao Diretor do Pavimento quando, por qualquer motivo, afastar-se temporaria-ou definitivamente da dependência;
- m) auxiliar as Direções de Pavimento, quando, para isso for convidado, podendo recusar-se, mas sempre com justificativa;
- n) pagar a mensalidade até o dia 10 (dez) de cada mês;
- o) andar decentemente vestido nas dependências da CEU;
- p) cumprir e exigir o cumprimento do presente Regimen-to e dos próprios de cada Pavimento.

Capítulo III

DAS PENALIDADES

Art. 37 — De acordo com a gravidade ós falta, serão applicadas as seguintes penalidades aos moradores da CEU:

- a) advertência oral;
- b) advertência escrita;
- c) suspensão;
- d) exclusão definitiva.

§ 1.º — A advertência oral poderá ser applicada pelos Di-retores dos Pavimentos, pelo Administrador ou por qualquer membro do Conselho Administrativo.

§ 2.º — A advertência escrita bem como a suspensão e a exclusão definitiva serão propostas pelo Administrador e applicadas pelo Conselho Administrativo, em reunião, a que tenha comparecido, no mínimo, a maioria de seus membros.

§ 3.º — A exclusão definitiva determina o afastamento imediato do faltoso e de todos os seus pertences, da CEU.

— 15 —

Capítulo II

DOS MORADORES

Art. 24 — São considerados moradores os alunos regulares dos cursos da UFRGS que, através de seleção realizada, conforme o disposto no presente Regulamento, tenham sido admitidos na CEU.

Art. 25 — O morador terá direito aos benefícios da CEU, durante o tempo correspondente à duração do curso em que estiver matriculado, desde que satisfizes as exigências previstas neste Regulamento.

§ 1.º — A mudança de curso do morador não implicará em perda dos benefícios na CEU, ressalvando-se que este direito terá a duração máxima correspondente ao curso de maior extensão.

§ 2.º — O aluno reprovado, num semestre, em qualquer disciplina do curso, será excluído da CEU, cabendo-lhe, porém, apelação ao Conselho Administrativo, desde que apresentadas as justificativas das causas da reprovação.

Art. 26 — Apurado o número de vagas para moradores, ao fim de cada ano letivo, a CEU o publicará pela imprensa, fixando o prazo para inscrição de novos moradores e da seleção dos mesmos.

Art. 27 — A seleção dos candidatos será feita, anualmente, pelo Serviço Social da Superintendência Acadêmica, com a colaboração do Conselho Administrativo da CEU.

Art. 28 — No julgamento dos candidatos a moradores, serão considerados:

- a) a situação econômico-financeira do candidato, quando independente, ou de seus pais ou responsável, quando dependente, tendo preferência os candidatos mais necessitados;

- b) a vida escolar anterior e presente do candidato;
- c) o município de residência do candidato ou de seus pais, tendo preferência os procedentes de localidades mais distantes, que não ofereçam possibilidades educacionais em nível superior;
- d) outros critérios do Serviço Social da Superintendência Acadêmica, fixados através de ato do Superintendente.

Art. 29 — Em caso de vagas eventuais, estas serão preenchidas pelos suplentes, também selecionados pelo Serviço Social da Superintendência Acadêmica.

Art. 30 — O candidato à moradia deverá preencher a ficha de informações cadastrais fornecida pela CEU, devolvendo-a dentro do prazo estabelecido.

Parágrafo único — Qualquer dolo falso na ficha eliminará o candidato, mesmo que já seja morador.

Art. 31 — A relação dos candidatos, bem como de seus suplentes, será publicada, no mesmo tempo que enviada aos Diretores Acadêmicos.

Art. 32 — Perderá o direito à moradia o candidato aceito que, dentro de trinta dias, a partir da data da divulgação da lista dos contemplados, não se apresentar, sendo então a vaga destinada aos suplentes.

Art. 33 — Todos os quartos vagos serão sorteados entre os candidatos selecionados.

Art. 34 — O Conselho Administrativo demitirá qualquer morador quando:

- a) mudanças em sua situação econômico-financeira o coloquem em condições de prescindir dos benefícios da CEU;
- b) verificada sua falta de interesse e de colaboração para com os assuntos internos da CEU;

Capítulo VI

DO ADMINISTRADOR

Art. 18 — A CEU será administrada por um Administrador, designado pelo Reitor, por indicação do Superintendente Acadêmico.

Art. 19 — Compete ao Administrador:

- a) administrar a CEU na forma prevista no presente Regulamento, tomando, para tanto, as providências necessárias;
- b) cumprir e fazer cumprir o presente Regulamento;
- c) receber e movimentar as verbas e demais recursos destinados à CEU, que deverão ser aplicados de acordo com o plano anual aprovado pelo Conselho Administrativo e homologado pelo Superintendente Acadêmico;
- d) efetuar pagamento de despesa, segundo plano aprovado pelo Superintendente Acadêmico;
- e) decidir, ad-referendum do CA, todos os assuntos que demandem pronta solução, apresentando tale decisões ao CA na primeira oportunidade;
- f) aplicar as penalidades de sua competência, submetendo à consideração do CA os casos de disciplina e irregularidades praticadas por moradores da CEU que incorram em sanções cuja aplicação exceda às suas atribuições;
- g) apresentar anualmente ao CA, ou quando por este solicitado, relatório das atividades da CEU e prestação de contas dos recursos recebidos;
- h) visitar periodicamente os quartos, aplicando nos mesmos as sanções e penalidades de sua competência, ou comunicando ao CA as irregularidades que deverão ser apreciadas por esse órgão, inclusive os casos de danos causados às dependências e aos pertences da CEU, para pronta indenização.

— 10 —

Título III

DOS PAVIMENTOS

Art. 20 — A CEU disporá de sede (B) pavimentos em seu edificio-sede.

§ 1.º — Ao menos um dos pavimentos destina-se aos alunos regulares dos cursos de pós-graduação e os demais, aos alunos regulares dos cursos de graduação.

§ 2.º — Os alunos de Pós-Graduação ocuparão, preferentemente, o 6.º pavimento.

Capítulo I

DOS DIRETORES DOS PAVIMENTOS

Art. 21 — Cada pavimento elegerá, pelo prazo de um ano, dentre seus moradores, um Diretor e o respectivo suplente.

Art. 22 — Aos Diretores compete:

- a) tomar as medidas necessárias para a manutenção da ordem e disciplina nos respectivos pavimentos;
- b) notificar o Administrador das vagas existentes;
- c) sortear, juntamente com um membro do Conselho Administrativo, os quartos vagos entre os moradores;
- d) levar ao conhecimento do Administrador a relação do material necessário à higiene e conservação do pavimento;
- e) escolher os auxiliares que julgar necessários;
- f) orientar e supervisionar todas as atividades do pavimento;
- g) cumprir e fazer cumprir o Regulamento dos Pavimentos.

Art. 23 — O Diretor é responsável pelo bom funcionamento, ordem e disciplina do pavimento sob sua supervisão.

— 11 —

- d) colocar em discussão os casos de indisciplina e irregularidades que forem submetidas à apreciação do CA pelo Administrador, aplicando as penalidades correspondentes, nos termos do presente Regulamento;
- e) empobrecer os Diretores de Pavimentos;
- f) destituir os Diretores de Pavimentos desde que suas justificações sejam sancionadas pelo CA;
- g) movimentar, juntamente com o Administrador, os recursos destinados à CEU.

Capítulo III

DA VICE-PRESIDÊNCIA

Art. 9.º — A Vice-Presidência será exercida pelo Vice-Presidente.

Art. 10 — Ao Vice-Presidente compete:

- a) substituir o Presidente em seus impedimentos;
- b) desempenhar outras atribuições por delegação de poderes do Presidente.

Capítulo IV

DA SECRETARIA DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

Art. 11 — Os serviços de Secretaria estarão a cargo do 1.º e do 2.º Secretário.

Art. 12 — Ao 1.º Secretário compete:

- a) levantar as atas das reuniões do Conselho Administrativo;

— 8 —

- b) assinar, com o Presidente da mesa, as atas das reuniões do Conselho Administrativo;
- c) manter em dia o expediente interno e externo da CEU;
- d) levantar termos de abertura e encerramento de livros de expediente da Secretaria.

Art. 13 — Ao 2.º Secretário compete:

- a) substituir o 1.º Secretário nos impedimentos deste;
- b) exercer outras atribuições que lhe forem delegadas pelo 1.º Secretário.

Art. 14 — Os Secretários serão responsáveis pelo material da Secretaria, devendo responsabilizar todo aquele que causar danos de qualquer ordem à mesma.

Capítulo V

DA TESOUREARIA DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

Art. 15 — Os serviços de Tesouraria do Conselho Administrativo serão executados pelos 1.º e 2.º Tesoureiros.

Art. 16 — Ao 1.º Tesoureiro compete executar os serviços contábeis dos recursos destinados ao Conselho Administrativo, além de prestar contas no fim de sua gestão.

Art. 17 — Ao 2.º Tesoureiro compete:

- a) substituir o 1.º Tesoureiro nos impedimentos deste;
- b) exercer outras atribuições que lhe forem delegadas pelo 1.º Tesoureiro.

— 9 —

Capítulo I

DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

Art. 4.º — O Conselho Administrativo será composto de 7 titulares: 3 (três) designados pelo Reitor, dentre os membros dos corpos docente, técnico e administrativo da Universidade; o Administrador, membro nato; e 3 (três) moradores da CEU, dos quais um será o Diretor do Pavimento dos Cursos de Pós-Graduação e 2 (dois) Diretores de Pavimentos dos Cursos de Graduação, escolhidos pelos moradores dos respectivos andares.

Parágrafo único — Os Conselheiros Diretores dos Pavimentos serão substituídos, no CA, em seus impedimentos, pelos respectivos suplentes de Direção.

Art. 5.º — Os membros do CA elegerão, entre si, o seu Presidente, o Vice-Presidente, o 1.º e o 2.º Secretário e o 1.º e o 2.º Tesoureiro, pelo período de um ano.

Parágrafo único — Nenhum Conselheiro poderá ocupar, no mesmo tempo, mais de um cargo no CA.

Art. 6.º — Compete ao Conselho Administrativo:

- a) traçar diretrizes e propor planos, com vistas ao bom funcionamento da CEU;
- b) admitir e demitir moradores, conforme o presente Regimento;
- c) julgar os casos de infração, aplicando e executando as devidas penalidades;
- d) julgar a destituição de Diretores de Pavimentos aprovada pelo Presidente do CA;
- e) estabelecer o valor das mensalidades a serem pagas pelos moradores;
- f) pronunciar-se sobre a admissão e demissão de funcionários;

- g) convocar o respectivo suplente, quando qualquer membro do Conselho se afastar temporária ou permanentemente de suas funções;
- h) examinar a escrita e a prestação de contas de cada órgão da CEU;
- i) interpretar o Regimento, zelando pela sua boa aplicação, e propor à Superintendência Acadêmica as alterações que julgar necessárias;
- j) baixar instruções, visando ao bom funcionamento da CEU;
- k) promover eleições para provimento das vagas do Conselho Administrativo a ser empossado no período seguinte;
- l) elaborar o Regimento Eleitoral;
- m) encaminhar à Reitoria, através da Superintendência Acadêmica, relatório e balanço correspondentes ao período de sua gestão;
- n) submeter à consideração da Superintendência Acadêmica os casos omissos.

Capítulo II

DA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

Art. 7.º — A Presidência do Conselho Administrativo será exercida por um conselheiro eleito para tal fim, pelo prazo de um ano.

Art. 8.º — Ao Presidente compete:

- a) convocar e presidir as reuniões do Conselho Administrativo;
- b) cumprir e fazer cumprir o presente Regimento;
- c) promover todas as medidas consentâneas com o desenvolvimento e as necessidades da CEU;

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Prof. DR. EDUARDO E. FARACO, Reitor

Prof. DR. IVO WOLFF, Vice-Reitor

Prof. MARCEL MARQUES LETTE
Superintendente Administrativo

Prof. JOSEPH ALBERTO FURTADO
Superintendente Acadêmico

EDITORA DA UNIVERSIDADE

ELABIO H. HICKMANN, Coordenador

Conselho Editorial

ANA IRIBE DO AMARAL
FLAVIO LOUREIRO CHAVES
JUDITE LANG PINHEIRO ALVES
JOSBARA PAVSARDI DA CUNHA

DA DENOMINAÇÃO, DA LOCALIZAÇÃO E DAS FINALIDADES

Título I

Art. 1.º — A CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO (CEU), instituição assistencial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), destina-se a servir de moradia a alunos da UFRGS, carências de recursos, oferecendo-lhes ambiente propício ao desenvolvimento da personalidade e de estímulo à solidariedade universitária.

Parágrafo único — Serão reservadas na CEU dependências destinadas a alunos de cursos de pós-graduação, especialmente quando estes decorrem de convênios com instituições que estabeleçam obrigações habitacionais.

Art. 2.º — Para a consecução dos seus objetivos a CEU promoverá atividades assistenciais, sociais, culturais e recreativas integradas nos programas da UFRGS.

Título II

DA DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA CEU

Art. 3.º — A CEU será dirigida por um Conselho Administrativo (CA) e administrada por um Administrador.

CONFERE O E DEVERAS NA ORATORIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL. PARA A EDIÇÃO NA
BIBLIOTECA FEDERAL DO RIO GRAN-
DE DO SUL. PORTO ALEGRE/RS.